

### **ULYSSES BITTENCOURT**



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS 1918 - 2018

# **RAIZ**

(CRÔNICAS)



Coleção Pensamento Amazônico Série João Leda – v. 32



# NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.















## **RAIZ**

## **ULYSSES BITTENCOURT**



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS (1918-2018)



#### DIRETORIA BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

**EULER ESTEVES RIBEIRO** 

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

**ABRAHIM SENA BAZE** 

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes
SERGIO VIEIRA CARDOSO
JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

#### **ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

## SUMÁRIO

alavra do Presidente	7
a mesa do editor	9
aiz	.11

#### © Ulysses Bittencourt, 2021

Coordenação Editorial José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira, José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso, Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico Marcicley Reggo

Imagem da capa © Aleks\_Sg/Envato

Digitalização dos originais Roumen Koynov

Ficha catalográfica Ycaro Verçosa dos Santos - CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B624r Bittencourt, Ulysses, 1916-1993

Raiz. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de

Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf) Coleção Pensamento Amazônico.

Série João Leda - v. 32;

ISBN 978-65-86325-42-3

1. Literatura brasileira – Crônica I. Título

CDD B869.45

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98). Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

#### 2021

#### REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361 N. Sra. das Graças - Sala 303 69053-110 - Manaus-AM



### PALAVRA DO PRESIDENTE

#### Robério dos Santos Pereira Braga

presente obra que a Academia faz reeditar é de autoria de Ulysses Uchôa Bittencourt a quem me ligam laços de profunda amizade, de tal ordem que dentre os guardados que reúno como joias raras, possuo, desde 2002, quando foi ofertada pelo cineasta e professor Flávio Araújo Lima Bittencourt, a conferência proferida pelo notável escritor Ulysses Uchôa Bittencourt (1916-1993) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, no Seminário de Estudos em grupos do Projeto Rondon, em 1977, sob o título de *Ocupação do vale amazônico*, uma de suas peças de valor.

Trata-se de importante professor, antigo aluno do Ginásio Amazonense Pedro II, de Manaus, médico veterinário formado na Escola Nacional de Veterinária, e bem especializado, jornalista, membro titular da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, da União Brasileira de Escritores, do Clube da Madrugada, e um dos amazonenses mais ilustres de sua geração, vocacionado para as relações sociais e a vivência intelectual, descendente da estirpe do professor Agnello Bittencourt que foi mestre de muitos mestres e pesquisador incansável.

Ulysses Bittencourt embora graduado em área de seu interesse, teve o exercício profissional desviado para a administração pública em 1939, ao ser nomeado prefeito municipal da cidade de Guarapuava, no centro-sul do estado do Paraná, entre a cidade de Curitiba e Foz do Iguaçu, nas margens da BR 277, em cujo período realizou gestão honrada, exemplar e eficiente, com apenas 23 anos e recém-formado em curso superior. Seguindo a

tradição da família, desde o avô, foi membro proeminente da Maçonaria Brasileira, e editor da revista da Grande Loja do Brasil, do Rio de Janeiro.

Além de inúmeros artigos publicados em jornais e revistas do país, marcou destacada presença na Revista da Academia de Letras e publicou *Raiz* (Rio de Janeiro: Copy e Arte, 1985), este que agora se reedita, no qual recompõe a sua memória sobre a terra de seu nascimento, amigos, política, sociedade e educação. Outros livros são *Povoamento da Bacia Amazônica* (Porto Alegre, PUC, 1988 - conferência proferida na PUC-RS) e *Patiguá* (Rio de Janeiro: Copy e Arte, 1993), Benjamin Lima, na Série Memória, textos bastante referenciados por outros importantes autores em questões regionais. Foi um exímio memorialista. Inscreve-se, ainda, como autor dos prefácios das obras *Pintura brasileira contemporânea*, de João Medeiros. São Paulo: Mundo Musical, 1976 e *Aventura no lago amazônico: o campeão no Aiapuá* (romance), de Amílcar Perlingeiro. Niterói: Arnaldo Carlos Castelanni Editor, 1969, dentre outras.

A Academia tem a honra de publicar um de seus trabalhos, e fazer circular em rede mundial de computadores realçando sua obra e a personalidade de verdadeiro embaixador do Amazonas.

#### DA MESA DO EDITOR

#### Acadêmico José Braga

livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o "livro sem papel" muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

## **ULYSSES BITTENCOURT**

# RAIZ

## **COPY & ARTE**

Rio de Janeiro 1985

#### RAIZ

ULYSSES BITTENCOURT
Da Academia Amazonense de Letras
Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil
União Brasileira de Escritores/Amazonas

#### AO ESCRITOR GENESINO BRAGA

"Seus estudos, empreendidos e compostos com o gosto da achega erudita, dão-nos o tempo perdido, unicamente reversíveis pelas veredas da restauração histórica a que se alia o dom criador da expressão literária" — JOSUE MONTELLO

1985 — Centenário de nascimento de BENJAMIN LIMA e de Olimpio Martins de Menezes 67º da Academia Amazonense de Letras

### ÍNDICE

	-		
Apresentação	5	1022 1092	74
Raiz	7	1933-1983	76
Velha rua	8	O certo por linhas tortas	78
Por que não?	10	Solo pródigo	79
Estilos	12	Uma cerimônia	81
Nosso ontem, nosso hoje	14	Falar javanês	83
No tempo das carruagens (I)	16	Coisas de lembrar	84
No tempo das carruagens (II)	18	O Cine Guarany	86
Recordando tio-avô	21	Um museu nas sombras	88
Antiguidades	22	Verve popular	90
Estória de tesouro	23	Aventura sexagenária	92
Manaus - 1940	25	Apetites	94
Um sabor de passado	27	Velho caso forense	96
Murmúrio do tempo	29	Velharias atuais	98
Memorial e êxtase	31	,	100
O Amazonas e Portugal	33	A era da penicilina	102
A Cézar o que é de Cézar	35	Ontem e hoje	104
Antes da Ponta Pelada	37	Washington em Manaus	106
O entrudo e seu tempo	39	Pela graça do bom convívio	108
O carnaval e o seu espírito	40	O Rio de Janeiro amazonense (I)	110
Coronelato nativo	42	O Rio de Janeiro amazonense (II)	112
Festividade antiga	44	O Rio de Janeiro amazonense (III)	114
O olho grande	46	O colunismo e sua força	116
Os Muras – tribo extinta	48	Confraternização	118
Estória de onça	50	Não ficção	120
Cobra grande	52	Canto de alcova	122
Relembranças	54	Colaboração climática	124
Nossos pregões	56	O arquivo discreto	126
Fatos e nomes	58	A lição de um "Habeas-Corpus"	128
Presença mineira	60	No Paiz das Amazonas (I)	131
Em forma de coração	62	No Paiz das Amazonas (II)	133
Das brumas do passado	64	Nova flor do Lácio	135
Fatos sombrios	66	Ainda a flor do Lácio	137
As amargas também (I)	68	Literatura regional	139
As amargas também (II)	70	O baile	141
Crime e audácia	72	Justas homenagens	143
E o tempo levou	74	Finis	145

Diagramação, arte-final, capa e produção gráfica Jocenir Ribeiro

Impressão: Copy & Arte Av. Franklin Roosevelt, 126-Slj. 202-RJ Tel.: 262-1681

1el.: 262-1681

Castelo - Rio de Janeiro - RJ

As crônicas aqui reunidas foram publicadas, em sua quase totalidade, pelo jornal "A CRÍTICA", de Manaus, além de outras, a partir de 1983. Elas falam sobre pessoas de hoje e de ontem, apreciam algumas obras novas concernentes ao Amazonas e, sobretudo, evocam locais, fatos, personagens e estórias de um passado às vezes recente de nossa terra.

Evitando prolixidade, procurei ser sempre direto em transmitir coisas que ouvi contar pelos mais velhos, ou das quais fui testemunha ocular, com a possível clareza, dentro da intenção espontaneamente proposta de não julgar, não agredir, não ferir nem magoar ninguém, pois isto seria contrário a minha filosofia de vida. E tal postura existencial deve ser coisa atávica, porque o mesmo aconteceu com meu avô, meus pais, e acontece com meus irmãos e meus filhos, para alegria nossa, na doce tranquilidade dos que não temem e por isso amam seus semelhantes.

Por uma razão qualquer, meus escritos desta série tiveram, desde seu início, certa repercussão e cordial acolhida por parte dos conterrâneos amigos, sempre generosos e solidários. Mesmo considerando este aspecto de generosidade, confesso que o fato me surpreendeu tanto quanto me lisongeou.

Convém esclarecer que o aparecimento deste livro se deveu à carinhosa insistência daqueles amigos, no sentido de se preservarem certas informações e de se facilitar, em um só volume, o acesso às mesmas. A idéia tomou corpo a ponto de sua publicação ter sido anunciada pelos companheiros do Clube da Madrugada, antes até de estar definitivamente adotada a decisão. Mas valeu o incentivo e o resultado aqui está.

## Raiz

Conheci mundos e gentes Coisas várias Nos quatro pontos cardeais Mas é madrugada Agora Deito na rede Manaus Emerge a primeira infância Sempre No embalo da rede, nitidez A noite vira dia Colorido: A rua Dr. Moreira Dona Zulmira Presença de anjo: Mestre Agnello Presença de rei; Café com beiju Cola, serol, suor, Papagaios empinados Cheiro de manga-rosa, O bonde cantando nos trilhos. Os bilros da Tia Velha Em seu ritmo tecendo Rendas de um passado imperial Meu reino, riqueza rara, Raízes na terra fértil: Igarapés Cupuaçu Abio Taperebá No solo quente da amizade A claridão vive chegando Passado e presente um só Neste chão, com seu mistério, A alegria de estar Deste chão, em volta dele, Minha força de viver Raia o sol Da rede (uma tarrafa) Recolho os sonhos do dia. Raiz e futuro, Um só.

### Velha rua

A Rua Doutor Moreira, antes Rua do Espírito Santo, é uma das mais antigas de Manaus. A validade de evocá-la não decorre de alguma característica diferente, mas, do fato de ser uma via tradicional, igual a tantas outras, e por ser assim típica torna-se importante. Vê-la, através do tempo, acompanhar suas transformações, lembrar dos seus detalhes e das ocorrências de que foi palco, recordar as atividades que nela transcorriam no dia-a-dia, é ver e sentir também toda Manaus, um pouco à maneira do arqueólogo que, dispondo para exame de pequenas peças encontradas, parte para a descoberta de todo um magnífico espécime desaparecido.

O nome daquele logradouro homenageia o Dr. Antônio José Moreira, irmão de Guilherme e de Emílio Moreira, e que foi médico da Armada Imperial, vindo da Província da Bahia para a do Amazonas, onde ingressou na política, tendo si-

do Deputado Geral várias vezes, desde 1857 até a legislatura de 1878.

Quem hoje percorre a Rua Doutor Moreira não pode ter nenhuma noção de como foi ela até pouco antes do advento da Zona Franca. Tranqüila e predominantemente residencial, era bem arborizada, ladeada de casas com sobrado; possuía pavimentação de pedras do rio Negro, irregulares, num tom cor-de-rosa (que foi substituída, em 1930, pelo Prefeito Professor Marciano Armond), cortada ao centro pelos trilhos dos bondes; parecia menos estreita e era dotada de calçadas um pouco menores, mas formadas inicialmente por mosaicos ou blocos inteiriços de mármore de Lioz, com o "meio-fio", em perfeito arremate do mesmo material.

Ainda lá estão vários dos seus prédios originais, como, por exemplo, os sobrados patriarcais de azulejos portugueses em que viveram as famílias Hildebrando Marinho e do Dr. Abílio Nery; o chamado "Vaticano", em que agora reside o Senador Evandro Carreira, e que por muitos anos, pertencente a sua família, fora hospedaria para numerosos estudantes e empregados no comércio; a dos meus Pais, na qual nasci e nasceram todos os meus irmãos, antes n.º 20, atual 88. Das que foram demolidas, podem-se ressaltar duas — um chalé com beirais de madeira rendilhada, em centro de terreno, elevava-se cerca de 2 metros do nível da rua, onde morou o ex-Deputado José Gonçalves Dias, em frente ao número 78; a outra, simples porém vasta, foi a casa de estilo colonial de meu tio-avô Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, já demolida, outrora famosa não só pelas grandes recepções, mas porque nela nasceu o Ideal Clube, como tão bem registrou Genesino Braga em "Assim Nasceu o Ideal".

Todos os moradores da rua eram não apenas conhecidos antigos, como realmente amigos uns dos outros.

O grosso das compras para abastecimento se fazia pela manhã, bem cedo, no "Mercado Público", geralmente voltando-se acompanhado por um carregador. As bolsas eram usadas, como também avantajados tabuleiros de madeira, que os serviçais transportavam na cabeça, equilibrando-os sobre uma grossa rodilha de estopa. Havia duas mercearias (na época chamadas tabernas), vizinhas, ambas em esquinas da Rua Quintino Bocaiúva — a "Mão Negra", mais tradicional, e a "Póvoa do Varzim" Frutas eram adquiridas de duas pequenas quitandas (uma ainda existente), ou, sobretudo, de vendedores ambulantes que passavam a toda hora, anunciando de modo altamente sonoro as suas mercadorias, bem como o padeiro, o "teo-teo" e

compradores de jornais velhos. De repente, no começo da rua, surgia com suas barulhentas rodas de madeira e ferro o carro verde do geleiro, veículo fechado, revestido de folha de zinco, com os dizeres: "Gelo Crystal", de Miranda Corrêa e Cia. e puxado por um cavalo que parava em cada porta para a entrega de "pedras" de gelo de um, dois ou cinco quilos.

Acordava-se muito cedo, lá pelas seis da manhã, ou antes, já com a habitual

estridência do jornaleiro.

Nessa ocasião as atividades domésticas tinham início, as casas reacendiam a lenha nos fogões. As portas se abriam e assim permaneciam até após o jantar. O almoço era ao meio-dia, toda a família reunida; havia merenda com mesa posta. A rotina era ir dormir lá para as dez horas, no máximo. Depois do jantar, algumas pessoas levavam cadeiras para a calçada, em frente às suas moradias e aí ficavam conversando, "vendo o movimento", pois, de quinze em quinze minutos, passava, bem iluminado, o bonde "Plano Inclinado", que ia até a Fábrica de Cerveja e voltava pela Rua Marcílio Dias.

Os roubos eram raros e os acontecimentos de casa acabavam no domínio geral da vizinhança. As doenças, falecimentos, os partos, aniversários, tudo ganhava relevo e repercussão. Era uma solidariedade verdadeira, nascida de demorada convivência.

Ali funcionaram várias instituições de ensino — o mais antigo, o "Liceu Amazonense", de propriedade do Dr. Jonathas Pedrosa; depois, o "Instituto Universitário Amazonense", do Professor José Chevalier, a "Escola Royal de Datilografia", da Professora Hilma de Medeiros Thury; a "Santo Antonio", do Prof. Alfredo Garcia; a "Escola Brasileira", do Prof. Pedro Silvestre e a "Zulmira Bittencourt", da Família Tupinambá.

Além das pessoas mencionadas (em relação de memória) viveram naquela rua as famílias Simpson, Ermindo Barbosa, Prado Lins, Raymundo Monteiro, Rebello, Queiroz, Pereira da Silva, Soriano de Mello, Filizzola, Arnoldo Peres, Medeiros Raposo, Frazão Ribeiro, Vasconcelos, Salomão Benchimol, Maneco Soares, Constanti-

no Pessoa, Fadul, Tude Gomes da Costa.

Um dos primeiros moradores, ainda na velha "Espírito Santo", foi o meu bisavô Tenente José Ferreira Ribeiro Bittencourt, ali falecido em 1881. Por trás da casa dele passava um igarapé (que fica sob a Av. Floriano Peixoto) pelo qual se podia ir de canoa até o Igarapé de Manaus. O mesmo, antes de canalizado e coberto, terminava à altura do antigo Cinema Politeama. Ainda quando chamada rua do Espírito Santo, Custodio Pires Garcia fez construir um grande palacete, parte central do hoje Quartel da Polícia Militar.

Na Dr. Moreira morou durante dezoito anos o sábio Barbosa Rodrigues e, por bastante tempo, a Família Alves Ferreira, tendo aí nascido o Prof. Arthur Reis. No local veio a instalar-se o Colégio do Prof. José Chevalier, onde, em 1909, nasceu o

Ramayana.

A tradicional rua já foi maior do que é hoje, transformada em fervilhante artéria comercial; todavia, era aprazível e, em sua pacatez, muito mais cheia de personalidade. Evocando-a, diríamos: – "Ai de ti, querida velha rua!"

## Por que não?

A amigos meus, após sua primeira visita a Manaus, pergunto sempre o que acharam da nossa Capital. E as respostas, por tão numerosas quanto praticamente unânimes, passam a merecer — segundo entendo — um registro e a consideração devidos, por parte de todos os que se interessam pela nossa terra.

Repetem aqueles visitantes: o povo é bom, educado e hospitaleiro como se possa imaginar, a Zona Franca é rica, bem provida e tentadora, embora os preços sejam algo bem mais altos que o esperado (ou sonhado); no tocante à comida, aos pratos e temperos típicos, há uma divisão de opiniões, uns apreciam, outros não; o calor é "brabo", mas suportável; e surge a pergunta indefectível — por que não há ARBORIZAÇÃO nas ruas de Manaus?

De tão repetida, nos últimos tempos, a pergunta incômoda passa a ser também minha.

Examinando item a item as mencionadas observações, ficamos, todos nós, ufanos em saber que a tradicional simpatia e a costumeira hospitalidade manauaras, apesar do maciço acréscimo do elemento ádvena atraído pela Zona Franca, não se modificou, não sofreu colapso e isto é reconhecido pelos turistas de passagem, mesmo num contato primeiro e breve.

Lembramos como foram atraentes os preços dos produtos estrangeiros, logo no início da Zona Franca, em sua fase incipiente de enfatizar o comércio, estimulando-o como atrativo, antes da implantação de indústrias novas, mas sabemos de sobra porque tais preços são tão mais elevados agora, após a desvalorização da moeda brasileira em relação às dos países ricos, somada ao aviltamento ininterrupto dos salários nacionais.

Reconhecemos, igualmente, que nosso clima é quente, sobretudo em alguns meses do ano. para os apreciadores de temperaturas menos altas, e não será de causar estranheza que um ou outro turista a isso se refira.

As preferências, em matéria de culinária, variam normalmente ao sabor de hábitos de infância e constituem uma forma requintada de cultura. Algumas pessoas estão (ou são) aptas a assimilá-la, outras não, e rejeitar este ou aquele tipo de comida não implica em crítica a determinado paladar. É mera questão de gosto, que não se discute.

Resta a observação final, contida na pergunta — por que Manaus não é arborizada? E a essa pergunta, por mais que pense — e talvez porisso mesmo — não consigo dar resposta.

Todos, com mais de quarenta ou cinqüenta anos, hão de recordar-se da cidade aprazível, limpa, de clima bem mais ameno, com suas ruas e avenidas cheias de árvores, geralmente "ficus" bem aparados e mangueiras frondosas e amigas. Era assim, por exemplo. na Rua Dr. Moreira, na dos Andradas, na Joaquim Nabuco, em várias ruas do Centro, em toda a volta da Praça São Sebastião, na da Matriz, na da Saudade, como em muitos outros logradouros públicos, em quase todos. E o que aconteceu, que subversão terá ocorrido de modo a que os principais responsáveis pela preservação das árvores, exatamente estes, viessem a exterminá-las? Que fato estranho terá jogado sucessivas administrações municipais contra as lindas, as pobres, as tão úteis árvores das ruas de Manaus?

De qualquer maneira, somente um lamentável desamor pode ter provocado ou permitido esse que defino como um terrível desfalque ecológico, tanto pelo aspecto da saúde pública, quanto do ponto de vista da estética urbanística. Londres é densamente plantada, como, afinal, todas as frias Capitais européias.

As nossas velhas árvores eram belas, enfeitavam, davam sombra, amenizavam o calor, forneciam até gostosos frutos. E foram, quase todas, uma a uma, derruba-

das. Por quê?

Não se trata de ser saudosista, mas sim da consciência de uma capitis de-

minutio, cuja solução é possível, além de necessária.

A cidade, muito arborizada, era bastante menor, ainda não se expandira para os inúmeros bairros novos de agora, onde existiam matarias, como em Flores, grande parte da Cachoeirinha, Vila Municipal (hoje Adrianópolis). O "Parque Dez" e a estrada que lhe deu acesso foram abertas na época do Dr. Álvaro Maia, em plena mata virgem. E anteriormente o "Tarumã", no governo do Dr. Ephigênio Salles.

Embora as residências urbanas de nossa Capital, obedecendo ao estilo português, fossem, em sua maioria, de prédios de pé-direito alto, desprovidos de jardins e dando diretamente para a rua, havia muitas chácaras nos arredores, várias delas habitadas por famílias da colônia inglesa. Lembro a do saudoso amigo Mr. George Brown, casado com a amazonense Evangelina Pinto Brown e cujo imóvel, ocupando toda uma quadra, possuía enorme pomar, cheio de árvores frutíferas e com algumas cabeças de gado importado.

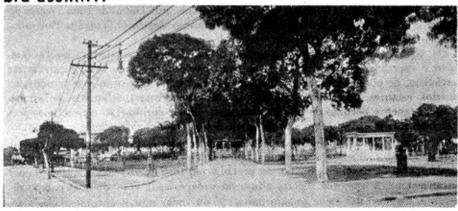
Embora bem mais moço que eu, o Governador Gilberto Mestrinho conheceu e terá amado muito aquela cidade adorável, adornada de verdadeiros monumentos botânicos. E, dentre os serviços que prestou e vem prestando à nossa terra, um dos mais apreciados, tenho certeza, seria este, de promover o replantio urgente das

árvores de Manaus.

Seria o caso de se pedir à competência técnica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia que se manifeste sobre a forma do replantio e os espécimes mais adequados.

È providência que tudo aconselha e nada contra-indica. Somente acarretaria muitos aplausos. Por que não?

#### Era assim...



Praça General Ozorio (Parque)

### Estilos

A cada ano que passa as casas de Manaus vão perdendo suas velhas características, quanto a fachadas, a aspecto externo, mas especialmente ao estilo interno. A passagem do tempo impõe essas mudanças e um novo jeito de viver substitui o anterior, por ser mais consentâneo às contingências da vida doméstica atual. Diante das moradias de construção recente ou dos apartamentos, quem chega de fora e quem nasceu há poucos anos terá apenas ligeira idéia — ou não terá idéia alguma — de como eram as residências urbanas de até bem poucos lustros, em Manaus.

Lembremos que a cidade teve a sua fase mais faustosa no início deste século e disso fez sua marca indelével por muitas décadas. Não somente foram erguidos numerosos prédios novos, em estilo neo-clássico e art nouveau, como se fez moda transformar os antigos, de feição colonial, adaptando-os aos padrões gerais que se consideravam mais modernos.

Assim, dos lares mais modestos aos mais abastados, tinha-se uma série de denominadores comuns que caracterizavam os interiores das casas, todas sempre muito limpas, mas sobrecarregadas de móveis e objetos. A matéria, na realidade, parece bem digna de um estudo.

Logo depois da prolongada rigidez surgida desde o neo-clássico, depois da era vitoriana, a belle époque teve um caráter de libertação, configurando o desejo comum de tirar dos ombros um pesado manto poeirento. E o art nouveau foi, precisamente, a expressão dessa vontade libertária, com a implantação de um estilo romântico, cheio de arabescos, arranjos florais, musas sob véus diáfanos. As casas de Manaus enriqueceram-se desse clima fantasioso. Por esse tempo, com a riqueza circulando em abundância e a classe média em seu mais alto patamar de disponibilidade econômica, chegou Manaus ao seu apogeu. Ainda pude ser testemunha desse modo de vida, embora já houvesse a crise se acentuado. Havia falta de dinheiro, mas os objetos permaneciam nos lugares. Muita riqueza material ainda vi; porcelanas, cristais dos mais finos, faqueiros de prata.

Salvo raríssimas exceções, no Brasil não se decoravam harmoniosamente as casas. Afirmou-o Maria Graham, com sua autoridade, no "Diário de Uma Viagem ao Brasil", em nosso primeiro Império, e confirmou-o depois D. Yolanda Penteado, recém-falecida, no seu livro "Tudo em Cor-de-Rosa".

Na Manaus que conheci, o padrão era bem definido e quase invariável — quadros e espelhos pendurados lá no alto das paredes, perto do teto; escarradeiras artísticas, de porcelana, fazendo também às vezes de cinzeiros; móveis pesados, armários, estantes, cristaleiras, cabides (na entrada das casas), estatuetas de bronze; poucos tapetes, cortinas de fios de contas ou vidro colorido (tão típicas!) nas portas internas; o soalho era contrastado em longas tábuas de acapu e pau-amarelo, alternadas, ou de pinho-de-Riga; chão fosco, desconhecendo o uso de cera, apenas esfregado habitualmente aos sábados, numa baldeação a vassoura de piaçava, paredes forradas de papel estampado, ou pintadas em tons claros, com ramagens e uma invariável barra simétrica a certa altura do rodapé, cada cômodo com padrão diferente, algumas das casas tinham paisagens ou cenas murais encomendadas a artistas-pintores. Aparelhos de rádio eram raridades e só começaram a surgir após

1927; numa ou noutra residência, um gramofone, mas piano havia em todas. Fogões sempre a lenha ou a carvão; comumente um só banheiro, com largo emprego de urinóis, peças numerosas em cada habitação e de todos os tipos e tamanhos. As plantas ornamentais eram colocadas em *cache-pots* de louça ou metal, ventiladores havia enormes, pendentes do teto; os aparelhos de ar condicionado só passaram a existir em 1940, sendo que o primeiro, ao que saiba, foi instalado na residência do saudoso amigo George Brown, na Vila Municipal, hoje Adrianópolis.

Os preparativos para as festas, fossem de casamento ou aniversário, incluíam a elaboração do aluá e começavam dias antes, numa azáfama intensa, pois, de acordo com um costume que mesmo agora se constata em alguns acontecimentos sociais, havia necessidade de preparar vitualhas para uma quantidade de pessoas muito superior àquela de convidados — e cada um, ao sair, levava invariavelmente um prato cheio de doces para os seus familiares que não haviam podido comparecer.

Essa, mais ou menos, a atmosfera geral das nossas casas de ontem, convindo arrematar com o esclarecimento de que os interiores domésticos, naqueles arranjos de arrumação que lhes davam o toque típico, eram presididos por uma quantidade e variedade surpreendente de objetos: pequenos vasos pintados à mão, molduras, porta-retratos, porta-jornais, rendas e panos bordados que se colocavam nos braços e no espaldar das cadeiras e em baixo de cada objeto visível, abafadores de flanelas escondendo bules de prata...

As casas de hoje, mais compactas em seus despojamento, são mais alegres e funcionais.

## Nosso ontem, nosso hoje

Nesta hora em que inundações sem precedentes submergem vastas extensões do Sul do País, e o Nordeste se abrasa numa de suas piores secas, enquanto as autoridades federais percorrem os credores da dívida externa brasileira de inacreditável montante, somos todos forçados a debruçar-nos sobre certas questões que, em tempos ordinários, não seriam pertinentes à nossa alçada. Com as transformações frenéticas impostas pelos fatores econômicos, é bem o instante da História adequado a uma avaliação do como está, diante do como era, sob o ponto de vista social.

Muitas vezes o cronista resvala para o chão instável de um assunto altamente especializado e pode cometer a leviandade de enganar-se. É o caso, por exemplo, da realidade econômica brasileira. Mesmo ressalvando a condição de leigo, se me atrevo a leve incursão por esse campo, é porque, nele, como lamentavelmente o Brasil vem acompanhando há tempos, têm-se enganado de maneira contínua os especialistas, os doutores, aqueles de quem, pelo seu renome, pelos seus altos cargos, vimos tendo a paciência lógica e patriótica de esperar um mínimo de êxito.

Estamos pagando o preço e sofrendo as conseqüências de fracassos administrativos ininterruptos, somados a azares naturais sucessivos. Como participantes do processo, por vítimas compulsórias que somos, creio oportunas algumas evocações em termos comparativos.

Tomemos Manaus como parâmetro.

No contexto do panorama global brasileiro, nossa Manaus, em direta decorrência de sua localização geográfica, apresenta situação sui generis, bastando lembrar que, por três vezes neste século, teve maior intercâmbio comercial com o exterior do que com o resto do País: inicialmente, com a riqueza trazida pela borracha; depois, quando o isolamento provocado durante a Segunda Guerra Mundial acarretou fosse a cidade abastecida diretamente pelos Estados Unidos, por meio da "Rubber Reserve Corporation"; agora, é a vez da Zona Franca.

Tal circunstância e as acentuadas altas e baixas por que passou no tempo, em vez de retirarem à nossa Capital uma posição de exemplo, para fins de análise, antes lhe realçam essa situação, pela nitidez definida com que ocorrem os fenômenos econômicos, em todos os seus reflexos. É um lugar em que fases de bonança e de pobreza se revezam de maneira inequívoca, apresentando contornos bem visíveis, dentro dos quais a classe média já flutuou airosa no passado, hoje debate-se perplexa e — tudo o indica — naufragará em breve. Mas tenhamos a certeza de que, embora com sérios prejuízos, sobreviverão todos ao naufrágio.

Voltemos um pouco ao passado.

Não havia nem uma quinta parte dos artigos indispensáveis de hoje, ou que o consumismo atual considera indispensáveis, tais como geladeira, televisão, relógios digitais, aparelhos de ar condicionado, aspiradores de pó, sofisticadas aparelhagens de som, etc. Havia, em contrapartida, urbanidade, casas com as portas abertas, ausência de ladrões, várias boas orquestras, uma certa calma, respeito geral, maior disponibilidade de tempo para tudo, especialmente para a cortesia. Dessa época, salta logo à mente uma lembrança de primeiro plano: a da fartura de comida e gêneros bássicos.

Quase não se via alguém comprar uma dúzia de laranjas, mas sim, centos; pencas de bananas, mas sim, cachos; quilo de carne, mas sim, a peça toda, um filé inteiro, um lagarto completo, toda uma tartaruga. Camisas, lençois, pijamas, lenços, meias, eram adquiridas às dúzias, dificilmente por unidade. As mesas eram sempre postas para numerosas pessoas e com tal abundância que, se na hora da refeição ehêgasse um grupo inesperado, a comida já preparada chegaria para todos. Sempre eram servidos peixe, galinha e carne em diversos tipos de preparo, além das guarnições de acompanhamento e sobremesas. Aos jantares havia sempre uma sopa antecedendo os outros pratos. Quantidade de arroz e feijão eram cozinhados diariamente e o que sobrava era jogado fora, nada aproveitando-se para o dia seguinte.

Essa prática, em semelhantes proporções, era a mesma usada em muitas casas de Manaus da minha juventude. O interessante é que esse hábito não significava requinte ou riqueza, porém — sem que disso as pessoas se dessem conta — a parcela destinada a gastos com a comida não era coisa que pesasse muito nos orçamentos

domésticos.

Aparentemente - poder-se-ia concluir - // ficou tudo tão caro que se foi aos

poucos tornando inacessível. Mas será isto real?

A classe média, vítima de um achatamento progressivo, tem sentido reduzir-se seu poder aquisitivo. É a riqueza mudando de mãos. A mudança de forma, no entanto, é a que ora viso. A primeira vista, com a permanente ascensão dos preços, pensamos ter ficado cada vez mais pobres. Porém, com exceção da classe média e de casos pessoais isolados da corrente geral, entendo que isso é verídico somente em parte, se atentarmos para a variedade muito maior dos objetos de que hoje se cercam as pessoas e dos quais, antes, elas nem sequer dispunham.

Dentro da oferta e da procura, há no mercado de consumo uma substituição permanente de valores: com a mesma quantidade de riqueza, no tempo, deixa-se de ter determinadas coisas (jóias, pratas, porcelanas, certos enfeites), para se terem assistência social, carro, eletrodomésticos. E assim, um toque de nostalgia pode quase sempre levar-nos a supor que possuímos, no presente, menos do que possuíamos no passado, quando temos um acervo ou uma disponibilidade financeira equivalente, só que transformados ou dirigidos a outros tipos de gastos. O incremento das vendas a prazo veio acelerar esse processo, tomando bastante acessíveis certas aquisições difíceis no passado, como a da casa própria, das viagens, dos carros, entre várias outras.

O propósito destas considerações é o de convidar os leitores a um balanço consciente e objetivo do estado atual de cada um e do Brasil, um balanço lúcido e

sereno, expungido de pessimismo.

Aos moços, sobretudo, proponho uma larga dose de otimismo, um apaixonado crédito de confiança e de amor a nossa Pátria, acima dos governos que nela se sucedam; e que semeiem muito, em todos os campos da atividade humana, para que possamos superar um dia os magnos problemas de agora, nossas dívidas, o aviltamento de nossa moeda, a terrível sujeição aos interesses do poder econômico estrangeiro e outras tantas agruras atuais, e consigamos conduzir nossa terra tão fértil, tão boa e generosa ao alto destino que, de coração, todos lhe desejamos.

## No tempo das carruagens (1)

O trajar, o modo de vestir-se, é indicativo sociológico de um aglomerado humano, assim como o inverno e o verão determinam a indumentária. Indica, principalmente, a capacidade econômica, o grau de civilização, o bom-gosto de um povo. O assunto é de despertar interesse, embora, num primeiro relance, seja frívolo. Não o é, na realidade, se considerarmos que a roupa é a expressão do gosto, das influências e sensações de cada região, em cada tempo da História.

As artes, em geral, incluindo a literatura, refletem apenas o melhor, a elite do pensamento humano, enquanto que as vestes, sendo usadas por todos, traduzem os reflexos de todas as camadas sociais, e porisso pesamicom um certo outro valor no estudo mais abrangente da sociedade no tempo e no espaço, em termos de caracterização de seu estado de espírito. Daí o sucesso imenso alcançado há pouco, no Metropolitan Museum de Nova York, com a exposição ali realizada de trajes da

"Belle Epoque".

Às grandes transformações sociais correspondem, proporcionalmente, amplas modificações dos vestuários. Um bom exemplo disso, é o mencionado por Duff Cooper no excelente trabalho biográfico que escreveu sobre Talleyrand: decorridos trinta e oito anos desde sua última visita à Inglaterra, o Príncipe volta a Londres em 1830, como embaixador de França junto à Corte de Saint James, já octogenário. Ali estivera em 1792, fugindo da Revolução, à qual tentara aderir e nessa ocasião calçava sapatos de fivela, meias brancas com ligas, calções de seda, colete e casaco de veludo bordado, punhos e peitilho de rendas, chapéu de três bicos, peruca empoada, com trança e rabicho com laço à Luiz XVI, bengala alta, capa tipo pelerine e locomovia-se em carruagem ornamentada com dourados. Quando retornou para exercer a embaixada, 38 anos depois, já ocorrida, no período, a Revolução Francesa, com suas profundas consegüências sociais, o ex-Bispo de Autan vestia calcas compridas, colete e sobrecasaca de casimira cinza, gravata de seda e sobretudo, usava cartola, bengala baixa, cabelos naturais aparados e era transportado em sóbrias carruagens despojadas de ouropéis, tipo diligência. Convenhamos, foi uma alteração radical.

O Amazonas veio a conhecer uma grande prosperidade com o surto de valorização da borracha, verificada a partir de pouco antes do final do século passado e

isso acarretou sensíveis mudanças em sua sociedade.

É importante levar em conta que, naquele tempo, praticamente não existia toda esta gama de opções em valores e qualidades gradativas de hoje, para as coisas de consumo em geral. Ou se vestia cetim francês e casemira inglesa, ou morins e zuartes muito inferiores, de algodão barato; ou se comia em lindas porcelanas importadas, ou em pratos de ferro esmaltado, ditos "de ágata"; ou se usavam talheres de prata, ou de metal de péssima qualidade.

Com o dinheiro farto gerado pela borracha, logo a moda européia, francesa ou inglesa, se alastrou com rara intensidade. Importava-se e copiava-se largamente, mas já seguindo uma tendência anterior, bastando recordar a informação que prestou a esse respeito o naturalista Alfred Wallace em seu livro "Viagens pelo Amazonas e

Rio Negro" (Edições Brasiliana), após visitar Manaus entre 1850 e 1851.

Mas, voltemos à virada do século. passando a palavra ao Professor Agnello

Bittencourt, em seu "Fundação de Manaus — Pródromos e Seqüências", com autoridade de testemunha ocular: "A população vivia à européia, viajando para o Velho Mundo, especialmente Paris. As famílias de projeção enviavam os filhos a estudar no estrangeiro, e em suas casas eram abundantes a prataria, os cristais Baccarat e a porcelana de Limoges. Embora — conforme estudos que há tempos procedi — a temperatura média de Manaus fosse mais baixa uns dois e meio graus centígrados que a de agora, ainda assim, o calor às vezes era grande. Mas, não menor a elegância da época — as mulheres espartilhadas e vestidas até os pés em pesadas sedas; os homens, transpirando em seus fraques, "croisés" e casacas, muitas vezes talhados em Londres, cartola ou chapéu-coco, colete, peito engomado e colarinho alto, sob a forte canícula ou nos animados bailes, tão freqüentados nos palacetes particulares em suntuoso estilo "fin-de-siècle". É de lembrar, no entanto, que o Amazonas foi o primeiro, talvez, a adotar a indumentária de linho irlandês, o famoso HJ, acompanhado de chapéu-do-Chile".

O bom-senso do terno de linho branco, por sua vez, também foi trazido ao nosso Estado pelos estrangeiros; ingleses, americanos e barbadianos. Mas, antes disso, não é difícil imaginar o verdadeiro "banho turco" em que se movimentavam

os habitantes destas paragens tropicais, naquele tempo.

Além do formalismo exagerado, o uso de tais peças era incômodo. Como, no calor de Manaus, poderia alguém andar ao sol ou à sombra com roupas tão quentes, caminhar, dançar e frequentar as solenidades, sob vestes assim torturantes? Só captando bem o espírito da época, daquele tempo, se poderá hoje compreender o fenômeno.

Quem sabe justas as críticas que se farão a nós próprios daqui a sessenta, oitenta anos? — se a camisa esporte somente agora começou a ser usada habitualmente!?

## No tempo das carruagens (II)

Sob seu forte calor tropical, na Manaus do começo deste século, como se tra-

javam nossos avós?

Segundo pesquisas, a indumentária completa das senhoras, já abolidas as "anguinhas" vitorianas, era simplesmente a seguinte: meias de seda ou fio d'Escócia; ligas; sapatos rasos ou botinas amarradas até o meio das canelas, em pelica ou verniz, para o dia, sempre com saltos ditos "de carretel"; calcas finas bordadas, da cintura até pouca acima dos joelhos; sutiã de tecido fino ou espesso, conforme a anatomia a que se destinasse; sobre o busto, ainda uma bata curta e solta, de cambraia bordada; espartilho de seda ou de lona, com cordões de atracar e talas removíveis de barbatana de baleia ou metal flexível; sobre o espartilho, uma ou duas anáguas longas, usualmente de cambraia bordada e engomada ou de tecido grosso para evitar transparências inadmissíveis; combinação longa, de alcas, com bordados, feita de cambraia de linho ou de seda; em cima de tudo isso vinha o vestido talar que, se não fosse de baile (hipótese em que se permitiriam amplo decote e ausência de mangas), seria inteiramente fechado, do pescoço aos pés, com mangas compridas ou até os cotovelos; os mais leves confeccionados em cambraia ou cassa; e em sedas lisas ou adamascadas, às vezes mesmo em veludo, os mais formais. Era indispensável o uso das luvas longas, em napa ou em "peau-de-Suède", para o dia, além dos chapéus imensos e emplumados; para a noite, um arranjo de cabelo, uma tiara, ou pena, apontando para o alto.

Nessa época não era elegante usar nenhum "rouge" ou baton, embora abusassem do talco e do pó-de-arroz. Não era só aqui. A tal propósito lembra Luiz Edmundo, em seu livro "O Rio de Janeiro do Meu Tempo": "Não há pintura de olhos, de lábios, nem de rosto. As mulheres cariocas são figuras de marfim ou cêra, visões maceradas evadidas de um cemitério"... Foi para contornar esse problema, aliás, que D. Carolina Nabuco, filha do grande tribuno e abolicionista, e ela própria escritora de escol, adquiriu uma sombrinha de seda cor-de-rosa – como contou sobre certa passagem de sua juventude – sob cuja translucidez conseguia banhar o rosto de festivo colorido, levando com isso boa vantagem sobre as contemporâneas. Mas só na

rua e guando havia sol.

Por sua vez, os cavalheiros amazonenses não ficavam atrás. Usavam ceroulas; meias de seda, com ligas nos jarretes; sapatos de entrada baixa ou botinas de amarrar, de elástico ou de botões (fingindo polainas) sempre na cor preta, em pelica ou verniz; camisas de cambraia de linho, mas com peitilho duro, punhos altos e colarinhos engomados; gravatas de seda, estreitas ou "plastrons", borboletas ou laços "à Lavalière" (aquele laço grande e solto usado de preferência pelos pintores e boêmios); calças, colete de fustão ou linho, chapéu-côco e bengala. O casaco podia ser paletó mesmo (considerado bastante informal), fraque ou sobrecasaca ("croisé") sendo este último o traje de passeio mais formal, devendo ser negro, usado com calças listradas e cartola, embora houvesse alguns elegantes (como Raul de Azevedo) que o usassem cinzento, num cúmulo de requinte. A partir das dezoito horas, qualquer solenidade (casamento, banquete ou baile) já exigia o traje a rigor casaca, sempre com colete e gravata borboleta brancos, luvas, sapatos de entrada

baixa, em cromo ou verniz, bengala de castão de ouro (as bengalas com o chamado "cabo-de-volta" eram incompatíveis com a roupa, a rigor). Com a casaca era usado o "claque", cartola com molas permitindo fechá-la ou abri-la, tornando-a mais portátil. As casacas somente eram usadas durante o dia em cerimônias oficiais (e aí exclusivamente com colete preto). O "smoking" começou a ser usado como roupa de rigor menos severo, exclusivamente para noite. Tanto na casa de meu Pai como de meu Avô, ainda vi armários (ditos "guarda-casacas") com aquelas indumentárias já em desuso.

É interessante acrescentar que, até pouco antes da Proclamação da República não havia gelo em Manaus. Tudo era refrescado em tinas d'água. Depois começou a apareceriem blocos, vindos em navios estrangeiros e conservados em depósitos, com sal grosso. Somente em 1910, a fábrica dos Miranda Corrêa começou a

abastecer de gelo a cidade.

Mesmo assim, e sob suas roupagens, a população continuou a apreciar o chocolate quentíssimo, coberto de uma camada de gema batida, para conservar a alta temperatura.

É o caso de pensar – aquela gente devia ter muita resignação e força de von-

tade...



Lázaro Bittencourt

### Recordando tio-avô

Nas incursões da memória ao mais longo do tempo, descubro a figura do Tio Lázaro, lembrando a pessoa longilínea de Dom Quixote. E o era em sua boêmia de caboclo e modo de vida simples: alto, magro, bem posto, com fartos bigodes grisalhos.

Tendo recursos para estudar, preferiu não fazê-lo, ao contrário dos irmãos, que se projetaram no Magistério e na Política. Dedicou-se à marcenaria que lhe dava sustento confortável. Gostava de vestir-se bem, conforme os longevos comprovantes fotográficos; chegou mesmo a mandar fazer casaca, "croisé" e fraque confeccionados na Alfaiataria Raunier, do Rio de Janeiro — logo que foi eleito Vereador e Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Manaus.

Notabilizou-se como homem engraçado, notável contador de estórias, que era de fértil inventiva. Embora sem leituras, sabia contar um caso como ninguém — gestos comedidos, porém teatrais, com os comentários que faziam rir o interlocutor ou ouvintes, por mais banal que tivesse sido a ocorrência. Por exemplo: ficando viúvo, o inventário de sua primeira esposa arrastara-se por onze anos, com despesas, exigências, necessidade de comprovações tudo isso em desproporção com o valor dos bens: uma casa, dois terrenos de menor valor. Concluído o inventário e feita a partilha, o Tio encontra na porta do Palácio da Justiça um Desembargador seu amigo, que lhe diz: "Como é, Seu Lázaro, satisfeito com o término do inventário?", ao que recebe a resposta: "Claro, doutor, ainda consegui escapar com a vida!...". A maneira de dizer a coisa, sem raiva, fez o Desembargador contorcer-se de rír.

Quando morreu a sogra, mandou construir um túmulo todo de pedra "para não medrar...

Por sua habilidade como conversador, o Tio Lázaro era figura exigida em muitas ocasiões. Os Governadores Constantino e Silvério Nery não dispensavam sua presença em qualquer festa, passeio ou pescaria. Mesmo depois que houve a separação política das famílias, diziam que a amizade deles nada tinha a ver com os fatos políticos. Alguns "achados" criativos me foram contados pelo saudoso amigo Júlio Nery – ainda jovem na ocasião –, como aquele do jumento importado para produção de muares, que, ao chegar ao Sítio Amatary, levou um coice no olho; no primeiro sábado Silvério e Tio Lázaro foram lá e este, quando viu o estado do padreador, pronunciou: "desinfeliz!", o nome que foi dado à alimária.

Um fato anterior aconteceu e merece registro: festejavam o último dia do século dezenove e o jantar foi acompanhado de muito vinho e licores. Um dos assuntos da conversa foi o de bárbaro assassinato e grande roubo havido na véspera. Sonolento, meu Tio pendurou o paletó do terno novo no espaldar da cadeira, deixou as janelas abertas e nem viu a passagem do século. Na madrugada de primeiro de janeiro de mil e novecentos, acordou e viu um vulto acocorado. Não teve dúvidas: engatilhou a espingarda belga que conservava ao lado da rede e interpelou o "assaltante". Como o vulto se moveu sem responder, Tio Lázaro atirou. Os da casa correram ao aposento e o encontraram lastimando o buraco feito no fraque cinzento que pendurara na cadeira e que o vento que entrava pela janela parecera animar. Os chumbos, além de arruinarem a roupa nova, haviam atingido a carteira com as cédulas. Passado o susto, houve gargalhada geral, e fora uma das suas melhores piadas e já a primeira do ano novo.

Ele. sério, jurou que nunca mais beberia em qualquer outra passagem de

século...

## Antigüidades

Quiosques eram pavilhões de madeira ou de metal nos quais, outrora, se estabeleciam pequenos comerciantes de cigarros, doces, bebidas ou jornais. Até enfeitavam as praças e jardins públicos, como ainda hoje existem em cidades européias, sempre bem cuidados, servindo, também, para colocação de anúncios coloridos.

Em Manaus havia dezenas deles, como poderemos comprovar em velhos álbuns, tais como o "Anuário de 1913", o álbum de 1929, mandado editar pela Prefeitura Municipal e no recente "Manaus 310 anos", trabalho do querido artista João Antônio Barroso da Costa Lima, da Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia.

Acontece que Manaus está em decadência com a proliferação não mais de

quiosques elegantes, porém de barracões que a enfeiam e vulgarizam.

Nas ruas do Rio de Janeiro, no início deste século, surgiu um comércio espúrio, quase uma praga urbana, entulhando, sujando e enfeiando as vias públicas. Eram os quiosques assim apelidados popularmente por causa do seu aspecto um tanto achinezado, constituídos de pavilhões de madeira, com janelas de vidro e tetos revestidos de zinco ou material encerado, sempre em formato esguio, altos, com beirais recurvos (daí sua denominação) e ínfimas dimensões internas, nas quais se dispunham, atravancadas, bebidas e comidas, para venda a preços populares. Tais pavilhões apareciam de um momento para outro, geralmente amanheciam plantados em determinado local sem permissão das autoridades municipais e se tornavam fato consumado, como acontece hoje com os "camelôs".

Esse comércio paralelo prejudicava os negociantes lojistas pagadores de impostos. Porém e principalmente – o quiosque, como ponto de convergência imediata de desocupados, se tornava um local barulhento e sujo para desagrado de

sua vizinhanca.

Conta Luiz Edmundo em seu interessante "O Rio de Janeiro do Meu Tempo" "Cada quiosque mostra, em torno, um tapete de terra úmida, um círculo de lama. Tudo aquilo é saliva. Antes do trago, o "pé-rapado" cospe. Depois, vira nas goelas o copázio e suspira um ah! que diz satisfação, gozo e conforto. Nova cusparada. E da grossa, da boa... Para cada cálice de cachaça há sempre dois ou três de saliva" E comenta, adiante "Contra o monstro do quiosque e sua freguesia reclamam as famílias, reclamam os homens de negócio, reclamam até as gazetas, por vezes, embora timidamente... Dizem todos: É uma vergonha! A cidade ainda é um povoado selvagem. Precisamos acabar com essa miséria! Mas ninguém tem coragem de com eles acabar. Os homens de estado encolhem-se. Os prefeitos desconversam. Os fiscais engordam..."

Quando Pereira Passos, em meio às obras notáveis que realizou na então Capital da República sob sua administração, pensava no meio possível de exterminar os quiosques, eis que – conta ainda Luiz Edmundo – "um belo dia, o povo desesperado e viril, fez o que se esperava que fizesse: surgiu na praça pública armado de latas de querosene e caixas de fósforos. E sumariamente os queimou".

## Estória de tesouro

Na crônica das riquezas produzidas e acumuladas pelo homem, houve sempre certa parcela de entesouramento privado, com dinheiro e bens escondidos (principalmente antes do Imposto de Renda...) e isso, através dos tempos, gerou a possibilidade de descobertas e muitas lendas daí decorrentes.

O Amazonas não poderia fugir à regra. Quando, por exemplo, deu-se a morte misteriosa de Eduardo Ribeiro, não foram poucos os boatos circulantes, na época, sobre a existência de valiosas jóias conservadas por ele, e que teriam desaparecido, até como provável motivo do "suicídio" inconvincentemente apresentado ao público. Este é um caso que permanece no rol dos fatos sem qualquer confirmação, das simples lendas.

Outro, de maior possibilidade e mais complexo, envolve uma certa quantidade de ouro e jóias que teriam pertencido ao governador Fileto Pires Ferreira. As circunstâncias que o cercam são estranhas e, no mínimo, fora do comum.

Fileto foi Oficial do Exército, integrando o grupo jovem que cercava e apoiava Benjamin Constant. Assistiu à Proclamação da República, tornou-se adepto de Floriano Peixoto e, por determinação deste, voltou ao Amazonas — onde já servira antes — tendo ingressado na política. Foi Secretário do Estado de Eduardo Ribeiro, depois elegeu-se e reelegeu-se Deputado Federal. Em 1895, mesmo sem maioria no Partido Democrata nem no Congresso Estadual, foi escolhido, por decisão do "Pensador" para seu substituto, através de uma fraude histórica. Organizou-se a farsa de uma votação espúria às dez horas da manhã, quando o horário regimental começava os trabalhos do Legislativo duas horas depois, fazendo-se disparar antecipadamente um rojão que, desde muitos anos, informava à população de Manaus a passagem do meio-dia. Daí o apelido famoso de "Congresso Foguetão".

Em 1896, o Capitão Fileto Pires Ferreira vence nas umas e é reconhecido e empossado como governador, de conformidade com o plano e desejo de Eduardo Ribeiro.

Operoso e contando com os recursos surpreendentes advindos do preço da borracha, ele foi um administrador de invejável brilho, tendo inaugurado o Teatro Amazonas. Em 1898, achando-se doente e considerando calma a situação política do Estado, deixa o cargo provisoriamente nas mãos do Vice-Governador Ramalho Júnior — como já fizera em duas vezes anteriores — e viaja para a Europa (Tive o privilégio de manusear os originais dos dois pedidos anteriores de licença, pertencentes ao arquivo da professora e querida amiga Magnólia Malcher Ramalho Nery).

Na ausência de Fileto, arma-se nova farsa, desta vez contra ele e pelos mesmos "amigos" que o elegeram. Consuma-se a renúncia que disse não chegara a formular e impede-se sua volta a Manaus, cidade a que nunca mais pôde retornar, até sua morte, ocorrida em 1917.

Fileto mandara construir um dos mais belos prédios residenciais de Manaus, que se erguia em terreno alto, na Avenida Sete de Setembro, hoje reduzida aos alicerces. Anos depois a casa senhorial é adquirida por um conhecido empresário amazonense e ali fatos inusitados começam a acontecer, conforme reportagem es-

tampada em jornal. Alguém sonhara com um aposento secreto, o qual veio, na verdade, a ser descoberto sob a cozinha. Era um quarto de chão batido, desprovido de móveis e que voltou a ser fechado por falta de serventia. Simultaneamente, um vigia da casa, cearense muito humilde e de família numerosa, passou a sonhar com um homem vestido de preto. Tendo visto um retrato de Fileto e, sem sequer saber tratar-se do antigo dono do imóvel, afirmou ser aquele o vulto que havia visto em sonho, pedindo-lhe alguma coisa. Apavorado, pediu substituto. Enquanto o proprietário da casa procurava novo empregado, eis que certo dia o cearense viaja de avião com toda a sua numerosa prole, indo para a terra natal. Todos ao saberem do fato atribuíram-no ao encontro e retirada de alguma coisa de valor. Nada mais se soube a respeito, mas a lenda ficou, com a idéia de que o tesouro de Fileto foi descoberto e aproveitado.

## Manaus - 1940

Já tive oportunidade de manifestar, desta coluna, minha alegria pelo lançamento do novo livro de Thiago de Mello (Manaus — Amor e Memória), que focaliza nossa cidade de quando era ainda ginasiano o querido poeta, isto é, Manaus da década de 40.

O assunto da obra, por si mesmo, e a maneira como ele é ali tratado me trouxeram ao espírito uma série de considerações sobre algumas diferenças profundas acarretadas pelo tempo no conjunto dos hábitos citadinos. Dizer-se apenas que o curso dos anos produz alterações seria uma afirmação puramente acaciana. Mas, no caso, trago à baila, sem qualquer pretensão de profundidade sociológica, ou de especulação psicológica, um aspecto específico, que, de certo tempo para cá, tem atraído a curiosidade — é o de que a existência de um núcleo ou parte central de cada aglomerado urbano serve como fator de convívio mais intenso e de mais expressiva confraternização. É o desaparecimento desse núcleo ou centro, como recíproca — seja por sua subdivisão ou por outro qualquer motivo — reduz a facilidade de aproximação dos cidadãos.

A ordem de raciocínio é bem simples. Tomemos como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, cujos bairros, em sua infra-estrutura setorial, até cerca de vinte ou trinta anos atrás, dispunham somente de um comércio sem grandes lojas, agências bancárias, tabeliães, supermercados, porém apenas sapateiros, armarinhos, padarias, quitandas, pequenas mercearias (daí ter havido a necessidade de criação, desde 1922, das feiras-livres), pois todo o comércio importante se encontrava no Centro, onde se localizavam os consultórios, escritórios, bancos, drogarias, cinemas, teatros, repartições públicas, o Foro, etc., com isso obrigando a população a freqüentar, com objetivos de trabalho, diversão, compras, consultas médicas ou outros, um mesmo limitado perímetro.

Circulando pelas mesmas ruas, encontrando-se quase obrigatoriamente nos mesmo lugares, as pessoas conviviam mais, viam-se maior número de vezes e acabavam por conhecer-se melhor. No Rio, antigamente, os amazonenses eram encontrados aos grupos na antiga e extinta Galeria Cruzeiro; hoje reúnem-se em plena Avenida Copacabana, sob a presidência do velho amigo Carlos Onety de Figueiredo, sendo os mais constantes: Dr. Jorge Mendes, Francisco Castello Branco, Zenith Pimentel, Simas, Ilídio Araújo, Mario Silva, Simon Benemon, Julio Marques, Péricles Toledo, e Aristófanes Queiróz.

Hoje — embora haja exceções como o Grajaú, a Urca e parte do Leblon, que se conservam ainda quase exclusivamente residenciais — os bairros cariocas constituem verdadeiras cidades que independem do Centro e se intercomunicam menos, portanto.

Fenômeno semelhante ocorreu em Manaus e provavelmente estará acontecendo em todas as cidades do mundo.

Nos idos da década de quarenta, para se encontrar praticamente toda a população da cidade, seria bastante ficar percorrendo a Avenida Eduardo Ribeiro. Em horas variadas, todos ali passariam com certeza, mais cedo ou mais tarde. Senhoras visitariam o Salão de Beleza de Madame Mesody, saíriam de lojas ou da "Sessão das Moças" dos cinemas "Avenida" ou "Odeon"; os cavalheiros viriam do Palácio da Justiça, das repartições, de seus escritórios. Cerca das dezessete horas, os homens de terno |caroá ou linho davam uma "parada" no Bar Americano, na Leitaria Amazonas ou no "Café Leão de Ouro", para um bate-papo antes do jantar.

A cidade, muito menor, oferecia essa vantagem enorme da concentração que aproxima e de sua área determinada em que todos se encontravam. Quando o sol desaparecia, todos tinham-se visto na Avenida, tinham-se cumprimentado, havia intercâmbio de idéias, e nem se davam conta de que aquele tipo de convívio ameno, aquela solidária forma de estímulo coletivo viria a desaparecer com todo um estilo de vida, como desapareceriam muitos dos próprios protagonistas. Hoje, sabe-se que havia menores pressões, não existia bomba atômica e o encanto de viver tinha outro ritmo.

Mas isso, convenhamos, já tem quarenta anos.

Novos bairros surgiram, Manaus cresceu, espalhou-se por sua periferia. E seu velho Centro só mantém ainda um certo poder de concentração de pessoas em trânsito, porque nele se vieram instalar os Bancos e parte das lojas da Zona Franca, perdendo o sentido de fator de envolvimento social que possuía no passado.

# Um sabor de passado

Nascidos na proximidade da linha equatorial, os do Amazonas somos um povo acentuadamente voluptuoso. Manifestação muito patente desse condicionamento telúrico é o entranhado amor que temos pelas comidas de nossa terra.

Na sua universal sensibilidade, Carlos Drummond de Andrade captou bem o fato e externou-o em preciosa crônica intitulada "Delícias de Manaus", reproduzida

em um dos seus livros.

Evoco alguns sabores de infância, na certeza de que irão provocar as próximas férias, em Manaus, daqueles que vivem em outros Estados. Sabores que estarão gravados na lembrança de numerosos contemporâneos exilarcas. Em seu livro "Manaus — Amor e Memória", o poeta Thiago de Mello menciona sensações análo-

gas.

Exemplificando: a "Kola Champagne", produzida juntamente com o tradicional guaraná e o "Mate Efervescente", pela Fábrica Andrade, saborosíssimo refrigerante de cor ligeiramente rosada, que deixou de ser fabricado por causa do alto custo de seu preparo quase artesanal; as balas de guaraná feitas durante certo tempo pelo grande amigo e industrial Freitas Pinto, segundo fórmula sua, com aspecto semelhante ao dos "Rebuçados de Lisboa", mas bem superiores em gosto; as "tapioquinhas" vendidas em Flores, no final da linha de bondes, por senhoras vestidas de branco (feitas na hora, havia as adocicadas, com coco ralado, e as salgadas, apenas com manteiga derretida); os "mata-fome", da Confeitaria Jaú, de milho, populares e baratos, vendidos na fábrica à rua Rui Barbosa e em vários pontos da cidade, por doceiros ambulantes; o fantástico pão com chocolate da Fábrica Bijou, situada na Sete de Setembro (dentro da massa de pão fino era introduzida uma barrinha de chocolate que depois de levado ao forno era servido ainda quentinho, à maneira do atual pão de batata, mineiro); as mangas e ingás apanhados das árvores, com varas ou "bole-bole" e devorados na mesma hora pela gurizada, contra as recomendações das mães, que condenavam a ingestão de frutas ainda quentes; as deliciosas pitangas que nasciam nas alamedas do Cemitério de São João Batista, igualmente proibidas, por provirem de tal solo, por isso mesmo inigualáveis em docura...; o sorvete de creme da "Leiteria Mimosa", que existiu na Praça Oswaldo Cruz, em frente à Estação dos Bondes, no mesmo prédio onde antes funcionava a "Bolsa Universal", bem como os sorvetes de frutas da "Leitaria Amazonas". Certa feita, em 1940, esteve em Manaus o Mestre de Estatística e Professor Lauro Sodré Viveiros de Castro, a fim de fazer conferências na Sociedade Amazonense de Professores. Foi designada uma comissão constituída pelos Professores Augusto Rocha, Paulo Mello Rezende e este cronista. Depois de uma das palestras, fomos, os quatro à Leitaria Amazonas e cada um pediu sorvete diferente: o cupu, bem branquinho; o acaí, vermelho escuro; o buriti, amarelo forte e a sorva, de cor verde! O visitante perguntou se em algum deles teria sido usada a anilina, por ver tão belas e variadas colorações.

Havia ainda, naquele tempo. as "Balas de Rosas", finas pastilhas sob encomenda e com exclusividade, se me não engano, feitas pela família Ximenes, e cuja fórmula não repartiam com ninguém, os maracujás-do-mato que nasciam agrestes e abundantes na mataria da Vila Municipal, hoje o luxuoso bairro de Adrianópolis. os pedaços de gelo puríssimo (de água não filtrada) ganhos das carroças do "Gelo Crystal". de Miranda Corrêa e Cia. (em meio a um jogo de bola ou empinação de papagaios, ao sol escaldante, o geleiro acabava cedendo aos rogos da meninada e dava um bloco de certo tamanho, que era espatifado e cada fragmento consumido como um refrigério); o cafezinho e o mungunzá servidos nos fundos do Mercado, na passagem para o açougue de tartarugas, onde eram mortas cerca de cinqüenta por dia...

De tudo isso resta uma impressão vívida, que tantas décadas de distância não conseguem esmaecer naqueles que moraram em Manaus.

# Murmúrio do tempo

Entre os mais belos versos da língua portuguesa estão os do poeta Luiz Bacellar, quando diz: "Há tanta angústia em cada prédio/Em cada pedra — nua e gasta/". Sente-se neles, como também nos de "Balada das Treze Casas" e "Balada da Rua da Conceição", a existência de uma alma própria em todas as coisas.

Como as criaturas, cada pedra, cada casa tem a sua saga, a sua história, boa ou má.

Alvaro Moreyra, que pelo espaço de quarenta anos não voltava a Porto Alegre, revendo a casa em que nasceu, encontrou-a um local de diversões noturnas e escreveu então deliciosa crônica intitulada "A casa que caíu na vida!...".

Estas considerações vieram a partir da lembrança da Velha Praça da Saudade, antes Largo da Saudade e anteriormente, ainda, Largo Cinco de Setembro. Aquele logradouro era cercado de enormes mangueiras e muitas vezes foi remodelado por prefeitos zelosos. O sugestivo nome "Saudade" surgiu espontâneo, visto que o local era constituído pelo jardim fronteiro ao Cemitério de São José, área escolhida por nossos bisavos por ser fora do centro da cidade, e que veio a substituir, em 1858, no Govemo Feneira Pena, o primitivo Campo Santo de Nossa Senhora dos Remédios, sendo que este, por sua vez, se localizava na Rua da Cruz, atual Leovegildo Coelho. É oportuno lembrar que a Rua da Cruz assim se denominava por causa da grande cruz de madeira existente à entrada da necrópole, bem em frente ao Templo Maçônico de hoje. Após uma epidemia de cólera, o cemitério dos Remédios foi fechado e, mais tarde, sua área foi adquirida por meu tio-avô Lázaro Bittencourt, que ali fez construira primeira casa de moradia do quarteirão.

Mas, voltando à praça da Saudade: lo Cemitério de São José foi fechado, também, anos depois, em seguida a um surto de varíola, quando se abriu outro em São Raimundo.

Ainda ecoa em nossas recordações, o barulho dos bondes nos trilhos e vivem nítidos em nossa memória os trajetos "Saudade-Instalação" e "Saudade-Eduardo Ribeiro", indo e vindo em seus horários ingleses.

A Praça da Saudade foi sempre objeto de especiais atenções e cuidados, mesmo em sua primitiva modéstia, talvez pelas dimensões regulares e atraentes e por sua localização privilegiada. Ensombrada por mangueiras frondosas, era uma tentação pan as brincadeiras e jogos de futebol da garotada. Somente em 1933 veio a sofrer profunda transformação, quando o então prefeito de Manaus, Tenente Emmanuel de Moraes, mandou pôr abaixo as velhas árvores e encarregou de modernizá-lo o saudoso professor Olympio de Menezes. Elaborado e aprovado o novo projeto e mandado construir, numa das faces, um conjunto de casas para sorteio entre os funcionários municipais, transferiu-se para o centro da praça o imponente monumento em mármore e bronze, com a estátua do fundador da Província, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, antes localizado à praça que possuía seu nome, hoje rebatizada Adalberto Valle, ao lado do "Hotel Amazonas".

Depois da remodelação, a Praça da Saudade, ficou realmente mais bela, substituídas as mangueiras originais por pés de magnólias e acácias importadas da Europa. Hava pérgulas com "bougainvilles", contrastando suas florações vermelhas com o chão verde de grama bem cuidada.

Num dos lados, exatamente onde existiu o Cemitério de São José, muitos anos após, já no início da década de 40, foi edificada a sede do Atlético Rio Negro Clube, sendo que, pelos outros três lados, a praça era completada em seu contorno por boas casas de antigas residências, revezando-se os modernos bangalos, com as vetustas moradias vindas do século passado e do início deste. Segundo Solon Gonçalves, na Praça da Saudade, existiu a sede do Tênis Clube, fundado no Bosque Municipal, onde havia quadra para aquele esporte, por Francisco Andrade, Edmundo Pacheco, Jacob Benoliel, seu irmão Vinicius e por ele próprio. Mais tarde ó referido Clube foi para o terreno da esquina com a Av. Epaminondas, "onde está hoje o Instituto de Ortopedia do Dr. Jayme de Paula Gonçalves. No prédio ao lado ficou a sede, com a parte social".

Pelo seu requinte, chama a atenção o palacete na esquina da Rua Ferreira Pena, que foi conhecido como a casa do Juizado, por terem nele residido durante vários anos o Juiz Federal Manoel Xavier Paes Barreto e sua família. Foi construído no começo do século e consta haver sido seu primeiro ocupante o chamado "Banco do Tostão", criado em 1903, cujo capital foi formado pela cobrança de um imposto sobre a exportação da borracha. Ali moraram, por alguns anos, conjuntamente, os casais Dr. Benjamin Lima e Prof. Agnello Bittencourt, concunhados, que pagavam o aluguel mensal de oitocentos mil réis. Foi lá que nasceu, em 1912, o famoso criminalista Carlos de Araujo Lima, cronista de "O Abraço da Semana". Depois sucederam-se naquele prédio a Secretaria Estadual de Educação e a Reitoria da Universidade do Amazonas, e, atualmente, ocupa-o a Secretaria de Estado do Interior e Justiça.

No primeiro governo do Professor Gilberto Mestrinho, foi construído, dentro da própria praça, um edifício destinado à Secretaria de Educação e houve a idéia de fazer-se, em tomo, um Centro Universitário, aproveitando os prédios já existentes.

A Praça da Saudade é prova eloquente de que os amazonenses com dinheiro, amor e bom gosto, souberam plantar e à geração presente cumpre preservar.

### Memorial e êxtase

Estas reminiscências vêm a propósito do incêndio ocorrido em dias da semana passada, na Rua Tamandaré, que consumiu velho prédio da cidade, em mais um desfalque urbanístico.

Para quem, em 1933, deixou Manaus no auge da crise econômica, porém se conserva fiel no seu amor, em vindo anualmente revê-la, sejam permitidos alguns comentários sobre o decurso desses cinquenta anos, para a relembrança dos contemporâneos e informação aos que chegaram depois.

No crescimento de uma cidade é natural que se altere, com o tempo, a arquitetura e o seu modo de vida, de acordo com a evolução e a riqueza pública. Manaus, felizmente não se descaracterizou demais no tocante ao seu traçado, continuando o Centro da cidade como no início do século, apenas acrescido dos arranha-céus. O

resto foi a expansão horizontal.

Onde houve violentação de fato foi no particular, ou seja, nos detalhes, a comecar pelo desaparecimento de Pracas Públicas e prédios antigos. Das muitas Pracas - e algumas bem arborizadas - a população perdeu a "Duque de Caxias", onde foi construída a Escola Técnica; a "General Osório", transformada em estádio de atletismo; a "Antonio Bittencourt", chamada popularmente de Praça do Congresso, muito diminuída em seu tamanho original; a "Ribeiro Júnior", agora avenida muito útil para o trânsito; a "Arthur Bernardes", frente ao Grupo Escolar que teve aquele nome; a do "Pobre Diabo", onde se realizavam os festejos de "boibumbá" e quermésses religiosas, a diminuição da Praça da Saudade, com a construção de um prédio público; a Praça Quatorze, também muito reduzida; a "Tenreiro Aranha", agora Adalberto Valle; e não conseguimos identificar as residências descaracterizadas ou demolidas, tais como: a Casa Espanhola, a do senador Lopes Goncalves, o Palacete Jonathas Pedrosa, todas na Sete de Setembro; a centenária casa dos Barroso, à rua do mesmo nome, o Grupo Escolar na esquina da Rua São Clemente, com a Avenida Eduardo Ribeiro que seria o Marechal Hermes; a elegante residência Maximino Correa e Grupos Escolares como o Gonçalves Dias, o José Paranaguá e o Antonio Bittencourt, que foram doados a terceiros por governos malfadados, na impossibilidade de recuperálos. Dois marcos da cidade foram tristemente alterados, pela necessidade do trânsito e pela inchação populacional, por coincidência os dois pontos extremos das linhas de bondes da "Manaus Tramways": a Praça Oswaldo Cruz, de onde partiam, e o fim da sua maior linha, de nove quilômetros, local denominado "Flores". Agora é difícil saber-se onde ficava o grande e tosco barração, com mesas e cadeiras, onde se consumia a X.P.T.O. - a então melhor cerveja do Brasil - e o guaraná Andrade - o único. Havia um enorme realejo que tocava com a aposição de uma moeda de quatrocentos réis; perto da "estação-botequim" passava um igarapé, cujo concessionário cobrava dois mil réis para um bom refrigério. Muitas famílias faziam deste recanto o seu programa de domingos e feriados, sendo que à noite a freguesia era outra... Cerca de um quilômetro antes de "Flores" havia um chalé, o primeiro inquilino foi o seringalista do Javari, Ulysses Uchôa, que esteve lá com a família entre os anos de 1902 a 1905, chácara bem em frente à do Pensador, onde Eduardo Ribeiro faleceu misteriosamente, em 1900.

O citado chalé, por muito tempo abrigou o Asilo de Mendicidade e, mais tarde, o Hospício Eduardo Ribeiro, onde permanece, estando o prédio totalmente modificado. Aquela região toda era um vasto pomar, com predominância de cajueiros e pitangueiras em todos os banhos particulares, chamados genericamente de "Chapada", sendo os mais conhecidos o do Dr. Armindo de Barros; dos Ingleses; o Sirio Libanés; o Bosque e alguns outros. No passar do tempo, como bem sabemos, todos os "banhos" foram desaparecendo por motivo de poluição. As águas claras, que permitiam ver as areias do fundo e pequenos peixes, passaram a ser barrentas e inaproveitadas. Surgiram então, para consolo, as belas piscinas... Um dos banhos, pouco acessível, porém atrativo para a rapaziada, principalmente do ginásio, era o do Igarapé da Cachoeira Grande, e, onde foi montada a primeira Rede de Canalização d'água potável, cuias bombas de sucção estavam à sua margem esquerda, no local chamado Represa. O Reservatório, por muitos anos desativado, foi recuperado pelo então 27 B. C., tornando-o enorme piscina pública, por volta de 1932. Ficava por trás do "stand" de Tiro do Exército, nas proximidades de onde está hoje o Conjunto Cidade Jardim. Nesta época ainda eram encontrados animais silvestres.

Mas o que realmente comove e constrange aos que viveram muito, foi a transformação da Praça Oswaldo Cruz, outrora movimentado ponto de encontro da população manauara e onde ficavam famosas firmas, como a "Booth" numa extremidade e a Sorveteria "Mimosa" na outra. Por trás, na Rua Tamandaré, existia um Cassino clandestino, muito frequentado; em frente ao velho prédio do Banco do Brasil, o Pavilhão Universal, cercado de frondosas mangueiras. Todo este centro de vida citadina foi diminuído de tamanho na escala descendente da pobreza e se transformando numa triste feira de cidade decadente.

Que Deus proteja a nossa cidade dos incêndios — alguns propositais — e conserve o restante de nossas tradições, a começa pelo velho "Alcazar"...

# O Amazonas e Portugal

Se o Brasil todo recebeu a forte influência da colonização portuguesa e por isso permaneceu unido e irmanado em tão vasta extensão territorial, dois de seus Estados — o Amazonas e o Rio Grande do Sul — foram objeto de uma ligação ainda muito mais estreita. É que no final do século dezoito ocorreu a migração de quase duzentas e cinqüenta famílias, algumas nobres, vindas dos Açores, do Cabo Verde, Faial, Madeira, e que se distribuíram em duas correntes, uma indo sediar-se no Sul do País e outra na então província do Grão-Pará e que, mais tarde, estabeleceu-se em Manaus.

Os resultados desse fato histórico são facilmente constatáveis, até com certa surpresa para quem dele não tiver conhecimento. Quando um amazonense percorrer o Rio Grande do Sul, hoje principalmente as cidades do interior, vai deparar com uma certa quantidade de inesperadas coincidências — na arquitetura urbana, no calor da hospitalidade, no jeito de arrumar as casas, no próprio estilo da "atmosfera doméstica", no uso especial de alguns termos e, com melhor nitidez, no emprego da segunda pessoa do singular, do tu, em vez da terceira pessoa, do você, usado quase sempre em todos os outros Estados da Federação, ficando esse tratamento como característica dos extremos Norte e Sul do Brasil.

No Amazonas, o entrosamento entre os portugueses e os locais foi muito bom e muito proveitoso de parte a parte. Nossa terra, por exemplo, proporcionou fortuna considerável a J. G. Araujo e, dele e de outros numerosos patrícios seus, recebeu a contribuição de um trabalho fecundo, honesto e fraternal. A todos acolheu bem e por todos foi em geral bem tratado, tendo a colônia granjeado o conceito de ser gente proba, digna, laboriosa, interessada mais em fixar-se em novas raízes do que em fazer fortuna e retornar à sua Mãe-Pátria. No presente, representando todos os irmãos portugueses, exemplifico com o nome de Emídio Vaz D'Oliveira.

Há setenta e três anos atrás, exatamente nos primeiros dias de outubro de 1910, a ocorrência de dois fatos paralelos fez também coincidir o destino de nosso Estado, com o de Portugal — ambos foram alvos de graves movimentos revolucionários.

A cinco de outubro de 1910, após distúrbios armados de monta, se tornou vitoriosa a corrente republicana e foi deposta a monarquia portuguesa. Como faltasse um lábaro para simbolizar o novo regime e substituir o deposto, ia sendo hasteada a bandeira brasileira nos redutos, quartéis, fortes ocupados pelos rebeldes. O Marechal Hermes da Fonseca, Presidente eleito do Brasil, mas não empossado, em visita protocolar, na ocasião saiu de bordo do encouraçado "Minas Gerais", para percorrer oficialmențe duas vezes as principais ruas de Lisboa, com diferença de poucos dias — uma vez em companhia do Rei D. Manoel II, logo exilado; e outra, a seguir, com o historiador Theóphilo Braga, primeiro ocupante da novel Presidência.

De tudo isto foi testemunha ocular o prof. Agnello Bittencourt, vindo de Londres a caminho de Manaus, e retido em Lisboa pela revolução.

Ao mesmo tempo, apenas três dias após, isto é, a oito do mesmo mês, a capital amazonense foi bombardeada pelo navio da guarnição federal. Sob os lamentáveis auspícios e declarada influência do senador Pinheiro Machado, prédios foram

destruídos ou danificados e muitas vidas sacrificadas, na tentativa de depor do governo o coronel Antonio Bittencourt. O frágil pretexto era o de que este seria proprietário de algumas poucas ações de um jornal (na verdade, ele passara adiante tais ações antes de tomar posse) mas a intenção dos agressores era a de que houvesse reação armada e, aí sim, essa reação, com a conseqüente morte de soldados e oficiais, passasse a ser o motivo real de um impeachment. O governador dispunha de superioridade de força, pois a Polícia do Amazonas era das mais bem equipadas da época (e fora a que, anos antes, entrara em Canudos, na vitória final, juntamente com a de São Paulo). Além disso recebeu apoio integral da população, entre perplexa e revoltada e com a adesão de homens como Adriano Jorge, Romero Estellita, Ephygenio de Salles e outros jovens intelectuais, que pegaram em armas. Porém, preferiu agir com bom senso. Recolheu-se ao Quartel da Polícia, impediu que fizessem reações, providenciou seu protesto na forma de um pedido de habeas corpus (ainda não havia o Mandado de Segurança) e teve sua assinatura secundada pela de todos os consules credenciados. Foi deposto, embarcou para Belém com luzida comitiva, onde aguardou providências oficiais.

Mas, ao contrário do infortúnio de D. Manoel II, Bittencourt voltou triunfante a Manaus, não só por decisão de Afonso Penna, como por determinação da mais alta Corte, em memorável decisão, de que nos dá conta Leda Boechat em sua "His-

tória do Supremo Tribunal Federal".

Hoje, em Manaus, a gente portuguesa e a amazonense é quase sempre uma só, pelos frutos dos casamentos havidos e da descendência desses frutos, a poder rememorar solidária, numa só família, esses acontecimentos antigos das duas terras distantes pela geografia, mas unidas pelo coração de seus filhos.

# A Cézar o que é de Cézar

Até hoje, uma das mais discutidas figuras políticas do Amazonas é o ex-governador César do Rego Monteiro. Evidentemente, foi um homem de inteligência e cultura, disso dando provas o fato de que conseguiu galgar, e com rapidez, sucessivas funções de relevo. A primeira delas foi a de Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado, de que chegou a ser Presidente, aposentando-se pouco depois, com o tempo de serviço anterior, de Sub-delegado de Polícia do Piauí, sua terra natal. Também sem ser propriamente político de carreira, foi eleito senador e, em seguida, governador do Amazonas para o quatriênio 1921-1924.

Menos detestado, por exemplo, que Dorval Porto, quando este saiu de Manaus em 1930, Rego Monteiro, todavia, realizou um governo elitista, profundamente antipático, sobretudo por não ter concedido audiências públicas, evitando de forma ostensiva qualquer contato com o povo. Talvez até que, num tempo de menores penúrias, tivesse podido mostrar alguma capacidade administrativa. Mas, ele encontrou o Tesouro arrasado, com apenas quatrocentos mil réis em cofre, e a borracha — que viria a baixar ainda mais — estava cotada a somente mil e quatrocentos réis

o quilo.

Em vez de se solidarizar com o sofrimento dos cidadãos que governava, se não por dever do cargo ao menos por compaixão — preferiu alheiar-se. Colocou-se numa espécie de "torre de marfim" e largou tudo por conta dos familiares, resultando que o escasso dinheiro recolhido ao Erário Público era repartido entre os escolhidos. (Leia-se "Para Melhor Fama da Lei de Imprensa", do Dr. Benjamin Lima). O funcionalismo em atraso prolongado, só recebiam, por um favor muito especial, aqueles servidores que cedessem parte de seus vencimentos aos apaniguados do Governador.

No seu utilíssimo livro "Síntese da História do Amazonas", o escritor José Souto Loureiro descreve com propriedade aquela época, inclusive a tentativa (que o Governo Federal frustrou) de um empréstimo de vinte e cinco milhões de dóla-

res, pleiteado junto a banqueiros norte-americanos.

Em boa hora Ribeiro Júnior, a 23 de julho de 1924, sublevou a guarnição local do Exército e, com o apoio de toda a população, derrubou o governodo Dr. Turiano Meira, genro de Rego Monteiro, em exercício na ocasião, pois o titular do

cargo passara-lhe as rédeas do Executivo e fora passear na França.

Entretanto, a intenção desta crônica é a de relembrar um pitoresco episódio bastante comentado naquele tempo e que se passou na copa do Palácio Rio Negro, no dia 19 de abril de 1922, pouco antes da realização do suntuoso "Baile à Segundo Império", oferecido pelo governador para comemorar conjuntamente seu aniversário e o de sua esposa.

Convém esclarecer que o situacionismo do Amazonas se fizera representar na convenção para o lançamento da candidatura de Arthur Bernardes à Presidência da República. Era conhecido de todos o fato de Rego Monteiro ser hostil à corrente política mineira e só anuíra, colocando nosso Estado entre os que aderiram a Bernardes, porque julgava garantida a vitória deste. Deflagrada uma reação dentro do Partido Republicano, sob a liderança de Nilo Peçanha, o Governador Rego Monteiro passa para o lado de Nilo Peçanha, até exagerando na campanha contra Bernardes, principalmente pelo jornal "A Imprensa".

Nesse momentos, surgiu no Rio de Janeiro a famosa canção "Ai, seu Mé", que logo passou a ser conhecida em todo o País. Em Manaus, tocava-a a própria Banda da Polícia Militar, autorizada pelo Governador. Lembro-me do estribilho: "Ai, seu Mé! Ai, seu Mé!/Aqui no Palácio das Águias, olé/Não hás de por o pé!"

Mas, nas urnas, venceu mesmo o candidato da convenção, Bernardes (1922-1926), logo recebendo de novo o apoio de Rego Monteiro, que se bandeou com seu jornal e voltou a entoar loas ao Presidente eleito. Rapidamente, todos esqueceram a música do "Ai, seu Mé", com exceção, todavia, de um papagaio muito loquaz, existente na cozinha do Palácio Rio Negro. O "louro" não era um estrategista político e nem tomara conhecimento das mudanças havidas, continuando a entoar, em alto e bom som, o agora inconveniente estribilho.

Um pouco antes de iniciar-se o referido baile, Rego Monteiro resolveu ir à copa le ao ouvir a cantoria do papagaio, disse aos assessores que o acompanhavam – "Este político é o único que tem caráter aqui..."

#### Antes da Ponta Pelada

As reminiscências podem parecer piegas, mas não para os que viveram intensamente o passado. Uma das maiores emoções dos amazonenses, até o final da década de 1930, eram as chegadas de navios, antes do desenvolvimento da aviação civil, quando o Estado do Amazonas não possuía nenhuma estrada de rodagem, a não ser aquela que ia para o Mindu, ou, além de Flores, até o Tarumã. O nosso único meio de transporte para o resto do mundo residia nos navios do LLOYD BRASILEIRO, da BOOTH LINE, com os seus "liners", "Boniface", "Hilary", "Anselm", "Hildebrand" e "Policarp", e os da "AMAZON RIVER", confortáveis "vaticanos" (além dos "gaiolas" e "chatinhas"), que, de dezenas deles, inicialmente, conheci reduzidos a quatro: "Distrito Federal", "Cuiabá", "Fortaleza" e "Vitória".

Os do LLOYD, embora velhos, eram confortáveis e eficientes. E de tanto ouvir falar neles, os seus nomes nos eram familiares, como: "Campo Salles", "João Alfredo", "Duque de Caxias", "Baependi", "Pedro I", "Prudente de Moraes", "Comandante Ripper", "Almirante Jaceguai", "Affonso Pena", "Poconé" e tantos outros, que faziam primitivamente a linha de Montevidéu a Manaus, percorrendo todo o litoral brasileiro, enquanto que os da Companhia "AMAZON RIVER" — encampada pelo governo brasileiro, em 1940, com o nome transformado para "SNAPP" — fazia o percurso de Belém, Manaus, Iquitos. Eram navios mistos, predominantemente de passageiros, sendo que os barcos ingleses iam para Liverpool, levando os nossos conterrâneos para a Europa e a carga completa em castanha do Amazonas e madeira de lei. Várias vezes viajei a Belém nesses navios, a fim de lá tomar um "ITA", cujas embarcações não vinham até Manaus. Era uma opção que se fazia, até, viajando em confortável 3.ª classe.

Antes semanais, os do "LLOYD" foram tendo reduzidas suas viagens, chegando o nosso porto a passar 120 dias sem nenhum deles!... No final dos anos trinta, a aviação comercial começou a desenvolver-se e compensou o triste isolamento.

Era sempre festivo para a cidade o dia da chegada de um desses navios, trazendo os amigos de volta e o abastecimento de certos gêneros insubstituíveis, como açúcar (uma lei protecionista do Sul proibia plantar cana), café, sal e outros produtos essenciais. Havia o hábito da população de ir ao "roadway" — como era chamado —, para passeio e recepção a conhecidos, sempre havendo alguém importante que era distinguido com a Banda de Música da Polícia Militar, ou pessoas ilustres nas caravanas anuais promovidas pelo "TOURING CLUBE DO BRASIL", naqueles belos tempos dirigido pelo nosso extraordinário embaixador e professor Mário Jorge Couto Lopes.

A época o "flutuante" era do povo. Todo ele estava sempre aberto à visitação, constituindo programa predileto, não só nos dias de chegada de amigos, como para refrigério, ou apenas ainda, para apreciar a lua cheia em aprazível companhia...

A cidade vista do rio Negro era um presepio, destacando-se a velha Matriz,

ainda sem os altos edifícios atuais.

De todas as emoções do passado, uma das mais profundas e perduráveis era o regresso a Manaus, quando o "vapor" ía-se aproximando e aportava ao cais repleto de amigos!

Lembro várias chegadas do TOURING, trazendo excursionistas em esmerada

programação.

Em 1941, a PANAIR DO BRASIL (subsidiária da PAN AMERICAN), localizou, nas proximidades do Bairro dos Educandos, o seu aeroporto, cujos hidroaviões antes encostavam no seu flutuante ao lado do "roadway". Eram aviões para seis ou oito passageiros (com direito a 30 quilos de bagagem), cuja rota era feita em três dias, com escala em Belém, Recife e Rio de Janeiro. Foi quando a expressão "aquatizar" passou a ser comum.

Nas despedidas havia tristeza, mesmo quando não eram definitivas ausências. De uma das partidas da Cidade Risonha, ficou indelével aquela em que certo grupo cantou a música de sucesso da ocasião, em 1942: "Um lenço branco acenando,

querendo a dor sufocar..."

### O entrudo e seu tempo

Quando hoje nos preocupamos, cheios de justas razões, com a escalada ascendente de violência que nos cerca e envolve, seja na distância do plano internacional, seja na proximidade da calçada pela qual transitamos, será oportuno lembrarmos, para melhor avaliação do assunto, que, pelo menos em termos de carnaval, a coisa já foi outrora bem pior que atualmente, nos grossos tempos do entrudo.

No Brasil, a prática do entrudo veio da era colonial e estendeu-se até o final

do século passado.

Cândido de Figueiredo, no seu dicionário, dá o vocábulo como sinônimo simples de carnaval, com origem na palavra latina "introitus", que o notável Santos Saraiva traduz como "ação de entrar; entrada". Já o Aurélio explica melhor o nome ao defini-lo brasileiramente, como folguedo carnavalesco antigo que consistia em lançar uns nos outros água, farinha, tinta, etc.

Em mais de um dos seus artigos, Genesino Braga evocou velhos carnavais amazonenses. E Agnello Bittencourt, no seu livro "Fundação de Manaus — Pródromos e Seqüências", descrevendo a cidade que ele viu ir se transformando pelas grandes reformas de Eduardo Ribeiro, registra, descrevendo a cidade no ocaso do século XIX, que "o carnaval era um pouco rude, e o "entrudo" invadia e sujava as

residências, mas sem quaisquer ofensas".

Não havia, de início, músicas especialmente feitas para os festejos carnavalescos. Nos salões, o divertimento transcorria ao compasso dos mais ligeiros rítmos, das mais animadas polcas, mazurcas, valsas e quadrilhas já conhecidas. E nas ruas, antes do uso comportado e romântico do corso em carruagens e, depois, em automóveis, dos desfiles de carros alegóricos, dos ranchos, havia foliões isolados, quase sempre mascarados e com disfarces e alguns bandos — como agora os remanescentes "blocos de sujos" e "clóvis", corruptela de "clowns" — divertindo-se em tocar o "Zé Pereira", quando havia instrumentos para isso ou apenas em fazer barulho com latas, tambores, apitos e bexigas de boi cheias de ar e amarradas na extremidade de uma vara. Havia os chamados "assustados", que consistiam em irem à casa de um conhecido e transformá-la em festa improvisada.

A turma do entrudo estava sempre munida dos chamados "limões" que eram pequenas cabaças feitas de cera contendo presumivelmente água perfumada. Mas nem sempre era esse seu conteúdo. Havia com talco, tinta, carvão em pó e, às vezes, até coisas piores... De preparo artesanal, tais cabacinhas possuíam consistências variadas e eram destinadas a arremesso para espocarem de encontro ao alvo; certas vezes pareciam pedradas. Depois do forte impacto, o conteúdo, cheiroso ou não.

Os alvos do entrudo tanto podiam ser transeuntes que se afoitassem a ir às ruas, quanto residências de conhecidos. Geralmente eram necessários dias para se limparem as casas, até com caiação, depois da brincadeira. E o jeito era agüentar, ter ou fingir bom humor, porém jamais reagir. Nada de tiros, facadas ou brigas por causa do entrudo, que isso era profundamente antiesportivo. Afinal, ele consubstanciava toda uma concepção de vida, mais simples, menos neurotizada e, sobretudo, até mais humana, hoje difícil até de compreender, de captá-la em toda sua extensão e em toda a sua força.

# O carnaval e o seu espírito

Com as transformações que as coisas sempre sofrem na passagem do tempo, o carnaval de hoje tem suas características próprias, sua graça, um certo tipo de animação, mas nele está muito diluído o aspecto cômico, o lado de intenção jocosa que apresentava outrora. Hoje há mais luxo e espetaculosidade.

Quando, no período carnavalesco, uma pessoa ou um grupo se propunha divertir-se, esse divertimento era inteiramente outro – poderia ir ou não a bailes, ou

ao corso, porém o intuito era de rir e fazer rir, de pilheriar.

Sob a segurança de máscaras, em fantasias que os disfarçassem, os cidadãos ficavam mais soltos, desinibidos e instintivamente tentados a tirar brincadeiras com

os outros, tendo antes tomado um "colete" de caju.

Soube de um médico, homem circunspecto, que em Petrópolis, durante todos os carnavais, vestia-se com roupas de mulher e, juntamente com os familiares, também disfarçados, saía à rua num pequeno bando irreconhecível de mendigos, na maior euforia. Gritavam a plenos pulmões, dançavam e iam sempre à casa de parentes e amigos perturbar um pouco. Pediam comida e dinheiro e, finda a folia, vinham com os bolsos cheios de moedas, às gargalhadas. Já na quarta-feira de cinzas, lá estava o impecável doutor descendo para o Rio, a fim de receber em seu consultório os clientes ilustres a muitos dos quais, incógnito, havia dirigido gaiatices.

Outro, um famoso advogado, figura atlética, ia aos melhores bailes vestido de Tarzan e, por cima, usava outra fantasia, um palhaço de amplos planejamentos e máscara. Sua esposa e um pequeno grupo de amigos ficavam avisados — com a roupa de palhaço ele agarrava um certo rabugento, nervosíssimo, notório pelo seu mau humor, desmanchava-lhe o penteado, beijava-o no rosto e arrastava-o à força para o meio da pulação, obrigando-o a dançar. A vítima ficava uma fúria, dava o maior escândalo, mas, ante os músculos do mascarado, nada conseguia. Depois de alguns minutos dessa brincadeira, o advogado corria à sua mesa, deixava a roupa de palhaço e, com a de Tarzan, ia novamente ao encontro do outro, a quem dizia — "Você viu por aí um palhaço todo de remendos coloridos, um da minha altura?. Ajude-me a achá-lo que ele foi impertinente com a minha mulher"...

Os disfarces, porém, nem sempre eram eficazes. Conta Luiz Edmundo em "O Rio de Janeiro do Meu Tempo": "Um dia Bordalo Pinheiro, que se achava no Rio, tendo-se metido dentro de um misterioso dominó azul, à porta de certa livraria, pergunta a Machado de Assis, que ia saindo — "Você conhece-me?" "Pela colocação do pronome", responde-lhe Machado, voltando-se. "É o senhor Rafael Bordalo Pinheiro, não é?"

Em Manaus, como no Rio de Janeiro, todos os anos, no camaval, havia quem contratasse carro de aluguel, lá pela década de 30. Aqueles formidáveis conversíveis (com "cadeirinhas" entre os assentos da frente e de trás) e, com fantasias, iam percorrer as principais ruas do centro, principalmente fazer o corso na Avenida Eduardo Ribeiro e na Avenida Central. Além de grande provisão de confete, serpentina e caixas de lança-perfume "Rhodouro" ou "Rodo", em Manaus, famílias que conheci mandavam fazer castanhas cristalizadas e deliciosos bombons de cupuaçú, embrulhados em celofane ou papel de seda e levadas em latas grandes, para jogá-las aos

pedestres ou para outros carros. Nessa altura, sem que os responsáveis percebessem, os garotos pegavam os bombons maiores e os transformavam em "pedradas", às vezes certeiras em algumas cabeças. Era uma sutil substituição de preposições — jogar para o público" virava "jogar, no público". Mas tudo sob as gargalhadas de todos que percebessem a manobra dos meninos, porque, apesar da guerra em curso em outros continentes, aquela ainda era doce maneira de brincar...

Na década de 30 as festas carnavalescas de Manaus mais famosas eram as do Ideal Clube (desde 1921 na Av. Eduardo Ribeiro); "Rio Negro", ainda na Rua Marcílio Dias; do "Nacional" na Saldanha Marinho, do "High Life", também na Marcílio Dias, para a turma mais boêmia; "Luso Sporting Clube", na Praça de São Sebastião, ao lado da Igreja; o "Clube Primeiro de Maio", de operários, na Rua Humaitá (Cachoeirinha), além dos blocos, cujas festas eram realizadas em casas familiares como o dos "Ciganos", que tinha até hino. O "Olimpico" só surgiu no final da década de 30 vindo estimular muito o espírito competitivo da mocidade, tanto nas artes quanto nos esportes.

#### Coronelato nativo

Até alguns anos atrás, era bastante comum a designação de "coronéis" a certos senhores da classe média, sem nenhuma vinculação com a carreira militar. Muita gente terá mesmo perguntado o porquê desse hábito praticado em todo o Brasil,

de Norte a Sul, e hoje quase desaparecido.

A origem desse fato vinha da existência da chamada Guarda Nacional, instituição criada por lei como uma força em potencial a ser mobilizada nos casos de guerra, de invasão ou ataque armado, uma vez que, não existindo à época o serviço militar obrigatório, esse contingente seria o efetivo disponível para incorporar-se às fileiras e aumentar as tropas regulares, como atualmente o fariam os oficiais da Reserva.

Sem nenhuma preparação especializada, sem organização prévia nem noções de disciplina e estratégia, imagine-se a confusão que os improvisados militares traniam às tropas regulares, se convocados para pegar, pela primeira vez, em armas!?

O Governo Imperial e depois o republicano, incentivaram, junto ao funcionalismo público de certo nível e do comércio, as adesões à Guarda, cujas patentes eram outorgadas mediante cobrança de uma taxa de valor razoável. Como compensação e atrativo a essa fonte de renda, a lei assegurava determinados privilégios vitalícios aos portadores dos postos hierárquicos concedidos, como, por exemplo, além do posto, o direito a prisão especial.

Parece-me que a Guarda Nacional foi criada no período regencial de Feijó, sendo entidade de muito respeito. Tanto que a nossa Polícia Militar, então Guarda Policial, criada em abril de 1876, teve como primeiro Comandante o Major da Guar-

da Nacional Severiano Euzebio Cordeiro.

Com o decorrer do tempo, os não possuidores de algum diploma passaram a

adquirir um título. bastando pagar as taxas.

Fatos pitorescos ocorreram, como um de meu conhecimento: um professor e pessoa de projeção social, foi "cabalado" para fazer parte da Guarda. Remetida a quantia fixada, algum tempo depois chegou a patente de *Major-Cirurgião*, a quem não possuía qualquer rudimento de medicina. Somente mais tarde foi desfeito o equívoco, sendo, então, designado Coronel.

No Amazonas, naquela época, havia grande interesse pela aquisição de tais títulos, mas nunca pelo de Tenente, pois esse era o nome de um conhecido cavalo de corrida. Por isso, preferiam pagar um pouco mais e ter patente superior, porém

"Tenente" ninguém queria ser.

Todos os seringalistas prósperos do final do século passado e do começo deste, se tornaram "Coronéis" e passaram a personagens de numerosas estoras e até se transformaram um pouco em lendas, como "Coronéis de Barranco", ou de "Beira-Rio" ou ainda apenas "do Interior". O título era sinônimo de poder político ou econômico, na influência de uma comunidade. Cheguei a conhecer diversos, vindos a Manaus a passeio ou a negócios, geralmente formais, muitos compadres e amigos de meu pai, a quem iam visitar, sempre bem vestidos de terno branco "HJ" ou casemira escura, brilhante montado em ouro no dedo ou na gravata, um ar de pouco a vontade. Mas havia exceções, como o Coronel Theodoro dos Reis Botinelly, de pele clara e rosada, olhos azuis, ereto, vestido com apuro Homem na

turalmente elegante em tudo, além de instruído, conversar com ele era um prazer, quando vinha à Capital para tratar dos interesses de suas propriedades em Aliança-Canutama. Tanto o Coronel Botinelly, quanto o Coronel Lourenço Nicolau de Mello, eram os que possuíam as mais belas vivendas do Purus, nas quais tive oportunidades de passar férias escolares. Eram casarões de grande conforto, desde o assoalho trabalhado, ao enchimento de mobiliário e porcelana de Limoges, com bibliotecas de fazer inveja. O Coronel Botinelly, de gestos superiores, mesmo não tendo gente de cerimônia, vinha para as refeições de paletó e gravata.

Muitos Coronéis engrandeceram Manaus, entre eles Bittencourt, Ramalho Júnior, Gonçalves Dias, Alberto Coelho, Guerreiro Antony, Bernardo Ramos, Camilo Amora, Luiz Antony, Francelino de Araújo, Pedro de Alcântara Freire, Raul

de Azevedo, Afonso de Carvalho, Bento Brasil e muitos outros.

O tema bem merece estudo mais desenvolvido, por fazer parte da sociologia da Amazônia. Os Coronéis foram componentes de nossa formação atual e representantes de uma grandeza passada.

# Festividade antiga

O resto do mundo pode viver pessimista; mas não nós, os amazonenses, que, à mão, temos tudo para saírmos da miséria. Dentro deste verdadeiro Reino Vegetal que nos cerca, ainda novas riquezas vêm surgindo, como o gás do Juruá, com a promessa de outras fontes minerais em perspectiva, e agora a SUFRAMA também cuidando desta atividade tão principal que é a agricultura, em apoio e incentivo ao Distrito Agropecuário.

A própria natureza nos está mostrando o caminho, nos rios imensos que são estradas naturais, nos alimentos, madeira, fibras, plantas medicinais, corantes, óleos, sempre com a certeza de excelentes possibilidades comerciais. O mundo futuro, mais do que agora, será dirigido pelos povos possuidores de maior quantidade de proteínas, pois ouro e dólar não são comestíveis.

Antes, irritava-nos o que nos parecia (e era) a inércia de sucessivos governos em relação ao potencial de nossas riquezas. Impacientava-nos ver que nada se fazia. No entanto, hoje, diante das modificações que a Terra vem sofrendo — políticas, sociais, científicas — constatamos, com uma sensação de grande alento, que o destino vem guardando a Amazônia para um papel de destaque no futuro da Humanidade, ao fazer da região uma reserva imensa, a mais opulenta de todas, para os dias futuros.

Esta ótica de agradável otimismo é fruto de observação de longa data. Vem do tempo em que às crianças se incutiam símbolos sagrados, bons e verdadeiros, destinados a durar pela vida a fora, para serem realmente amados, respeitados e defendidos. Como a idéia da Pátria, com seu hino, sua bandeira. Como a árvore.

Nos meios educacionais do Amazonas, a criação e a comemoração do "Dia da Árvore" começaram em 1914. Com o correr dos anos a data deixou de ser festejada, renascendo em 1925, na época da Interventoria Alfredo Sá. No livro de Thiago de Mello, "Manaus — Amor e Memória" —, lá está reprodução de uma foto da "Festa da Árvore", naquele distante ano de 1925, realizada na Praça da Constituição (hoje Praça Heliodoro Balbi).

Nos velhos tempos, todas as datas magnas, tanto as nacionais quanto as estaduais, eram objeto de festejos em nossos grupos escolares, com a finalidade de exaltar, na juventude, em termos de patriotismo, o valor daqueles símbolos e os feitos de nossos antepassados, em belos exemplos de moral e civismo. Mas nenhuma das comemorações alcançava a magnitude da "Festa da Árvore", fato bem compreendido numa terra que é a própria apoteose do elemento vegetal. Havia programas com cânticos, recitativos e distribuição de saquinhos de balas.

Não sei como se está agora comemorando a data, mas, dos acontecimentos passados e dos sonhos vividos ao tempo da infância, ficou indelével na memória, marcando presença, a "Festa da Árvore", na Manaus de outrora, quando a cidade era um dos poucos pontos civilizatórios da vasta selva circundante. O dia escolhido era o 24 de junho (também de São João) enquanto no Sul acontece a 21 de setembro, quando começava a primavera no hemisfério meridional. Entre nós, o 24 de junho representava a descida das águas dos rios, com o tempo da fartura de peixes, e as árvores reverdecendo, terminado o inverno.

Ao visitar o Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, afirmou Anatole France: "Cada árvore que espalma sua copa ao vento é um pendão de desafio à penúria e à miséria".

Para alegria do presente e confiança no futuro, cultivemos a árvore, como objeto e como símbolo — fonte material de vida e idéia de amor à Natureza. E esperemos que o gás do Juruá seja posto em São Paulo e o nosso Distrito Agropecuário passe a ser uma realidade.

# O olho grande

Muitas vezes, em nossa boa-fé, nem nos damos conta de podermos estar sendo objeto das cogitações enviezadas de algum desequilibrado, lá de longe.

A esse respeito será oportuno consignar uma observação sobre notícia recente, contida na revista americana "Business Week" e transcrita no "Informe Econômico" do "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, de 26 de novembro último, sob o título "Coisas de Louco", referente à sugestão formulada por indivíduo da Alemanha Federal no sentido de que, para saldar sua dívida externa, o Brasil vendesse parte da Amazônia, e a Venezuela entregasse a região do rio Orenoco aos credores. Como argumento, o autor da infeliz idéia lembra que tais operações já existiram no passado, como a venda de ST. THOMAS aos Estados Unidos pela Dinamarca e a do ALASCA pela Rússia.

A notícia tem mais de pitoresca que de inquietante, mas revela bem esse antigo fascínio que a Amazônia sempre exerceu e continua a exercer sobre muitos

estrangeiros, despertando-lhes a cobiça para riquezas imaginárias ou reais.

Já houve, no passado, a atração provocada pelas lendas do Eldorado e da fonte de eterna juventude; como, depois, as riquezas materiais da castanha e da borracha a fazer encompridar os olhos alheios; e, atualmente temos o gás do Juruá e a perspectiva de petróleo.

Lendas à parte, o primeiro a ter uma visão objetiva da potencialidade amazô-

nica foi Humboldt, num futuro "celeiro do mundo".

Em nosso Segundo Império, conquanto fosse fomentada a franquia da navegação na Bacia do Prata, com transporte, comércio e intercâmbio em geral, aproveitando não apenas ao Brasil, como à Argentina, ao Uruguai, ao Paraguai e à Bolívia, por outro lado, na Bacia Amazônica, ao contrário, predominou - talvez pela distância e pela dificuldade de efetivo controle armado - a política do hermetismo, da clausura, apenas diferindo do empenho libertário intensamente manifestado pelo Peru, Venezuela, Bolívia e pela Guiana Inglesa. Mas a abertura do Rio Amazonas à navegação internacional, fator importantíssimo de nosso desenvolvimento, só ocorreu bastante mais tarde, pelo Decreto Imperial n.º 3.749, de 7 de dezembro de 1866.

Antes dessa providência, aliás, o governo norte-americano, colocando-se à frente dos interesses da Guiana Inglesa, solicitou ao Governo Imperial brasileiro permissão para estudar o Amazonas e seus afluentes, sob o ponto-de-vista da navegação e do comércio. Dada a licença, veio comandando uma expedição o arguto Tenente da Marinha Mathew Fontaine Letterson Maury, homem estudioso, que percorreu e analisou com profundidade a Amazônia, e depois publicou, em 1853, um notável relatório, intitulado "O Amazonas e as Costas Atlânticas da América Meridional". Nele, declara: "O país regado pelo Amazonas, uma vez desembaraçado de selvagens e animais ferozes e sujeito à cultura, seria capaz de sustentar com seus produtos a população inteira do mundo"

Já dizia George Washington: "Deveis ter sempre em vista que é loucura rematada com galas de inocência esperar um país favores de outro. Todo favor que uma nação recebe terá mais cedo ou mais tarde de pagar. Com pedaços de sua in-

dependência"

O Ten. Maury, naquele seu Relatório, sugere que devia incumbir aos Estados Unidos a tarefa de franquiar a todas as nações a navegação do Amazonas, asseverando "Assim o pede a política do comércio, assim o exigem as necessidades do cristuanismo".

Já neste século, lembremos as palavras do Presidente Woodrow Wilson, na tradução poética de Homero Homem "Um País é possuído e dominado pelo tipo de bens de capital/que no mesmo País foi empregado./ A proporção que o capital aflui/ de fora a um país e nele toma ascendência na vida da Nação, também a influência alienígena nele cresce em poder de decisão".

Sobre isso tudo tem prevalecido o bom-senso, até agora. Não se concretizaram os prognósticos sombrios de Eça de Queiróz (influenciado pelo seu amigo monarquista Eduardo Prado) sobre o futuro de nossa República, que, pela ação de vários Deodoros, se subdividiria em inúmeras republiquetas indefesas.

Por isso, ante a cobiça internacional que o tem como alvo, o Amazonas, após os perigos passados, pode presentemente dormir tranquilo. Mas será sempre melhor fazê-lo como os ofídios de suas florestas, isto é, dormir com os olhos abertos.

#### Os Muras - tribo extinta

Os grupamentos Muras caracterizaram-se pelo nomadismo e pelas estrepolias de seus componentes, cuja movimentada presença se fazia notar em vastas extensões do território amazonense, principalmente no rio Solimões, entre as bacias do Madeira e Purus.

Foram tais as desordens praticadas, as depredações e saques cometidos, que aqueles indígenas criaram fama de baderneiros e atrasados. Porém, tudo leva a crer que assim procediam em resposta à atitude violenta dos brancos invasores. Consta que em certa época permaneceram por algum tempo na margem do rio Negro, em frente à Vila da Barra, quando a travessia se tornou impraticável para os habitantes da futura cidade de Manaus.

O tempo e as circunstâncias os foram vencendo e os últimos remanescentes se fixaram no Lago do Aiapuá, à margem esquerda do rio Purus, no Município de Manacapuru. Existe um trabalho do Prof. Agnello Bittencourt, publicado no "Jornal do Comércio" de Manaus, em 30 de outubro de 1923, sob o título "Os Muras do Aiapuá", contando a respeito dos membros da velha tribo naquela região, com os guais o autor conviveu durante mais de três anos, no final do século passado. Declara o articulista: "A ocupação desses indígenas é, ali, imemorial. Ouando o Capitão Manoel Nicolau de Mello, em 1851, penetrou e explorou aquela bacia lacustre, lá encontrou os muras, que, de bom grado, receberam a gente do rio Negro, conduzida por aquele intemerato pernambucano, para o trabalho extrativo da castanha e de outros produtos florestais", (assim como a pesca do pirarucu e peixe-boi). E prossegue: "Travaram boas relações, não constando que tivesse surgido, a mais leve desavença". À época eram cerca de duas centenas de silvícolas. O Prof. Agnello afirma que os muras do seu conhecimento tinham índole diferente dos que dominavam os rios Solimões e Madeira. Pela má fama destes últimos, os do Aiapuá não gostavam de ser chamados *muras*, até porque o termo continha um significado depreciativo de qualificação do que como nome próprio da tribo.

Os indígenas agrupados na propriedade do Cel. Mello, e em torno dela, diferenciavam-se dos demais do seu grupo étnico, principalmente pelos hábitos de cordura e fixação à terra. Quando muito, mudavam-se de um para outro lado do lago. Segundo informa ainda o Prof. Agnello, em 1923 restavam apenas uns trinta ou quarenta indivíduos morando em *malocas*, próximas das moradias dos *cariuas*, isto é, dos brancos, proprietários dos castanhais. Entre eles estava o velho Raimundinho, que morreu com mais de cem anos, já muito definhado e era transportado pelos parentes, para onde fossem, num *aturá* preso às costas dos rapazes, como se se tratasse de uma criança de colo.

Já em janeiro de 1969, quando estive, novamente, no Lago do Uauaçu, acompanhado da família, vimos uma índia de cerca de setenta anos, trabalhando ainda na agricultura, e que diziam ser a última abencerragem do local. Falava em português entremeado de palavras tupi, sendo, a princípio, um tanto difícil compreender sua algaravia. Oferecemos-lhe sabonetes perfumados, o que foi muito do seu agrado, e logo pediu-nos cachaça. Não admitiu sob nenhum pretexto que a totografassemos (e só o fizemos pelas costas, sem que pressentisse).

Lembro, também, de um episódio curioso, quando passamos no Aiapuá mais

de um ano ininterrupto, em 1922/23: certo dia uma índia procurou minha mãe e ofereceu-lhe ovos de galinha por preço muito inferior ao corrente. Julgando tratar-se de ignorância, minha mãe alertou-a a respeito, mas a índia, rindo com seu jeito malicioso, declarou com toda a franqueza saber do fato e assim fazer porque, além de ficar amiga, receberia melhores recompensas, o que realmente aconteceu;

levou o preço pedido e mais uma infinidade de pequenas coisas...

O certo é que os grupos indígenas dos muras, numerosos quando da ocupação da Amazônia, estão extintos. Os descendentes, não se considerando ligados à tribo, foram-se mesclando aos portugueses e nordestinos colonizadores. Com a crise econômica do declínio do valor da borracha (pois na região há, também, seringais), foram suprimidas a sub-delegacia de polícia, do Aiapuá, as duas escolas existentes e as subvenções oficiais para os "navios de linha" para o Lago e, com isso, os moradores dali se foram transferindo gradativamente para Manaus, onde vieram aumentar o número de bairros populares. Um dos hábitos antigos era o de mandar para a capital as filhas moças, confiadas a famílias respeitáveis, para, no serviço caseiro, aprenderem utilidades domésticas. Aprendiam a ler e escrever, tornavam-se muitas vezes amigas de toda a confiança, cuidavam das crianças, várias casaram com bom enxoval e a amizade dos patrões, aos quais poderiam sempre recorrer como fonte de conselhos e proteção. Algumas serviram de amas-de-leite e acompanharam duas ou mais gerações de uma casa.

Hoje, no Aiapuá, e quiçá em todo o Amazonas, há caboclos autênticos, descendentes às vezes imediatos de tribos destacadas, mas os *muras*, propriamente, constituem apenas o eco de um passado altaneiro.

### Estória de onça

Há coisas vividas no passado que a memória nos obriga a recordar, principalmente quando o subconsciente está querendo fugir das misérias do presente. Num desses mergulhos no tempo, lembro de uma ocorrência que teria alterado profundamente a vida de toda uma família muito querida, não fora a mão protetora da Pro-

vidência, evitando o que seria fatal.

Corria o ano de 1957, quando o prof. Agnello e eu fomos a Manaus e, como sempre o faziamos, visitamos um primo hoje falecido e que deixou muitas saudades: Aldo Bittencourt Chã, que foi por longo tempo Diretor da Companhia Telefônica de Manaus, até sua incorporação por outra Companhia com sede em Belém. Aldo era um bom amigo e excelente pianista, muito benquisto na Sociedade. Por seu temperamento discreto e retraído, ainda não se lembraram dele para homenagem pública, porém está sempre presente através de sua descendência numerosa, de pessoas cultas e de bem. Casado com a prima Lélia — uma das amazonenses mais bonitas e, ainda agora, linda avó —, era filha do saudoso Francisco Salles, que morou muitos anos no Boulevard Amazonas. Casamento feliz do qual nasceram dez filhos: Reinaldo, Luiz, Alberto, Geraldo, Aldo, Maria Auxiliadora, Solange, Maria das Graças, Aldélia e Rosélia.

Naquele ano (1957), o casal e a meninada moravam à Rua Miranda Leão, ao lado de uma firma que negociava com animais raros, em pleno coração da capital, remetendo-os para o exterior (como uns bonitos galos de serra, em vários estágios de crescimento, que foram para um Museu de Viena). Mas havia, também, animais ferozes; lembro exatamente de um fato que se passou, dias antes de nossa visita e do qual poucas pessoas tomaram conhecimento.

Uma equipe do cineasta americano Walt Disney tinha vindo ao Amazonas para preparar um filme, sendo aproveitados, como protagonistas, bichos exóticos e ferozes da nossa fauna. Bem pagos, logo apareceram belos espécimes, como uma onça toda negra, uma sucuri de mais de seis metros e outra onça pintada e de avantajado porte. O filme que teve o título em português de "O Carrasco da Floresta", finalizava com a luta mortal entre a sucuri e a onça negra, esta ficando com as gló-

rias de estrela do espetáculo.

Após o término das filmagens, dissolvido o elenco e desfeito o cenário montado nos arredores do perímetro urbano, as feras foram encaminhadas, em fortes jaulas, para o quintal da firma, à Rua Miranda Leão, separada por um muro alto da residência daquele casal de primos Lélia e Aldo. Estes, ainda emocionados, nos telataram que bem cedo a família preparava-se para o café-da-manhã, os meninos arrumando-se para irem às aulas, quando a prima Lélia, ao descer uma escada interna que se comunicava com o quintal (separada por um tipo de alçapão), deu de cara com uma onça pintada, em atitude de expectativa, após ter-se evadido e pulado o muro. Com velocidade instantânea Lélia deu meia-volta, subiu a escada a jato e bate o alçapão. O filho mais velho Reinaldo, com um revólver calibre 32, da janela, alvejou a fera várias vezes, abatendo-a, para desespero dos seus proprietários... O susto foi "por demais" e os meninos tiveram bom assanto durante muito tempo. Não é fácil acordar-se com um monstro assim dentro de casa.

Dessa forma, "A Derradeira Onça de Manaus", do depoimento do Prof. Agnello, não foi aquela de 1890, abatida no "Banheiro das Mulheres", na Rua Major Gabriel e sim a da antiga Rua dos Remédios...

#### Cobra grande

Quando li as notícias de que o comandante francês Jacques Cousteau, explorador emérito, resolvera percorrer a região amazônica no verdadeiro laboratório flutuante que é o seu navio "Calypso", logo veio a pergunta: — será que ele vai en-

contrar afinal uma "cobra-grande"?

Percebe-se, indo ao Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, um fato curioso: o povo que se mostra barulhento e irreverente diante das jaulas dos leões e tigres, dos enormes elefantes e rinocerontes, dizendo gracinhas, falando alto, jogando às vezes bolinhas furtivas de papel, essa mesma gente, no momento em que se inclina por sobre o muro que circunda o local das sucuris, queda-se num respeito silencioso ou mesmo num atento temor, falando baixo, sob o impacto de fascínio e susto de deparar com os ofídios de longo porte, majestosos, mas sinistros, alguns com seus seis metros, imóveis, ou em seu lento colear no chão ou na água rasa, todos transmitindo às pessoas uma sensação de insegurança ante um perigo latente. Esse medo mesclado com repugnância é comum a quase todos.

O Amazonas, celeiro de lendas e alvo de muitas inverdades, já foi — na imaginação de tantos — um viveiro de cobras terríveis, dentre estas reinando as sucuris

e jiboias.

Todavia, existirão tais gigantes? A dúvida pode ser até infantil, mas tão válida quanto a que cerca a existência do famoso monstro do Lago Ness, na Escócia,

ainda hoje objeto de opiniões controversas.

Lamento confessar que cobras de maior tamanho que cheguei a ver, vivas, foram aquelas já mencionadas, do Jardim Zoológico do Rio; na forma de couro, vi duas bem maiores: uma, no Mercado Público de Manaus, que vinha do alto das traves de ferro do teto, até ao chão; e outra que ainda está no IGHA, ambas peças genuínas, sem costuras, truques, ou possibilidade de fraude.

Na década de 1950, Walt Disney fez um filme de longa metragem sobre a selva amazônica, a que no Brasil foi dado o nome de "O Carrasco da Floresta", e a equipe aqui mandada para colher o material necessário, com todas as facilidades que lhe foram dispensadas, o dinheiro de que dispôs e o empenho com que se atirou à tarefa de procurar, só conseguiu, para serem os protagonistas, além de outros bichos menores, uma grande e rara onça inteiramente negra e uma sucuri de seis e meio metros. Se disponível houvesse cobra de tamanho superior, estou certo de que teria sido descoberta e contratada como estrela absoluta da película.

Para alguns, a "cóbra-grande" existe. Era ouvirmos o saudoso Ramayana de Chevalier discorrer a respeito e passávamos a acreditar na existência da fera, ou pelo menos ficávamos na dúvida, até dissolver-se o efeito hipnótico das palavras do orador. Por sua vez, o jornalista Jovino Lemos, com seu espírito moço e ágil, ao ser consultado sobre a maior serpente que já viu no Amazonas, repete ter sido uma de dois metros. Ante a decepção dos ouvintes, esclarece — "Dois metros de distância de um olho ao outro..."

Mário Ypiranga, Nunes Pereira e Thiago de Mello já se manifestaram a respeito, sendo que o primeiro tem um conto notável, intitulado "As Sentinelas Perdidas". O Coronel Wenceslau de Mello, grande latifundiário no Purus, narrava o seguinte episódio: certa vez, ali fez explodir bastões de dinamite e várias horas depois, começaram a vir à tona enormes pedaços de sucuri, verdadeiros blocos de carne com

a pele escamada de imensos desenhos e fragmentos de vértebras.

O Prof. Agnello Bittencourt que vivenciou como poucos o nosso Estado, estudando-o e amando-o, também estendeu ao assunto seus conhecimentos. Em seu livro "Plantas e Animais Bizarros", reporta entre outros casos, o da chamada "Cobra-Grande do Tarumã", assim denominada por ter-lhe nascido e crescido, enraizado no seu dorso, um pé de tarumã. Ela costumava deslocar-se com sua árvore até a Ilha do Marapatá e voltar, na altura do porto de Manaus, quando esta cidade ainda era a Vila da Barra, e veio a desaparecer com o surgimento da navegação a vapor. Os antepassados do Prof. Agnello garantiam ter visto tal cobra e contavam sobre a tentativa de prendê-la. Outra das experiências mais eletrizantes que viveu, foi em sua adolescência, lá pelos anos de 1890, acompanhando seu pai e um grupo de amigos participantes de uma viagem à costa da Terra Nova, onde se hospedaram na casa do primo Raymundo Bacury, localizada numa faixa do terreno que se situava entre o Rio Solimões e o Lago do Juanito. Os caboclos da região falavam numa temível cobra. Então, no meio da noite, acordaram todos com o alarido da matilha de cães de caca, em plena escuridão. Nada se enxergava em volta, não dispunham de faróis e as lamparinas iluminavam poucos metros adiante. Os cães se foram acalmando e o pessoal voltou a dormir. Pela manhã bem cedo descobriram no solo do terreno ao lado (pequeno campo de gado de Jerônimo Costa), dois enormes sulcos, quase paralelos, evidenciando a passagem de duas cobras gigantescas, as quais, em seu trajeto, iam derrubando estacas e marcando o capim. Pelas marcas deixadas, eram verdadeiros monstros. Muita gente, até de Manaus, foi verificar o fato.

Excluída a hipótese de animais fantásticos, com olhos de fogo e dotes de encantamento, abrangidos pela galeria dos lendários mapinguaris e curupiras, as "cobras-grandes" podem e mesmo devem existir, na forma de sucuris de alentado por-

te, autênticas rainhas da jângal.

Persistimos no mistério, que é talvez mais fascinante do que o animal, nos limites de sua verdade. Mas, se no futuro alguma "cobra-grande" vier a ser filmada, fotografada ou até capturada, esperamos que seja realmente imensa, digna de tão prolongada expectativa e torçamos para que não devore seus captores, com barco e tudo...

# Relembranças

Os papéis antigos, as anotações, os jornais amarelecidos, à medida que o tempo passa, vão tendo utilidade e valor. Nos apartamentos exíguos, nas moradias compactas de hoje, quase tudo se joga fora, por necessidade de espaço, mas, sobrando à destruição, há sempre um pacote de cartas, anotações, recortes de velhos jornais, revistas de outro tempo ou cartões alusivos a assuntos que nos tocaram a sensibilidade. Geralmente, depois que se rasga o considerado inútil, é que vem a necessidade da consulta.

Eis algumas notas escritas há muito, agora achadas ao acaso e aqui resumidas:

- 1) Pouco se fala do jornal "Rio Negro", que circulou em Manaus, durante um ano. Tirou 338 números, sendo o primeiro em 24 de julho de 1897 e o último em igual data do ano seguinte. Iniciou-se quando era Governador o Capitão Fileto Pires Ferreira; e Raul de Azevedo foi seu redator-chefe. Acabou de forma cômica, num fato de larga repercussão: o Governador, em viagem, chegaria de Belém para reassumir o Governo, então nas mãos do Coronel Ramalho Júnior. Antecipando o acontecimento, foi preparado e distribuído pela madrugada um número especial do "Rio Negro" descrevendo as cenas da chegada Fileto desembarcando, foguetes estrugindo no ar, os discursos proferidos de improviso, a fuga de Ramalho e seus adeptos, a posse do titular. Mas, para desespero de tantos, nada assim aconteceu, pois Ramalho não passou as rédeas; Fileto, avisado, não pôde chegar à Manaus. E a tentativa inútil de explicação oferecida a público pelo redator-chefe do jornal, ante a galhofa desenfreada com-que a gafe fora recebida, foi a de dizer que, por culpa dos revisores, todos os verbos conjugados no pretérito perfeito deveriam tê-lo sido no condicional... Foi o fim daquele diário.
- 2) O jornal "Quo Vadis?" foi lançado em dez de novembro de 1902, fazendo violenta oposição ao Governo. Durou até vinte de março de 1904, quando foi incendiado por populares insuflados e auxiliados por alguns amigos do Governador, fato que a este muito contrariou, por comprometê-lo perante a opinião pública. Entre outras campanhas que fez, em exaltados ataques, uma foi a propósito do pedido do Executivo amazonense no sentido de ser autorizado a cobrar um imposto obrigatório de exportação de produtos, em espécie, o que provocou protestos, inclusive por via judicial, pela diminuição de sete para cinco por cento nos juros das apólices emitidas pelo Estado, bem como alteração de dez para trinta anos no prazo de resgate das mesmas. Muitas pessoas vieram a ganhar a questão e a receber o valor real de suas apólices, no prazo inicialmente previsto.
- 3) O Banco Amazonense, chamado pelo povo de "Banco do Tostão", foi criado pela Lei Estadual n.º 409, de 9 de setembro de 1903, a fim de valorizar a borracha, financiando seringalistas. Formou seu capital pela cobrança de cem réis por quilo de borracha fina e oitenta réis pelo de sernambi. Consta haver funcionado no palacete na esquina da Praça da Saudade com a Rua Ferreira Pena. Este banco encerrou suas atividades com a encampação decorrente do empréstimo da "Société Marselleise".
- 4) O empréstimo tomado pelo Estado do Amazonas à "Société Marselleise" foi objeto de um contrato firmado em 1906, quando Governador Constantino Nervy, sob pretexto da necessidade de pagar despesas a descoberto, por causa do de-

créscimo de arrecadação, uma vez que os impostos do Acre passaram a constituir renda federal. O empréstimo totalizou oitenta milhões de francos franceses, equivalente, na época, a cinqüenta mil contos de réis e deveria ser resgatado no prazo de cinqüenta anos. O contrato se fez em termos leoninos, a juros e condições escorchantes, inclusive elegendo o foro francês para dirimir quaisquer dúvidas ou questões emanadas da operação. Do vultoso montante emprestado, restaram, apenas, três mil cento e cinqüenta e dois contos de réis para os cofres do Estado, indo, quase tudo, diretamente, para numerosos compromissos anteriores, legítimos ou fictícios, e ainda com vantagens aos intermediários, na Europa, que foram Gama Lobo e Alberto Rangel. Para a "Amazon Steam Navigation Com. Ltda.", por exemplo, foram, correspondentes à moeda nacional, 4.597 contos de réis; o "Banco do Tostão" recebeu 3.700 contos de réis. O empréstimo da "Marselleise" sofreu minuciosas análises e as mais duras críticas, tendo repercutido como um escândalo sem precedentes no Estado.

5) Em 1930, foi mudado o nome da Rua Quintino Bocaiúva para Rua Adriano Jorge. Apesar da simpatia a envolver o respeitável nome do novo homenageado. a medida, vista em conjunto com outras da época, motivou reação. Com a vitória da Revolução de outubro de 1930 e deposição de Dorval Porto, exaltaram-se os ânimos da população. Foram invadidas e incendiadas várias casas de colaboradores do governo deposto, como as de Leopoldo Peres e de Caio Valladares. No aceso de sua ação, a turba enfurecida dirigiu-se para a Rua Dr. Moreira, a fim de ali destruir a residência do Delegado Camarão, que, aliás, já fugira com sua família. Após depredar a fachada daquela casa, a multidão arrancou as placas com o nome do Dr. Adriano e, de passagem pelo número 88, prestou homenagem ao Professor Agnello Bittencourt, pois este fora exonerado, a 12 de agosto daquele ano, da Diretoria da Instrução Pública (juntamente com o Professor Plácido Serrano, da direção do Ginásio Amazonense). O Prof. Agnello agradeceu a manifestação espontânea e aconselhou que a multidão se disperçasse. Antes, no entanto, esta se dirigiu à moradia do ex-Diretor das "águas", Sr. Vieira, na Rua Miranda Leão, e preparou enorme fogueira, aonde atirava, das janelas do sobrado, as ricas peças que guarneciam a casa objetos e móveis de alto valor, piano, louças, alfaias. Foi um espetáculo assustador, em cômputo geral, consequência do desrespeito prolongado, sistemático e irritante a uma população pacata e ordeira, sempre a demonstrar tolerância e bom humor.

# Nossos pregões

O inesquecível ÁLVARO MOREYRA deixou em sua imortal obra algumas páginas lindíssimas, perpassadas de sensibilidade e nostalgia, sobre os "Pregões do Rio de Janeiro". E ainda complementava-as pessoalmente em muitas reuniões na sua residência, já ao tempo da Syla, na rua Francisco Sá, onde muitos amazonenses conheceram o grande poeta e cronista — inclusive o Acadêmico e Magnífico Reitor Octávio Mourão.

Também Manaus teve seus pregões típicos, que ficaram no fundo da memória dos mais velhos, ou, melhor, dos que hoje são jovens há mais tempo...

O pregão sempre foi a característica dos pequenos comerciantes, anunciando seu modesto comércio a domicílio, gritando algo que lhe afirmasse a presença. A voz alta varava o silêncio, despertando a atenção dos que estavam em casa, compradores em potencial.

Hoje, na "era dos camelôs", com as ruas cheias e tão barulhentas, não havena vez para o trânsito regular daquelas vendas itinerantes, e o pregão, para anunciarse superando os decibéis excessivos do tempo, teria que lançar mão de algo conhecido como o "trio elétrico". Aliás, no Rio de Janeiro, já existe um que anuncia pamonha em alto volume. Mas tempo houve — acredite leitor de menos de trinta anos —, em que existiram pregões característicos de Manaus, cidade arborizada, com seus bondes, ruas limpas, prédios de bom gosto, povo que só se agitava no Carnaval e nas revoluções periódicas, e onde os ruídos verdadeiramente importantes eram os dos vigorosos trovões das tempestades, e em certa fase, o da sirene instalada no ponto mais alto do Teatro Amazonas, anunciando os "black-outs" de treinos para os bombardeios da II Guerra Mundial. Não tendo havido nenhum bombardeio, algumas administrações, por ação ou omissão, se incumbiram de estragar a cidade no que lhes foi possível. Ainda sobrou muito, sorte a nossa! Mas os pregões mais populares, o tempo acabou.

Estas lembranças vieram ao reler o Capítulo do mais recente livro do Thiago de Mello, "Manaus, Amor e Memória", ao considerar "os sons da nossa cidade num tempo em que até ruído tinha poder de canção"... Entre os sons, o Poeta lembra o da carroça verde do "Gelo Cristal", puxada a cavalo, com o geleiro aos brados de "Gelaaairo!"; do "Teque-teque", um dos quais recitava: "o cheiro cheiroso, passa..."; o do Jaú, com o seu mingau; o fruteiro anunciando "pajurá-do-racha"; o vendedor de miúdos de boi e de porco: "quem vai querer, quem vai querer..."; o som mágico do realejo, em cujo redor afluiam pessoas para tirarem a sorte; o do padeiro, com sua cesta de vime e a buzina; o "peixairo..."; os anúncios de picolés de frutas; o do "rala-rala", ainda existente, que consistia em esfregar um aparelho, tipo plaina, numa pedra de gelo e depositar xarope de groselha sobre o ralado; além do "Chega, Chega, chegadinho"... (O "chegadinho" era um biscoito redondo, frágil, do tipo "waffer").

Saudades da velha-Rua Dr. Moreira onde muitas famílias moravam e era passagem constante de muita gente para o Mercado Público.

Para mim, o que ainda ouço nítido na memória do tempo, é do mais madrugador deles, o jornaleiro, que, lá pelas cinco e meia da manhã, fazia vibrar as ruas

ainda desertas com o seu grito de "Ornaaal!", (o mesmo que ao "Quadrilátero da Quinta Hora", anunciava "A TARDE" do querido e sempre lembrado Aristophano Antony e o "DIÁRIO DA TARDE" dos saudosos Archer Pinto).

Tudo e todos desapareceram na voragem do tempo, mas permanecem vivos na memória de quem chegou antes, como patrimônio intangível a qualquer manobra da atual política econômica...

#### Fatos e nomes

Há muitos anos atrás pontificava na imprensa carioca um vulto singular de jornalista, que era o Padre Assis Memória. Na década de trinta escreveu um artigo no "Jornal do Brasil" intitulado "O VELHO BITTENCOURT", sobremodo sincero. exagerando mesmo em chamá-lo de "coronel de roça", dizendo inclusive, o seguinte: "Seu caráter moldado em puro aco, fazia de sua pessoa, como homem particular e público, um discípulo fiel de um notável político scrtanejo que pautava a sua vida nesta quadra conhecida e por ele mesmo rimada: "De circunlóquios nada sei/Conto o caso como o caso foi/Na minha frase de constante lei/O ladrão é ladrão, o boi é boi". Termina o artigo dizendo: "Mas o leitor, nesta altura, perguntará a que propósito vem, aqui, a evocação desta reminiscência interessante. É que um dia destes li um artigo de um jornalista, penitenciando-se pelo fato de ter formado, por motivos fortuitos, entre os que, naquele tempo, em Manaus, tramaram a deposição do honrado coronel. Hoje reconhece que agiu impensadamente e faz ao Velho Bittencourt o elogio que este merece. É um tributo de justiça à memória de um humilde chefe de Estado, que, em meio às vicissitudes de um governo difícil, pôs o cumprimento do seu dever acima de interesses estreitos e de ambições inconfessáveis. Nada como o tempo - o juiz inconfundível do passado - para o Redere unicuique suum. Lendo agora esta retratação, embora tardia, admirei, contudo, o gesto de probidade deste jornalista, fazendo tornar à atualidade uma figura do nosso passado político com o relevo a que faz jus. Sim, a figura, autenticamente romana, do Velho Bittencourt, vasada nos moldes preciosos da Agricola, temperada no mesmo aco em que forjaram Catão, Cincinato e outros vultos da antiguidade clássica".

Mas a propósito do que tão longa transcrição?! É que vejo, ultimamente, algumas frases de espírito ou histórias a respeito do Amazonas e do Coronel Bittencourt, um pouco deturpadas. Em resumo, repito quatro das mais conhecidas:

- 1 Era Superintendente Municipal de Manaus, o Dr. Jorge de Moraes, em 1912, quando imaginou tomar um empréstimo externo para obras novas na cidade, com o que o Governador concordara, em princípio. Seriam trinta e três mil contos de réis, mas os banqueiros exigiram fossem para reconversão de dívidas anteriores. Mudada a finalidade do jogo, o Governador discordou, mesmo porque muito pouco sobraria para os benefícios públicos. Foi quando o Dr. Jorge de Moraes argumentou que não poderia dirigir sem dinheiro, ocasião em que o Velho Bittencourt declarou: "Com dinheiro até um burro governa. Chamei o senhor porque é um homem inteligente..." O Dr. Jorge, já no governo Jônathas Pedrosa, ao entregar o mandato ao sucessor legal, e ainda sem ter conseguido contratar o empréstimo, distribuiu um Manifesto de um só teor, porém com dedicatórias diferentes: "Aos Meus Amigos" e os demais exemplares, "Aos Cães".
- 2 Em 1910 aparece em Palácio (onde está hoje a Prefeitura), conhecida cantora que obteve no Rio de Janeiro, uma carta de recomendação de Ministro. Recebida pelo Governador, a artista pede o Teatro Amazonas, no qual foi atendida, menos quanto às despesas de iluminação e outras. Ela então se reporta à carta e ainda pede ajuda de vinte contos de réis... Foi quando o governador lhe disse: "Ora, minha Senhora, eu não dou dinheiro para quem vem chorando, quanto mais para quem vem cantando"...

3 – Um jornalista de "O PAIZ", do Rio de Janeiro, apareceu em Manaus e procurou o Governador, propondo uma reportagem sobre a administração. Este foi logo afirmando: "Mas eu tenho aqui os jornais da terra. A minha administração interessa apenas ao meu povo e à imprensa amazonense. Esta, mesmo dividida, me faz justiça em alguns pontos de minha administração", ao que o jornalista argumentou: "Mas o senhor precisa se popularizar no âmbito nacional...". — Então quanto custará para dizer mal do meu governo?

— "Bem, não custará nada, porém, de qualquer forma não irei atacar o governo de V. Exa." — "Bem, amigo: Se não tiver de pagar nada, pode atacar à vonta-

de...".

4 — A escritora norte-americana Mary Robertson White editou um livro, "The new Brazil", de bela feição gráfica, com uma encardenação em relevo, simpático ao nosso País. O Barão do Rio Branco lhe deu o apoio. Escreveu para o Governador Antonio Bittencourt, recomendando-a. O Estado do Amazonas — pretendia a escritora —, compraria parte da edição. Ao recebê-la, com a carta de Rio Branco, o Coronel Bittencourt escusou-se, ponderando que seu governo estava tendo dificuldades financeiras, precisava economizar. A interessada não se conformou: — "O Barão está mandando!" Com a sua calma habitual, o governador teria redarguido: "Minha Senhora, o Barão manda no Brasil: quem manda no Amazonas sou eu". E não fez a despesa.

Foi por motivos da rude franqueza e da defesa intransigente de erário que o

depuseram duas vezes...

#### Presença mineira

Desde 1912 até 1930, o Amazonas foi governado por pessoas ilustres nascidas em outros Estados. Estiveram no governo: baianos, piauiense, gaúcho e entre os dois últimos (Cesar do Rego Monteiro e Dorval Porto), dois mineiros (Alfredo Sá e Ephygenio Ferreira de Salles) e é auspicioso lembrar que ambos fizeram bons governos, apesar das dificuldades econômicas, elevando bem alto o conceito em que tradicionalmente se tem a gente de Minas Gerais — o povo polido, discreto, operoso e avesso a estridência.

Em 1924 à pobreza somou-se o escandaloso saque das coisas públicas. A tal ponto chegou a situação, que a paciência do povo atingiu seu perigoso limite, e a 23 de julho explode uma revolta chefiada pelo então Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, originada no quartel da guarnição federal e apoiada por toda a população de Manaus. Fugiu da cidade o Dr. Turiano Meira, genro do governador que se achava à frente do Executivo, visto que o sogro passeava pela Europa. O Presidente da República, Dr. Arthur Bernardes, ante informações de que o referido movimento militar e popular teria ligações com motins idealizados no Sul do País e a pedido do próprio Congresso Amazonense, pediu e obteve do Senado uma interventoria federal no Amazonas, decretada em 29 de setembro de 1924. A escolha recaiu na pessoa do Dr. Alfredo Sá, magistrado e político mineiro do mais alto conceito.

Alfredo Sá toma posse no Rio de Janeiro a 27 de outubro e chega a Manaus a 2 de dezembro, aí ficando até 2 de janeiro de 1926, quando passou a administração do Estado a seu sucessor, escolhido constitucionalmente, o Dr. Ephygênio de Salles.

A atuação do Dr. Alfredo Sá foi, realmente, das mais profícuas que tivemos, considerando-se a exigüidade de sua duração — passou a pagar em dia o funcionalismo, estimulou a produção e o comércio, promoveu a recomposição dos quadros administrativos, reformulou a legislação do Estado no tocante ao regime de terras públicas, as de arrecadação; e, como ponto mais alto de seu serviço ao Amazonas, convocou e presidiu com imparcialidade uma Assembléia Constituinte, à qual submeteu um brilhante projeto de Constituição, de sua autoria, logo aprovado e posto-em vigor.

Esse notável homem público exerceu, em seguida, outras relevantes funções, tendo sido eleito Deputado, Senador e Vice-Presidente de Minas Gerais. Veio a falecer já octogenário, sempre cercado do respeito e do carinho das numerosas colônias mineira e amazonense, no Rio de Janeiro.

Ephygênio de Salles nos governou com respeito, competência e sucesso. Sua vida foi colorida, cheia de movimento e aventura. Nasceu em 1879 de família ilustre e de tradição política. Orfão desde muito criança, chegou a Manaus com dezessete anos, tendo trabalhado como aprendiz de tipógrafo no "Diário Oficial". Voltando ao Rio engajou-se na Campanha de Canudos onde lutou. Em seguida voltou a Manaus, empregando-se como repórter do jornal "O Amazonas". Em 1899 partiu para o Acre com Luiz Galvez, lutou contra os bolivianos, voltando enfermo para Manaus; volveu à luta ao lado de Plácido de Castro, de quem foi Capitão Assisten

te de Comando. De 1907 a 1911 estudou Direito no Rio, voltando em 1910, quando ocorreu o deplorável bombardeio de Manaus, por instigação espúria de Pinheiro Machado. Ephygênio, como voluntário, pegou em armas para defender o Governador. Foi eleito e recleito Deputado Federal pelo Amazonas, até 1925, quando venceu a eleição para Governador. Permaneceu nesse cargo até 1929, quando foi eleito Senador, em sinal de reconhecimento por seu governo dinâmico e honesto. Homem de grande prestígio em seu tempo, nome conhecido em todo o País, governou o Amazonas não somente com eficiência e brilho, mas com um carinho e uma sensibilidade que a todos encantavam. Entre os pontos altos de sua administração, deu realce ao problema do ensino, como forma de combate ao analfabetismo, havendo criado quarenta e uma novas escolas.

Ephygênio de Salles perdeu a cadeira de Senador com a Revolução de 1930 e, do Rio, participa do Movimento Constitucionalista de 1932, apoiando a idéia paulista, inclusive, mantendo uma rádio clandestina instalada em sua casa. Faleceu no Rio de Janeiro — onde há uma rua com o seu nome — em 1939 e sempre foi, tam-

bém, respeitado e querido pelos amazonenses.

Apesar destes bons governos, a proposta de "o Amazonas para os amazonenses", sem nenhuma xenofobia, contida na "Canção de Fé e Esperança", de Álvaro Maia, em 1923, continuava a crescer no sentido de um caboclo voltar a governar a sua terra. O Glebarismo e a Caboclitude tomaram corpo após o governo Dorval Porto...

# Em forma de coração

Ontem conversei com uma universitária, pela manhã, interessada em coisas do passado de nossa terra. Á tarde, outro estudioso, de nível médio, procurou-me no intuito de saber a respeito dos jornais de antigamente.

Desperta otimismo o interesse da juventude pelos acontecimentos antigos e imagino o trabalho que tem o Prof. Mário Ypiranga Monteiro e o Mestre Nuno Cardoso, no atendimento da curiosidade geral.

O fato levou-me a fortes recordações. Foi sonho ou realidade tudo o que se passou?

A universitária perguntou sobre os cinemas de Manaus há cinqüenta anos, quando havia, o "Politeama", o "Odeon", o "Alcazar" (depois Guarani), o "Cine Rio Branco", na rua Barroso, com famosas matinês dançantes, o "Popular", no Alto de Nazaré e o cine "Manaus", no Colégio Dom Bosco, cuja entrada custava, apenas, o "sacrifício" da Missa, por prêmio concedido em "pontos" pelo inesquecível Padre Agostinho. Nessa época já existia o cinema falado, como se dizia, pois o primeiro filme dito "sincronizado", aconteceu por volta de 1931 (após três anos da invenção), com o título de "Nada de Novo no Front", de Lewis Milestone, extraído do fabuloso libelo contra a Guerra, de Erik Maria Remarque. Nunca houve maior realismo no cinema, porque o sr. Vasco — amigo dos estudantes e figura querida em Manaus — fez soltar foguetes atrás da tela, nos momentos dos disparos de canhões, enchendo o grande salão de fumaça e cheiro de pólyora...

Quanto aos jornais, foram recordados os que conheci: "Jornal do Comércio", o mais antigo: O "Estado do Amazonas" — órgão do Partido Repúblicano; "O Dia" e a "Liberdade" do tempo da Revolução de Ribeiro Júnior — tão bem relembrada por Solon Henriques Gonçalves, no dia 23 do corrente — sendo que "O Dia" foi empastelado em 1930; "A Nação", "O Jornal", "A Tarde", "O Diário da Tarde", "Gazeta da Tarde", "A Crítica", "A Notícia". Circulavam normalmente a "União Portuguesa", semanário; "Amazônia", além de outros, essencialmente políticos, de curta duração.

Aos poucos surgiram, das brumas do passado, personalidades do teatro da vida e que movimentaram a cidade antes e depois da II Guerra Mundial. O curioso foi que vieram chegando primeiramente os boêmios mais conhecidos—entencida a boêmia como expressão de espiritualidade, pureza e inteligência. Pessoas que, num estudo de Sociologia manauara, deveriam figurar, pela contribuição deixada, pois minoraram solidariamente o sofrimento, no difícil período vivido por todos. Foram verdadeiros moderadores de tensões e angústias: PEDRO PRADO LINS—Instrutor dos Tiros de Guerra, depois formado em Direito, possuía acentuada vocação teatral no contar uma anedota ou animar as festas de Carnaval. Faleceu ainda moço e vitorioso, no Rio de Janeiro. JUCA COQUEIRO—Pertencia a tradicional família, funcionário federal, aparentemente alegre por natureza, muito popular. A última vez que o vi foi no Carnaval do Rio, nos anos 50, promovendo muita animação na Avenida Rio Branco. JOÃO AVELINO—Grande amigo, casado com a minha madrinha Consuelo Araújo, cujos filhos são um exemplo da integridade e caráter; trabalhava no "London Bank", com fama de excelente funcionário, muito pontual.

Escreveu um libreto famoso, em versos, intitulado "Cumo é o nome dele?", criticando com perfeição as qualidades e defeitos dos políticos da época. CARLOS MESOUITA - figura discutida de professor de inglês do Ginásio e de outros estabelecimentos de ensino. Jornalista que fundou e dirigiu a revista "Amazônida", tendo colaborado em todos os jornais da cidade. Dentro de sua boêmia fez mais do que ninguém pelos hansenianos, tendo escrito "O Hospital Eduardo Ribeiro e o Leprosário de Paricatuba", "Contribuamos para o Leprosário", "Cidade da Dor" e "Glebarismo". FERNANDO NEVES - Violonista e cantor, enchia as madrugadas com serenatas inesquecíveis. Era contabilista, tendo falecido há pouco no Rio de Janeiro. ORMISDAS DE OLIVEIRA - Compositor inspirado, pianista, deixou músicas de sucesso, como "Cigana", morreu moço, fora do Brasil. UBIRATAN DE LE-MOS - Premiado e reconhecido como um dos melhores repórteres do país. Embora tenha ido embora para o Rio muito jovem - lá desembarcando preso como subversivo -, sempre vinha a Manaus em missão jornalística. Onde estivesse, também aí estavam presentes a alegria e a inteligência. SEBASTIÃO SAINT CLAIR — Gênio da inventiva, professor do bom-humor. HERCULANO CASTRO E COSTA - Sozinho era capaz de fazer um jornal do artigo de fundo à notícia de última hora. Não deixou livros, porém, era um notável intelectual; durante anos foi o responsável pela redação d'"O Jornal". JONATHAS MADEIRA - Funcionário público, bom flautista; anos seguidos tocou no Politeama, ao tempo do cinema mudo. AMÉRICO NOGUEIRA RUIVO - Jornalista muito sério. Durante anos secretariou o Dr. Vicente Reis, no "Jornal do Comércio". Foi auxiliar direto do Governador Álvaro Maia. Pena não ter escrito memórias, pois conhecia tudo de jornal e era excelente cronista.

Muitos outros personagens foram surgindo na memória, alguns quase esquecidos.

"Em Forma de Coração" foi uma revista teatral encenada no Teatro Amazonas, de autoria do teatrólogo e médico amazonense Lúcio Fiuza, no tempo em que Álvaro Braga vivia à frente dos movimentos artísticos, por volta de 1940.

Pausa para meditação e preces, quando todos esses Amigos devem descansar em travesseiros de samaúma, nalguma cidade do Paraiso, cheia de verdes tropicais e mamoramas silvestres...

### Das brumas do passado

Quem lê os livros de Conan Doyle e Agatha Christie fica logo a imaginar se os misteriosos casos narrados, na verdade, poderiam ser concebidos em outros locais diferentes daquela atmosfera peculiarmente inglesa, de pessoas taciturnas movimentando-se num ambiente de nevociro, num cenário antigo, parecendo o mais propício aos crimes hediondos e às estórias sinistras engendradas pelos dois citados autores e por outros mestres do gênero.

Dentro dessa ordem de raciocínio, Manaus, com sua claridade tropical, seria a antítese de mistérios assim.

Como, entretanto; toda regra tem exceções, podemos lembrar de algumas destas, em ocorrências verídicas e que, por sua característica de excepcionalidade, foram alvo de investigações, de acurada análise por especialistas e de vivo interesse por parte do público em geral, no passado.

Tentemos, nos limites de uma crônica e para conhecimento das gerações mais novas, aqui relacionar três desses casos, todos acontecidos na capital amazonense, além de outros extraordinários, a serem relatados futuramente, como o bárbaro assassinato da menina Etelvina, muito venerada em Manaus; a morte trágica de Ária Ramos, no carnaval fatídico de 1915 e o atentado contra o Comendador Joaquim Goncalves de Araújo.

1) O assassinato do Capitão Pires Garcia - Ignoram-se as origens exatas de Custodio Pires Garcia, sabendo-se que era nordestino e que em 1870 já se achava em Manaus, ocupando cargos de relevo. Foi Juiz de Paz, Vereador, possuía grande fortuna adquirida em especulações, mas sua atividade principal foi sempre a usura. Emprestava dinheiro a juros altos e era conhecido por sua exagerada sovinice, a tal ponto que por muitos anos o seu nome equivalia à designação de pessoa avarenta. Implacável com seus escravos e com seus devedores, residia ele e tinhalescritório na atual Av. Sete de Setembro (então Rua Brasileira), numa vasta propriedade, depois desmembrada e vendida em hasta pública, na esquina da hoje Rua Marechal Deodoro, em frente ao edifício do Banco do Estado. Os clientes eram recebidos na sala da frente, atravessada por um balcão, atrás do qual ficava Garcia e um cofre imenso, onde guardava todos os seus valores. Em determinada noite de maio de 1885, cerca das vinte horas, alguém o procura (tudo indicando tratar-se de pessoa sua conhecida) e o mata selvagemente com uma fulminante martelada no crânio, quando o banqueiro ia abrindo o cofre para colocar ou retirar alguma coisa. Ato contínuo, o assassino foge, levando tudo - jóias, dinheiro, ações, documentos e o registro dos devedores. Sem provas concretas, foi por três vezes levado a júri um amigo de Garcia - Maurílio Torres - único suspeito (por provas circunstanciais), comerciate no Juruá, pessoa muito conhecida e estimada em Manaus, o qual acabou sendo inocentado nelo Juiz de Direito. Dr. José Francisco de Araújo Lima. Há um livo do Juiz Hosanah de Oliveira, tratando do caso. Com o passar dos anos, soube-se que a acusação foi injusta, porém o mistério continuou. Falou-se muito, então, no nome do engenheiro russo Alexandre Haag, poliglota que percorreu todo o interier do Amazonas, tendo estado em Porto Velho e Rio Branco, sobre o qual escreve um livro. Retirou-se de Manaus logo após o crime, viajando para a Europa.

- 2) A morte do Pensador Eduardo Gonçalves Ribeiro (1862-1900), chamado por seus contemporâneos de "Pensador" - porque dirigira o jornal maranhense do mesmo nome -, foi uma das pessoas de maior expressão no nosso Estado, que chegou a governar em três ocasiões, duas em caráter provisório e a terceira como candidato eleito para o quatriênio 1892/1896. Aproveitou as rendas fabulosas do preço alto da borracha, com o orçamento sempre acusando superavit, e executou, em Manaus, as melhores e mais belas obras existentes. A passagem do século já o encontrou combalido das faculdades mentais, tanto que tinha estado com especialistas na Itália, porém, mesmo assim, gozava de enorme prestígio político e social. A 14 de outubro de 1900, para imensa tristeza da cidade, o "Pensador" é encontrado morto, em sua aprazível chácara, situada diante do atual Hospício. O corpo de Eduardo Ribeiro estava sentado no chão, com uma corda fina de mosquiteiro atada no pescoco. Houve, na época, laudos técnicos dando suicídio como causa mortis, mas o assunto, dado à importância da vítima, foi e vem continuando a ser objeto de especulações, considerando-se a dificuldade que haveria para suicídio na posição e nas demais condições em que o corpo se achava. Prossegue a dúvida, sem solução satis-
- 3) O monstro do Igarapé Na década de 1910, o Igarapé dos Educandos era muito frequentado pelas lavadeiras que ali se reuniam em conversas compridas, enquanto esfregavam, batiam e enxaguavam as roupas. Entre elas, era conhecida uma ainda bem moça, apelidada de Neca. Um dia, icontara ela a uma conhecida certo caso um tanto difícil de acreditar e, ante a expressão de dúvida que a ouvinte lhe fizera, acrescentou "Que uma fera me mate se estou mentindo!". No mesmo instante um enorme jacaré surgiu veloz a seus pés e puxou a infeliz moça para a água; arrastou-a, diante da amiga e de numerosas outras pessoas, trucidando-a em minutos. Atraídos pelos gritos dos que assistiam à cena, correram vários homens com espingardas, terçados e paus, conseguindo finalmente abater a fera. O caso chocou e comoveu toda a população de Manaus. Foi um dos maiores jacarés encontrados na região e sua cabeça faz parte do museu do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, onde permanece em exposição.

# Fatos sombrios

Como continuação aos comentários sobre fatos policiais antigos, ocorridos em nossa pacata Manaus de outrora, alguns misteriosos e insolúveis, prossigamos:

4) O assassinato de "Santa Etelvina" - O mistério do assassinato da jovem Etelvina jamais foi desvendado, mesmo porque o causador da tragédia também desapareceu. Não se ficou sabendo o motivo de tão grande desgraça, apenas a certeza de se tratar de um caso patológico, ligado ao terreno da psiquiatria. Etelvina de Alencar era cearense, nascida em 1884. Veio para Manaus com o pai, já viúvo, para trabalhar na "Colônia Campos Sales", no quilômetro sete na antiga estrada Flores-Campos Sales, quando, no dia 9 de marco de 1901, teve fim trágico, aos 17 anos de idade. O seu assassino foi José Francisco Ribeiro, baiano de 22 anos, que por ela se apaixonara. Ambos viviam na "Colônia", ele auxiliar da carpintaria e ela, doméstica, na residência do administrador, onde dormia. Ainda estava lá o ex-chefe Dr. Dias dos Santos, tendo como engenheiro-auxiliar o Dr. Alberto Rangel, este morando no centro da cidade, o qual se retirou às 17:30 horas da data fatídica. No mesmo dia o criminoso teria adquirido um rifle com munição. Voltando à "Administração", atirou e matou Estevão José Coelho, Antonio Francisco Barbosa e Giovani Vezzoli - novo Diretor da "Colônia". Arrombou o quarto de Etelvina e a levou para a floresta, matando-a a tiros. Patrulha policial andou procurando-a, sem êxito. Somente nove dias após, o seu corpo foi encontrado, indicado pelos úrubus, enquanto o de José, que praticara suicídio, estava mais adiante.

A tragédia comoveu, a todos e uma Comissão foi constituída com o fim de homenagear a vítima, da qual faziam parte Alberto Rangel, Solon Pinheiro, Amaro Bezerra, Drumond da Costa, Castro e Costa, Virgílio Lamgbek, Hanibal Porto e outros, que se quotizaram para "obter um pequeno pedaço de mármore lavrado para que marcado seja, na vasta terra dolorosa, o lugar onde repousam os restos sagrados de Etelvina de Alencar". Restos que foram removidos para o "São João Batista" e inumados adiante da Capela Principal, onde o povo reverencia como milagrosa e fez construir uma capelinha que está sempre enfeitada de flores, "ex-votos" de cera,

pedidos e fotografias.

Na ocasião, apenas o "Comércio do Amazonas" se ocupou, do caso. Tempos depois, Antonio Mulatinho, poeta popular cearense, escreveu um folheto com o título: "Os horrores de Manaus" (uma das edições, talvez a primeira, está na biblioteca do professor Mário Ypiranga Monteiro). Em 1946, Álvaro Maia publicou um

opúsculo intitulado "Etelvina, Enfermeira da Esperança".

5) O atentado a J. G. Araújo — O Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, português (1860-1940), tendo chegado a possuir no Amazonas, através de atividades comerciais, a maior fortuna de seu tempo, muito contribuíu para o desenvolvimento do Estado. Pessoa instruída, com largo tirocínio, deixou descendência numerosa e ilustre. Por sua honestidade, firmeza e solidariedade humana, teve sempre a simpatia e o reconhecimento de todos. Lá pela década de 30, um negociante do Rio Negro, negando-se a pagar uma dívida a J. G., foi compelido a fazê-lo por via judicial. Tomado de fúria, o perdedor da lide esperou o Comendador quando este, saindo do escritório, dirigia-se para sua casa na Praça de São Sebastião e, ao defrontá-lo, deulhe à "queima-roupa" um tiro de revólver dirigido ao coração. Com sorte incrível,

J. G. apenas cambalcia ao impacto da bala, pois esta, chocando-se com o cabo do seu guarda-chuva, ricocheteou e levemente o atingiu no braço esquerdo. Na extremidade do cabo de cerejeira do guarda-chuva, uma placa de ouro existente ficou amolgada, como lembrança do fato extraordinário. E o criminoso, que tentara fugir, foi preso em flagrante e condenado, mas J. G. perdoou-o, por se tratar do chefe de

uma família que dele necessitava para sobreviver.

6) Camaval fatídico - Talvez por contraste à primeira Grande Guerra que consumia a Europa, o Carnaval de 1915, em Manaus, foi um dos mais animados e exuberantes. Entre as figuras de maior expressão nos folguedos estava a jovem Aria Ramos, linda e querida, com sua simpatia, sua arte de violinista, sua posição de escol na melhor sociedade manauara, integrando, naquele Carnaval, o bloco dos "Paladinos da Galhofa", entre outras mocas e rapazes de famílias conhecidas. Para coroar a "terça-feira gorda", combinaram ir ao baile do aristocrático Ideal Clube (então num sobrado à esquina da Eduardo Ribeiro com a Rua Henrique Martins). E ali divertiamse até o início da quarta-feira de cinzas. A animação no auge, a orquestra toca a valsa "Subindo ao Céu", em grande voga na ocasião. Quando termina, Aria, numa elegante túnica branca, atendendo a gerais pedidos, repete a valsa com seu violino, concluindo-a sob aplausos intensos. A seguir, senta-se, alegre, em companhia de um jovem amigo inglês, Mr. Fenthon. Metros adiante, um "cow-boy", ao mexer no revólver que julgava descarregado, dispara. O estampido perdeu-se no barulho da festa, confundindo-se com o espoucar das rolhas do champagne. Aria, com a cabeça pendida, vai tombando, a veste branca tingindo-se de vermelho. Fora atingida fatalmente na veia femural e em poucas horas expiraria. Cena de uma dramaticidade terrível. Hoje há, no São João Batista, o túmulo com a estátua, em mármore, da moça bela e esguia com seu violino.

### As amargas, também...(I)

É da própria natureza humana, por um instinto de auto-defesa, a tentativa de esquecimento das coisas desagradáveis, sofridas ou presenciadas durante a vida.

Manaus, mesmo depois da crescente descapitalização com a queda do preço da borracha, teve uma vida calma e momentos alegres. Mas a pacatez da cidade, ainda assim, sofreu hiatos dolorosos, com a ocorrência de alguns crimes que abalaram sua sociedade em geral, porque era gente que se conhecia pessoalmente ou de vista, além dos laços de parentesco. Foram fatos dramáticos, vários de conseqüências funestas. E, circunstância curiosa, seu cenário foi sempre a Avenida Eduardo Ribeiro ou suas imediações.

O primeiro deles foi o assassinato do meu tio Miguel Bittencourt, em 1913. Jovem brilhante, bem apessoado, num domingo estava em companhia do dr. Vivaldo Palma Lima e do sr. Carlos Studart. Conversavam na porta principal da farmácia Studart, na esquina da Sete de Setembro com a Eduardo Ribeiro, quando passou o Deputado Estadual Joaquim Cardoso de Faria, desafeto político, que dirigiu ao Tio Miguel um insulto. Agredido por bengalada, o autor da ofensa puxou de uma arma e disparou à queima-roupa, atingindo-o na carótida. Mortalmente ferido, cambaleante, meu tio atirou duas vezes no adversário, que fugia pela Av. Sete de Setembro, o qual foi atingido de raspão na cabeça e no pulmão, sendo que uma das balas veio a causar-lhe a morte, dois anos depois. No Senado, Ruy Barbosa analisou longamente o caso, em vários discursos seguidos, que passaram a constituir o Tomo IV do Volume LX de suas "Obras Completas" ("O Caso do Amazonas" — 1913).

Outra ocorrência de resultados quase fatais foi o desentendimento entre os jornalistas Geraldo Rocha e João Barafunda (João Coelho Cavalcante). A animosidade entre os dois passara do plano jornalístico para o pessoal, com as agressões escritas acirrando-se até o ponto da explosão. Ambos armados, um dia se encontraram e travaram batalha campal.

O patoresco é que Barafunda tinha um pólipo no nariz e temia operá-lo. Pois, no duelo, uma das balas de Geraldo Rocha arrancou o pólipo de João Barafunda. Pode parecer exagero, mas aconteceu. O "operado", já no Hospital, dizia ter ficado agradecido pela "bela-terapia".

Anos decorridos, dentro do bonde "Fábrica de Cerveja", no momento em que o veículo trafegava pela Rua Dez de Julho, próximo à Avenida, foi abatido José de Arimathéia Cavalcante, que, anos antes, havia assassinado o sr. Indio de Maués. O vingador, no banco de trás, tocou-lhe o ombro e alvejou-o.

Tempos mais tarde, no ano de 1933, estávamos Aldemir Miranda e eu na Av. Eduardo Ribeiro, quando ouvimos tiro de revólver. Corremos para o local e vimos, já morto, com certeira bala na testa, o capitalista Edgard de Freitas, exatamente na esquina da Rua Quintino Bocaiúva. Circulou depois que ele tomara um empréstimo de quantia vultosa a um amigo, sem recibo e não só deixara de pagar. como ainda ria quando a importância lhe era cobrada. Furioso, o credor o liquidou.

Também houve o caso terrível de Otelo Mavignier, que, por ataques pessoais num jornal de sua propriedade, procurou atingir a honorabilidade de estimado profissional, o qual o prevenira das conseqüências. Não sendo atendido, foi à redação

do jornal e matou-o a tiros, quando o jornalista tentava sacar um punhal que sempre portava.

O mesmo foi o fim de Walter Mendes, tombado no Grande Hotel, por

questões passionais, abatido a bala.

Houve a morte de Roskilde Pedrosa, embora ocorrida já um pouco fora das proximidades da Av. Eduardo Ribeiro, mas ainda no centro antigo da cidade. Roskilde era um bom rapaz, porém brigão, sendo de reconhecida agressividade. Enfrentando inúmeras vezes as autoridades que o temiam, numa noite, Roskilde quis entrar no "Gabaré Chinelo", existente então na Praça D. Pedro II, sendo obstado. Ao puxar do revólver, os "seguranças", já amedrontados com a sua ousadia, derrubaram-no fulminado por muitos balaços.

Tanto Walter Mendes quanto Roskilde haviam sido meus colegas no Ginásio e o fim de ambos entristeceu muita gente, principalmente pelas circunstâncias

trágicas da morte de um e de outro.



Miguel Bittencourt e Wenceslau Mello

# As amargas, também...(II)

O ponto de reunião mais concorrido se dava na Av. Eduardo Ribeiro, esquina com a Sete de Setembro, onde coexistiam, lado a lado, o Bar Americano e a Leitaria Amazonas (outros locais muito frequentados eram o "Leão de Ouro", o "Café da Paz" e o "Ponto Chic"). Os dois primeiros, amplos, com mesinhas dispostas na calcada larga, cercadas de confortáveis cadeiras de vime, viviam sempre cheios. Ali, à sombra das marquises e das árvores frondosas que ladeavam a Avenida, entre aperitivos, refrescos e sorvetes de frutas regionais, ficava-se a par das novidades locais e do mundo. Certo dia, lá estava o Tenente do Exército Álvaro Francisco de Souza, quando chega o Guarda Aduaneiro Anísio Amazonas, ambos populares, homens valentes e de reconhecidas qualidades. Anísio era exímio violonista, juntamente com seu irmão, chamado de "Pequenino". De repente, sem que se percebesse o motivo, se desavieram, passando a uma luta corporal de rara ferocidade, no curso da qual Alvaro deu violento soco no olho de Anísio, cegando-o. De tão violento, diziam ter sido dado com o chamado "soco inglês". Anísio abre uma navalha e, em segundos, corta o Tenente na garganta, quase degolando-o. Por felicidade não foi atingida a carótida, mas o corte foi extenso e profundo. Sangue por todos os lados, os dois contendores foram levados para a Santa Casa de Misericórdia, onde depois de medicados e salvos, acabaram fazendo as pazes por interferência de amigos comuns. Anísio perdera uma vista e Álvaro passou a ostentar a cicatriz no pescoco. Com este último tive maior contato, pois fazíamos parte da guarnição de remo, um "out rigger" a oito com patrão, no Rudder Klub. Depois, como Capitão, foi ele o presidente da banca examinadora para o concurso da Escola de Aviação Militar, realizado em Manaus, em que fui aprovado juntamente com o ex-Senador Edmundo Fernandes Levy, o saudoso Augias Pinheiro Gadelha e o diplomata Hermes Paixão e Silva, além de um dos irmãos Marques, Mais tarde, já no Rio de Janeiro, o Capitão Álvaro tomou parte na intentona Comunista de 27 de novembro de 1935 e foi na sua Companhia que teve início a luta. Incendiado o quartel do 39 Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, e dominado o levante infeliz pelas forças governamentais. foi tirada uma fotografia, hoje histórica, da rendição dos sobreviventes insurrectos. em cujo centro está o Capitão Álvaro de Souza.

Outro acontecimento dramático foi o caso Delmo, justiçado pelos motoristas de Manaus, revoltados com o assassinato bárbaro de um colega e retirado à força das mãos da Polícia.

Fato interessante, felizmente de pequenas consequências, foi-me contado pelo saudoso e legítimo "Rei da Castanha", Wenceslau Nicolau de Mello, meu tio por afinidade, que morava no Lago do Ayapuá, no Purus. Era ele homem forte e acaboclado, de raras qualidades humanas, destacadamente a calma e a tranquila bondade. Flautista de valor, seu maior prazer era ver a caboclada em festa, animada pela orquestra da qual tomava parte. Pelo começo da década de trinta, vindo a Manaus - o que fazia raramente, para aquisição de gêneros para o "fabrico" da castanha - encontrou-se com seu velho amigo Dr. Flávio de Castro; foram tomar um café no "Leão de Ouro", quando um popular embriagado implicou com Wenceslau, chamando-o de caboclo feio e outros adjetivos. Os dois amigos combinaram sair a fim

de evitar atrito, quando o infeliz desconhecido declarou: "mas não sai sem apanhar", avançando para agredi-lo. Apenas recuaram e o bêbado foi passando e dando de cara com o ferro da porta do estabelecimento. Foi grande a sangreira, sem que ninguém tivesse encostado um dedo no "borracho", evidentemente desprotegido pelo seu guia espiritual. . .

Diversas tragédias ocorreram abalando a população pacata de Manaus, com repercussões maiores do que as atuais, visto que, por um lado, o esquecimento das coisas tristes e, por outro, a continuidade da violência vêm anestesiando a alma co-

letiva.

#### Crime e audácia

Em todos os tempos e em todos os lugares de boas possibilidades econômicas, ai chegam os grandes e pequenos aventureiros, que acabam tomando parte na formação histórica regional — correndo os riscos das descobertas ou explorando a boafé dos incautos. Por sua ousadia ou temeridade, criam ou descobrem coisas que o

homem comum não consegue vislumbrar.

No Amazonas, quando se fala em grande aventureiro, vem logo à lembrança o nome de Dom Luiz Galvez Rodrigues de Arias. Porém, antes dele, entre os maiores, tivemos o culto cidadão chamado Alexandre HAAG, que diziam ser russo de nascimento e que viveu muitos anos percorrendo o nosso interior, em trabalhos de sua especialização. A data mais recuada de sua presença em Manaus foi registrada no "Jornal do Amazonas", de 8 de junho de 1876, na qualidade de Auxiliar do Conde Fernand Gaston de Rocheville, encarregado das Comissões de Exploração dos Afluentes do Amazonas. Ernesto Mattoso Maia Forte refere-se em seu livro Impressões da Viagem do Rio de Janeiro ao AltoMadeira" (1885) ao Haag, dizendo que este fez a travessia do Pacifico e desceu pelo Madeira, quando foi atacado pelos Caripunas, "de cujo encontro guarda hoje triste e dolorosa recordação da cicatriz de uma flechada com que o feriram" (pág. 123). Muitos anos mais tarde Haag morreu, preso em Belém do Pará, na Cadeia de São José, constando ter confessado um dos seus crimes em Manaus. A acusação que o levou à prisão foi a de ser bígamo e no decurso das investigações, descobriram ser casado em Paris, Belém e Manaus. A confissão foi a de ter assassinado o usurário Custódio Pires Garcia, em 16 de maiode 1885, crime antes imputado ao benquisto comerciante no Juruá, Maurilio Torres (que foi presidente da Assembléia Estadual, ao tempo do Governo de Domigos Monteiro Peixoto), sendo, portanto, muito relacionado em Manaus. Por ser amigo íntimo de Garcia e ter sido visto saindo do local do crime por algumas testemunhas, foi indiciado e levado às barras do Tribunal como assassino. Passou anos preso e respondeu a três Júris, sendo o último absolvitório, em 1893, por falta de provas (só indícios veementes), quando estava na Presidência do Júri o Dr. José Francisco de Araújo Lima (pai do médico José Francisco de Araújo Lima e do Bacharel e Jornalista Benjamim Lima). "O Norte do Brasil", de Manaus, de 16 de maio de 1893 noticiou o sensacional julgamento.

Ao tempo do assassinato houve até a demissão do Chefe de Polícia, quando tudo no Amazonas se tornava caso político. O Dr. Hosanah de Oliveira dá conta dos episódios em suas memórias. Foi nomeada uma Comissão para investigar o crime, composta do Dr. Barbosa Rodrigues, Dr. Jonathas Pedrosa e o Farmacêutico Monteiro, que era professor de Fisica e Química e procedeu ao exame das botinas e do paletó de Tarciano Maurillo Torres, concluindo pela culpabilidade, ao tempo de

Ernesto Adolfo de Vasconcellos Chaves como Presidente da Província.

Contou-me o prof. Agnello Bittencourt passagem ocorrida na Manaus de antigamente, nos primeiros anos deste século: o Dr. Alberto Coelho era muito amigo de nossa Família e até compadre, e aos domingos e feriados, juntamente com outras pessoas que lhe eram afeiçoadas, frequentava o seu "Banho". em Flores (se não me engano, a própria Chácara do Pensador, alugada). Iam todos de bonde e, certa vez, entre os presentes, desceu Alexandre Haag, conhecido de meu pai apenas de vista.

Entre os familiares estava D. Luiza Mello, cunhada do prof. Agnello, que levou, como era hábito naquele tempo, algumas jóias, inclusivemente um bracelete com brilhantes. As dezeseis horas, o primeiro a se retirar do convescote, quase discretamente, foi o dr. Alexandre Haag, logo que percebeu a proximidade de um bonde que o levou à cidade. Ao cair da tarde, todos se aprontando para o regresso, a prónria dona da casa perguntou à d. Luiza pelo bracelete que ela vira antes, sendo informada de que não o estavam encontrando. Todos os visitantes se entreolharam e, para que não permanecesse qualquer desconfiança entre os presentes, propuseram que os homens se revistassem entre si, o mesmo fazendo as senhoras. Não reaparecendo a jóia, alguém se lembrou da retirada precípite do único visitante, sobre o qual, então, recairam as suspeitas. Alberto Coelho, vexadíssimo, referiu-se ao "convidado do Agnello", tendo este declarado que mal conhecia o Haag, apenas vindo no mesmo veículo e, pelo desembaraço do "penetra", ficou na certeza de que era . íntimo da dona da casa. No dia seguinte, um dos presentes procurou o Engenheiro contando a cena desagradável e as suspeitas gerais, ao que ele negou paremptoriamente. Dias depois desapareceu de Manaus e nunca mais voltou . . .

### E o tempo levou...

Estender o olhar ao passado e fixar, nítida, a imagem de um amigo que se foi, é abrir as portas de um paraíso perdido e volver a momentos de suavidade e ternura.

Na Manaus, cada vez mais turbilhonante, a imagem do que foi torna-se um imperativo na adega prodigiosa da saudade — onde estão guardados os vinhos do

bem querer.

Ainda ouço, na madrugada longínqua, sons de serenatas, em cantatas ao luar (onde andará a formosura que acordava cantando "No Rancho Fundo"?). E vêm chegando as recordações do "Café da Paz", com o bilhar e caldo de cana (pagava quem perdesse) e os parceiros contumazes Átila, Walter, Vinícius, já pensando no banho da Chapada ou a ida à "Ponta do Ismael)", onde o programa era colher melancias sem donq... Até algumas de nossas preocupações literárias de então se esgarçaram no tempo, quando estavam em maior evidência Gilberto Freyre, Humberto de Campos, Berilo Neves, Pitigrilli, o eterno Machado de Assis e os nossos poetas maiores, Raimundo Monteiro, Jonas da Silva e Pereira da Silva.

Os de hoje não têm mais tempo para as conversas sem pressa, no "Bar Americano", no "Ponto Chic", no "Leão de Ouro", ou na "Bolsa Universal" e no "Pavilhão". Nem conheceram o fiambre que vinha da Europa, importado pela "Casa Guerra" e, em Manaus, era fabricado tal qual, pelo proprietário da "Nova Fênix", um português de sobrenome Bethancourt. A nova geração conhece apenas o sofisticado presunto e, para se ter idéia do que era — o fiambre equivaleria ao champagne e o atual presunto, à cerveja. E aquele mungunzá vendido no Mercado Municipal, desde a madrugada, por dez tostões a tijela?! ...

Contrariando a triste realidade econômica da época, os nossos pais e contemporâneos se agigantavam no cultivo da inteligência, cujo centro de novidades literárias residia no estabelecimento do saudoso Comendador Asensi — onde já haviam chegado ou eram encomendadas as obras publicadas no Sul do Pais ou na Europa.

Manaus sempre abrigou figuras extraordinárias que integravam a citadina paisagem humana, hoje, quem sabe?, nomes tutelares, como o do Comandante João de Deus Cabral dos Anjos, compositor Ormisdas de Oliveira, parteira D. Adelaide (tão bem lembrada por Thiago de Mello), Pedro Prado Lins, Sérgio Cardoso, Rui Lima, jornalistas Herculano Castro e Costa e Umberto Calderaro, Garcilaso Lago e Silva, Eyder Encarnação, Raymundo Nonato Pinheiro (pai), Carlos Gonçalves, Adriano Queiróz, Desembargador João Rebello Corrêa, João Luna, Ageu Ramos e tantos outros, por certo na Seara do Senhor.

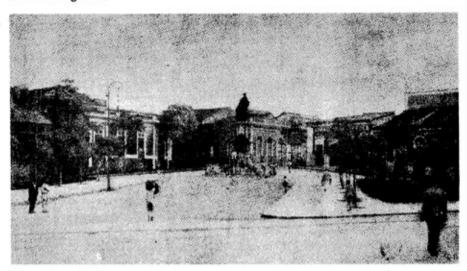
Estes pensamentos já foram ditos, vindo a provar o que afirmava Montaigne de que não fazemos mais do que repetir as mesmas coisas e andar no mesmo círculo. Repetição cruel, porque acrescida pela tristeza do aumento de novas perdas de pessoas que muito amamos.

Chegou o dia da viagem definitiva, em dias da semana passada, do amigo e irmão CATHARINO SIMPSON DE AMORIM, de família tradicional, deixando um vazio no coração do Geraldo, Elidith, Jurandyr, dos netos e de alguns amigos, pois a vida não lhe concedeu outros prêmios. A sua pessoa está muito ligada à "Livraria Clássica", onde enterrou seus sonhos de mocidade, em múltiplos e variados traba-

lho, inclusivemente os de tipografia. Tenha agora o descanso merecido, proporcional a tudo que sofreu aqui na terra.

Não encontro mais nas ruas os "ficus", as mangueiras, os velhos amigos e os

sonhos antigos . . ,



Praça Tamandaré

### 1933-1983

Em 1929 éramos uns trinta e poucos alunos matriculados no Ginásio Amazonense Pedro II. Destes, somente vinte e seis, em 1933, chegamos ao fim do curso, como se observa no quadro de formatura, em madeira, configurando o "castelo", tradicional símbolo e emblema do velho estabelecimento.

Já lá se vão cinquenta anos! Parece apenas ontem e no entanto decorreu muito tempo, principalmente levando em conta o número de pessoas que, dentro desse espaço, nasceram e também partiram. Daqueles ginasianos, os que sobraram ainda se recordam com prazer de um companheirismo saudável, de um tempo de folguedos comedidos, daquelas manhãs de sol (pois só existe sol em tais lembranças), das nossas casas, do borburinho das salas de aula, cujo objetivo maior e cuja responsabilidade exclusiva eram de concluir o curso.

Naquela ocasião, o corpo docente estava constituído de verdadeiros eruditos, cada qual em sua especialização — não tivessem, todos eles, obtido as cátedras em concursos públicos memoráveis, em disputas tão brilhantes que algumas se tornaram lendárias. Durante muitos anos foi nosso Diretor o inolvidável Mestre Plácido Serrano. Ao terminarmos, estava na direção do Estabelecimento, o professor Pedro Severiano Nunes. De todos os Mestres, o único a continuar até hoje contando a História da Vida é o professor Arthur Reis.

E quanto aos estudantes? Compusemos uma das últimas turmas anteriores às reformas sofridas pelo ensino, e que, num balanço geral, mais o atrapalharam do que aperfeicoaram.

Fomos, por diversas circunstâncias, estudantes em condições de vencer na vida, tanto que, no Sul, conquistamos posições de relevo, sem padrinhos ou "pistolões".

No Amazonas, mergulhado na maior falta de recursos, havia carência total de possibilidades e a maior parte de nós teve que se transferir para o Sul, geralmente na terceira classe do Lloyd Brasileiro, com pesado sacrifício financeiro e sentimental para nossos pais.

Nessa altura, devido à falta de mercado de trabalho, Manaus despovoava-se de boa porção de sua juventude masculina, permanecendo as moças. Não seria concebível que as jovens se apartassem da família, pela concepção da vida daquele tempo, para tentar sobreviver à própria custa. Com isso, em nossas visitas à terra natal, encontrávamos um verdadeiro ambiente edênico. Há poucos anos, conversando a esse respeito com a Senhora Eunice Michilles — hoje notável Senadora, a primeira mulher a ocupar esse cargo e já lembrada para a Vice-Presidência da República —, referiu-se ela a vantagem que então levávamos, tendo quantas namoradas quisés-semos, diante da escassez de rapazes, ao que lhe lembrei ser essa uma felicidade bastante efêmera, pois a falta de dinheiro e de emprego empurrava-nos para fora de Manaus.

Nem tudo, entretanto, acabou bem para todos. Aquela turma de 1933 foi muito atuante, mas fato curioso — teve a lamentar um alto índice de colegas assassinados. Perdemos o Quidoca, morto quando passava férias no Rio Branco; depois de já formados, tombaram o Roskilde Pedrosa, na Praça D. Pedro II, o Walter Mendes, abatido num hotel de Manaus e o Lauro Lemos, morto numa diligência policial, quando em ação no Município de Caxias, na qualidade de Delegado de Polícia.

No quinto ano, um grupo fundou o "Grêmio Machado de Assis", o que nos obrigou, ao menos, a ler o velho Machado — o Drummond de oitenta anos atrás; organizamos também um jornalzinho, "A Colmeia", cuja coleção completa (a única talvez) integra o acervo do I G H A e que era dirigido pelo Joaquim Paulino Gomes, Ivan Coelho Cintra e por este cronista. Os sutentáculos financeiros da "A Colmeia" eram três anúncios feitos por amigos dos estudantes: "Maximino Corrêa (Fábrica de Cerveja e Gelo de Miranda Corrêa e Cia), Glicério Vieira (Chapelaria Goulart) e Ildefonso Pinheiro (Café Tropical). Houve divertidas excursões pelo interior e, nas férias iuninas, fomos a Porto Velho, sob os auspícios do saudoso Aluízio Ferreira, então Diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. A comitiva foi constituída por Vinícius Ramos, Paulino Gomes, Ivan Cintra, Lúcio Granjeiro de Almeida e, como tesoureiro, Ulysses, todos sob a presidência do Átila Sá Peixoto. Exatamente na primeira noite de viagem, só de bebidas se consumiu um valor superior a toda a disponibilidade do grupo. Mas o Átila garantia que o Amigo Aluízio daria um jeito. De fato, ao chegarmos, ele patrocinou tudo; e promoveu uma conferência, à qual, por um simples aviso à porta da "Estrada de Ferro", compareceram cento e dezoito pessoas à base de dez mil réis por cabeca . . . Nota inesquecível : num jantar em casa do Aluízio, ouvimos na "Hora do Brasil", o rádio anunciar. "Acaba de falecer, no Rio de Janeiro, o grande historiador Rocha Pombo".

Daquele ciclo de nossa existência ficou a marca vivencial, abrangendo o estudo, o trabalho, muitas diversões, a descoberta da vida. E de repente, não mais que de repente, eis que é passado meio século!

Ao Agostinho, Aristóteles e Augusto Comte de Alencar, Belmiro Galotti, Palma Lima, Eurico Pessoa, Icilio Nunes de Lima, Raul Moraes Mello, Joffre de Alcântara, Lúcio Grangeiro, Vinícius Ramos, Mariano Lima Corrêa, Nair Maneschy, Lourenço Farias de Mello e aos colegas falecidos (sendo o último em janeiro corrente, o professor Elmacino Martins de Araújo) — são dedicadas estas reminiscências.



# O certo por linhas tortas

Em agosto de 1945, acabados os perigos que a Segunda Guerra Mundial infligira à navegação de cabotagem da costa brasileira e que haviam acarretado o quase isolamento comercial e turístico do Amazonas, Manaus sacudiu a poeira da prolongada letargia a que fora submetida e inaugurou uma Feira de Amostras com um Parque de Diversões, onde funcionavam muitos brinquedos e um teatro ao ar livre, no qual se exibiam os astros principais de nosso rádio — Moreira da Silva, Odette Amaral, Cyro Monteiro, Silvino Neto e muitos outros. Foi um sucesso estupendo!

A Feira se localizou no terreno, então baldio, pertencente à Capitania dos Portos, entre o Mercado Grande e o Porto da Manaus Harbour, ao lado de onde havia o tradicional e hoje demolido "Trapiche Teixeira". A população prestigiou a iniciativa

e compareceu em peso, lotanto a área e todas as instalações ali dispostas.

Entre as atrações, havia "stands" com produtos típicos, guaraná, madeiras, etc. E numirecanto achavam-se expostos os mais preciosos livros da nossa Biblioteca Pública. Convidado para a inauguração, compareceu o Professor Agnello Bittencourt que percorreu satisfeito toda a área, até deparar com os livros raros ali expostos. Ficou perplexo com o fato de estarem desprotegidas as obras mais raras, num lugar sem qualquer defesa contra furto ou danos outros, assim tão ao alcance de todos, em vitrinas frágeis, dentro de pequena barraca de madeira pintada. Temeroso com o que pudesse acontecer, ficou de ir falar com o Interventor Álvaro Maia, seu ex-aluno e velho amigo, para pedir-lhe alguma providência contra aquele risco necessariamente evitável.

Antes que pudesse fazê-lo, entretanto, ocorreu um fato terrível — na madrugada de 22 de agosto de 1945, uma quarta-feira trágica para a cultura amazônica e mesmo nacional, Manaus despertou iluminada por um estranho clarão! Fagulhas subiam para o céu numa altíssima coluna vermelha, fortes estalos ouviam-se à distância, cinzas começavam a se espalhar por toda a cidade e a população veio para a rua e logo se espalhou a notícia estarrecedora: um incêndio incontrolável consumia a antiga Biblioteca Pública do Amazonas, coletânea feita com amor, tenacidade, tempo.

Em horas ficaram apenas as estruturas do prédio inaugurado em 1910; vigas negras, ferragens retorcidas e nada mais. Isto é: sobraram os livros mais importantes,

aqueles que se achavam expostos na Feira de Amostras!...

O Professor Agnello, que veio a integrar a comissão designada para os trabalhos de soerguimento da Biblioteca e deu destacada contribuição nesse sentido, lembrava, mais tarde, — focalizando sua revolta por terem sido levados os livros para a Feira —, o quanto é correta a afirmação popular de que "Deus escreve" perto por linhas tortas".

No livro "Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas", o escritor Genesino Braga escreveu minuciosa informação sobre a triste ocorrência, ao contar a História da nossa velha casa de Cultura. É livro de indispensável leitura, no momento

em que o atual Governo está empenhado em recuperá-la.

Dentre os maiores incêndios de Manaus, além do acima comentado, lembro de

três outros : o do Edifício Tartaruga, o da Fábrica Brasil-Heyea e o dos Correios.

Estas lembranças vêm a propósito do violento incêndio no Rio de Janeiro, ocorrido no dia de São Sebastião, que destruiu os cento e oitenta mil volumes da Biblioteca Estadual Celso Kelly, fundada em 1873 e que passou a funcionar, em 1930, na hoje Presidente Vargas. Há quatro anos teve a última reforma, ocasião em que foi construído um anexo, sendo a única, no Rio, a possuir uma seção para cegos. Do desastre não escaparam livros raríssimos, como a Gramática de Prisciani, de 1488 e Coleções como a do "Correio Brasiliense (1808 a 1820) e jornais do tempo do Império.

### Solo pródigo

Em crônica de 8 de julho do ano passado, sob o título "Por que não?", lamentei o desaparecimento quase total das árvores antes existentes nas ruas e praças de Manaus e defendi a necessidade de seu replantio. Mesmo que uma coisa não tenha conexão direta com a outra, eis que no domingo, dia 18 do corrente mês, assisti, com alegria, a um programa da TV-Educativa (Canal 2) do Rio de Janeiro, durante o qual se transmitiu excelente reportagem dando conta de haverem os estudantes de nossa Universidade, num movimento digno de todos os aplausos, transportado sete mil mudas de árvores frutíferas para plantá-las nos bairros de Coroado, São José e Cidade Nova. Ainda que muitos exemplares não venham a vingar, — entre eles o tão decorativo jambeiro —, em decorrência da ação vandálica dos predadores, sempre haverá um belo saldo positivo e isso já é um começo estusiasmador.

A importância desse evento transcende à própria utilidade do gesto praticado e atinge um plano mais alto de nossa consciência cívica, porque evidencia o ressurgimento, ou talvez, uma revitalização, agora, de dois grandes valores que parece terem ficado adormecidos por muito tempo: o empenho dos jovens universitários de atuar em proveito de todos os segmentos da população e, por sua vez, o interesse governamental de ir ao encontro de uma reivindicação pública. Eram coisas que vinham rareando e, por isso, seu reaparecimento, motivo de júbilo geral, deve ser proclamado e festejado.

Será também oportuna uma campanha intensiva no sentido de estimular os particulares a plantarem em seus terrenos, tanto quanto possível, em cada área disponí-

vel, por menor que seja.

Antigamente não havia apenas as grandes chácaras nos arredores do centro da cidade, contribuindo para o abastecimento de Manaus, como por exemplo, as de George Brown, de João Avelino, dos Machiné, do Dr. Adriano Jorge e tantos outros, para citar somente a Vila Municipal (Adrianópolis). No próprio centro urbano, quase todas as casas possuíam quintal arborizado ou um pátio cheio de plantas. Lindas mangueiras enriqueciam as residências do Dr. Alfredo da Matta, do Des. Estevão de Sá Cavalcante d'Albuquerque, Cte. Henrique Lima e tantas outras. Em muitos pequenos jardins existiam "belas da noite", jasmineiros, roseiras, pés de canela e baunilha, a perfumarem as ruas!

Mas, tal conjugação de imagens — a presença dos estudantes e a idéia de repor alguma coisa que fora tirada — conduz-nos imediatamente a um outro problema em curso de solução: o de algumas escolas públicas que perderam suas antigas sedes, terrível malefício à cidade, praticado por governos passados, como foi o caso dos Grupos Escolares "Antonio Bittencourt", "Gonçalves Dias", "Marechal Hermes", além de outros. No local deste último, que era bonito prédio, após ser demolido construiram um novo, de três andares e péssimo aspecto, que, de tão mal feito, precisou ser posto abaixo. A mecânica desses desfalques era sempre a mesma: se um imóvel do Estado apresentava-se em más condições, em vez de reformado era doado. Para entidades às vezes pouco carentes da doação. Houve exceções, é claro. Álvaro Mais, se autorizou a supressão de uma grande praça, foi para que ali se instalasse a modelar Escola Técnica Federal do Amazonas, em 1942. No terreno ao lado (rua Duque de Caxias, antiga Gonçalves Dias) abrangendo o Grupo Escolar "Gonçalves Dias" e áreas de propriedade dos casais Benjamin Lima e Olympio de Menezes, ajudou ele a erguer-se o "Patronato Santa Terezinha". Nem todos, entretanto, assim procederam, e vários tradicionais estabelecimentos fecharam as portas.

Hoje, apesar da falta de recursos com que se debatem as administrações estaduais e municipais brasileiras, é edificante notar-se que no Amazonas numerosas escolas vêm sendo inauguradas. Não é em vão que o Estado é governado por um Mestrinho e que o Prefeito de Manaus é Amazonino até no nome.

A estes, aos estudantes plantadores e aos demais responsáveis pela reposição de árvores e de escolas, nossas homenagens.

#### Uma cerimônia

Antes da Academia Amazonense de Letras possuir sede própria, as reuniões solenes eram realizadas em auditórios emprestados, com as mesmas pompas das de hoje, porém com um toque diferente em sua programação. Assim, há cinqüenta e três anos atrás, realizou-se a posse do meu antecessor na Cadeira de número 3, Professor Agnello Bittencourt, no "IDEAL CLUBE" devidamente engalanado, a 19 de outubro de 1932, sob a presidência do Dr. Adriano Jorge. Meses antes, no dia 9 de abril do mesmo ano, foram também aprovados outros três nomes para o preenchimento das vagas existentes: Doutores Mello Rezende, Anísio Jobim e André Araújo, sendo que o primeiro faleceu antes da posse.

Recordo agora as duas datas porque muito me impressionaram, dado à repercussão que tiveram, desde o dia em que compareceram à nossa casa da Rua Dr. Moreira os acadêmicos Péricles Moraes, Leopoldo Péres e Alcides Bahia, a fim de fazerem a comunicação oficial, tendo o último sido escolhido para a Saudação.

No dia 20 de outubro daquele ano, o Salão Nobre do "Ideal" regurgitava de intelectuais e amigos, quando, às vinte horas e trinta minutos, teve início a solenidade, cujo programação foi a seguinte:

1º - Discurso do Dr. Adriano Jorge, presidente da Academia;

29 - Piano, pelo Prof. João Monteiro de Souza;

39 - Canto, pela Senhora Dr. Agenor de Magalhães.

49 - Declamação, pela Poetisa Violeta Branca;

59 – Violino, pela Professora Nirvana Chã.

69 - Discurso, pelo novo Acadêmico Prof. Agnello Bittencourt.

79 - Canto, pelo Sr. Rosalvo Guini;

- 89 Violino, pela Srta. Stella Motta; 99 – Canto, pela Professora Eldah Bitton;
- 109 Discurso do Acadêmico Alcides Bahia;
- 119 Violino, pela Srta. Almira Neves;
- 129 Canto, pela Srta. Maria Tanajura;
- 139 Violino, pela Srta. Nair Franco;
- 149 Piano pelas Srtas. Jandyra e Jacy Castro

Embora o roteiro tenha sido longo, disso ninguém reclamou por ter propiciado festa de raro enlevo em arte e encantamento. O discurso do recipiendário, pondo em evidência o Amazonas e sua gente, teve como fulcro o correlacionamento da Geografia, no seu ramo ecológico, ou seja, o conjunto das influências naturais sobre a formação dos intelectuais e poetas que nasceram na Amazônia ou dela fizeram sua terra, destacando, entre outros, Torquato Tapajós, Jonas da Silva, Heliodoro Balbi, Paulino de Brito, Theodoro Rodrigues, Raymundo Monteiro, Hemetério Cabrinha, Álvaro Maia, Violeta Branca.

Somente em 5 de junho de 1934, o Interventor Federal Nelson de Mello (Presidente de Honra da Academia) baixou o Decreto doando o prédio situado "à Praça Antonio Bittencourt, canto da rua Tapajós, flanco esquerdo do Instituto Benjamin Constant", e, em seus Consideranda, dizia: "este cenáculo literário regular e

juridicamente constituído representa, por todos os títulos, a mentalidade amazonense, na sua mais lídima exponenciação, contribuindo, de maneira notável, para firmar dentro e fora do País o renome do Estado e honrar a sua tradição cultural".

As academias estaduais, às vezes tão contestadas, têm tido uma função aglutinadora de preservação do patrimônio cultural, papel que compartilham com os Institutos Históricos, constituindo, também, uma forma de aproximação dos que têm o hábito e o gosto de produzir os textos em que se espelha a vida da comunidade, sob a feição de poema, romance, conto, crônica ou ensaio, como de quantos, bem exercendo cargos relevantes, hajam significativamente contribuído para o progresso da cultura.

A nossa Academia de Letras já ostenta toda uma história de seriedade e bons serviços e a sua imperecibilidade reside, além de sua tradição de opulência verbal de oradores famosos, igualmente na sua Revista e em livros publicados na série "Edições Academia Amazonense". Basta mencionar os nomes de seus Presidentes para evocar como tem sido representativa da vida intelectual do Amazonas. Citemos apenas aqueles que não mais estão entre nós: Benjamin Lima, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Djalma Batista, Waldemar Pedrosa, Álvaro Maia, André Araújo. Cada um destes foi um expoente não apenas das letras, mas de campos os mais diversos da atividade social.

A evocação, aqui, daquela festa memorável de 19 de outubro de 1932, com a extensão e a excelência de seu programa, dá bem uma idéia do prestígio da Academia no tempo e da razão desse prestígio.

#### Falar javanês

É sempre bom lembrarmos, dentro da nossa própria, a transitoriedade de certos conceitos, palavras, idéias, designativos e modas que, quando ainda somos moços, nos parecem definitivamente estabelecidos, destinados a durar sempre. Ledo engano. Verdadeiro o aforismo popular, que diz: "Tudo passa, tudo quebra, tudo cansa". Também tudo tem seu tempo certo, conforme a Bíblia, e este é, às vezes, bem curto. Para comprová-lo, basta ler a relação abaixo, mencionando coisas tão conhecidas, tão comuns a todos os manauaras das gerações mais maduras e que, todavia, constituirão incógnitas para os moços de hoje. Vejamos, por exemplo: - O acidente ocorreu no Alto de Nazareth; - A carroca do geleiro estava atrasada; - nosso Museu Numismático tem pecas valiosíssimas; - A piscina do Parque Dez esteve muito concorrida no domingo; — O bonde Flores voltou lotado; — Na Vila Municipal vendem-se ótimas frutas; - A libra esterlina alcançou quatorze mil réis; - Nossa amiga fez sensação, no Quitunde, com umprovocante maiô desprovido de saiote, a última palavra em ousadia; — O preço do mata-fome do Jaú aumentou para dois tostões; — O casal foi visto no Plano Inclinado; — O Salão de Madame Messody lançou o novo corte de cabelos "coroinha"; - No Cine Avenida A "Sessão Chic começa às vinte horas; -- Causou constrangimento aos parentes que, durante a discussão havida no "Pobre Diabo", a jovem usasse palavras rudes como "punga", "larápio", "lunfa" e "cachorro"; - Estava enriquecido o tradicional presépio do pintor Branco e Silva; – no jardim em frente à Matriz, que produz flores, vendem-se bonitas rosas. — Achou-se uma pasta com documentos no "tabuleiro" da Praca Oswaldo Cruz; — estão podados e bem tratados os "ficus" e mangueiras de todas as ruas de Manaus; — o encontro foi no Leão de Ouro; — A Casa Colombo já comecou a vender as "bolsas Kodak", sanfonadas, de couro, imitação das famosas máquinas fotográficas e último grito da moda feminina; — O time marcou a partida no campo próximo ao "Onze Brilhante" em vez de no "Bilhares", - Ele viajou no Lloyd, porque achou mais seguro do que pelo monomotor anfíbio da Panair. — O Zé subiu os trezentos e sessenta e cinco degraus da Ponta do Ismael; - A nova linha de auto-ônibus vai até o "Seringal-Mirim"; – Muito interessante a exposição de trabalhos artesanais nos "Aprendizes Artífices", - Promete ser muito animado o próximo "baile do Chitão", no Rio Negro; - Cogitou-se de demolir o Trapiche Teixeira, -Frutas européias, exclusividade da Casa Guerra; - Há pessoas que preferem a Padaria Francforte à Fábrica Bijou, ou mesmo a Padaria Mimi; — A Festa da Áryore contou com a presença do Interventor Federal; - Há muito caju ao longo de toda a Chapada; - A Chácara do Pensador é um pomar; - A Revista "Redempção", do Clóvis Barbosa, é das melhores do País; - Com a chegada do "Poconé", a popular e felicíssima "Vale Quem Tem" vai distribuir aos promptos mais sabidos, aos pobres que procuram a fartura, a riqueza, arriscando pouco dinheiro. . .

Muitos jornais da época registram estas frases. Mas referir-se alguém a tudo isso, nos dias de hoje, seria falar em javanês. São coisas passadas, da época em que os homens tinham "caráter sem jaça" e, para os nossos poetas, o sol era o "Astro Rei" e o Solimões era o "Rio-Mar. . ."

### Coisas de lembrar

Certas cenas e certos fatos nos vêm à memória, a revelar aspectos de um passado já bem distante.

Cobra — Há muitos anos minhas tias Elisa e Judith, agora nonagenárias, resolveram morar um pouco longe do Centro de Manaus e passaram a residir numa nova casa de madeira ainda existente, em rua tranquila, transversal da Av. Waldemar Pedrosa, local hoje de muito movimento. Num dia de tarde calorenta, tia Elisa vai tomar banho, quase no escuro por estar faltando eletricidade, na ocasião, em toda Manaus. Deixando o penumbroso banheiro, ao sair, minha tia chama a empregada e diz-lhe: "Baraúna, vá ao banheiro e apanhe um sabonete caido no chão, antes que alguém escorregue, pois pisei nele duas vezes". A moça pegou a lanterna e, ao focalizá-la no fundo do banheiro, deparou com uma cobra, nem tão grande e possivelmente inofensiva. mas de qualquer forma apavorante. Aos gritos, a empregada ainda teve presença de espírito de bater a porta, ao fugir. Logo correram todos para fora da casa chamando o vizinho que matou a cobra com um terçado. Hoje, ao contar a cena. as tias riemlembrando-se do pavor em que ficaram. A casa era nova, mas no comprido quintal havia muito mato, que foi mandado limpar.

Fornol — A geração atual, dispondo de fogões o gás, nem imagina a trabalheira que os nossos ancestrais tiveram, a canseira que davam os grandes fogões antigos a carvão ou lenha, que ficavam acesos de manhã até altas horas da noite. Lembro de um forno que mais parecia o de uma padaria, pelo tamanho, instalado nos fundos do quintal de meu tio-avô Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, em sua residência da Rua Doutor Moreira. Nesse vasto casarão já desaparecido, foram dadas freqüentes festas, banquetes, bailes e foi ali que se fundou o "Ideal Clube", como tão bem reportou o escritor Genesino Braga, em seu livro "Assim Nasceu o Ideal".

O referido forno tinha o formato circular de iglu, bastante grande, feito de pedra e tijolos, com duas portas de ferro, uma para o forno e outra, abaixo, para o braseiro, sendo esta parte inferior dotada de respiradouros, cada qual com grade também de ferro. Para acendê-lo, um verdadeiro ritual. Na véspera, era varrido e limpo o interior. As cinco da manhã já começava a ser aceso o fogo. Por volta das dez horas era desagradável a aproximação tal o calor, chegando mesmo a prejudicar a mangueira existente nas proximidades. E depois, mesmo no dia seguinte à festança, as paredes do forno ainda permaneciam quentes. Nele cabiam, ao mesmo tempo, leitões, galinhas e cabritos, além de ser aproveitado para assar os bolos. Isto acontecia nos casamentos, no Natal ou festas de São João. Até a vizinhança, toda amiga, levava as suas comilanças para assar, em pouco tempo, por igual e com melhor sabor. Ainda menino assisti acender-se aquele monumento pelas últimas vezes. Sua atividade se associava necessariamente à realização de grandes acontecimentos e vitórias políticas, com a azáfama decorrente, muita animação na casa do meu tio e nas dos vizinhos.

Primeiro a desativação do forno; depois a derrubada do pátio ladrilhado e, por fim, a da velha casa, da qual resta apenas a parede da frente como a triste marca de um tempo alegre e festivo da Manaus de ontem e que deixou saudades em todos daquela época.

Palavra — Já residindo no Rio há muitos anos, fui procurado por um conterrâneo que me pediu um par de óculos. A fim de adquiri-los marquei local e hora no dia seguinte. Perdi a manhã esperando e o interessado não apareceu. Até fiquei compensado por não ter feito a despesa. . .; mas, dias depois, sem nenhum constrangimento o caboclo reiterou a solicitação. Combinado, novamente, "ponto" e hora, não compareci, para puni-lo. Passados alguns dias encontrei o mesmo cidadão, tomando a iniciativa de lastimar não ter ele ido ao encontro. Pediu mil desculpas, por haver faltado pela segunda vez. Imagine-se se fosse para trabalhar...

Promessas - Nesta época de promessas eleitorais, lembro do gaúcho Dorval Porto, quando em campanha para o governo do Estado dizer ao ouvido de cada

eleitor: "Quando eu estiver no Governo, você será o meu homem!"

Selo — No tratado escrito séculos atrás por D. Manoel de Portugal sob o título "A Arte de Bem Montar em Toda a Sela", pela simples maneira como fosse montada, assim ele conceituou: "A Sela, a uns faz Cavaleiros e a outros escudeiros". . .

# O Cine Guarany

Há saudosistas que apenas vivem na projeção do passado, há escapistas e utopistas vivendo num futuro somente imaginário, como existem pessoas que se ufanam de viver no presente e nada mais. Nos três casos temos posições parciais, desfalcadas de um sentido completo. É como quem atravessa uma ponte e supõe só existir, isolado do resto, aquele trecho no qual está passando no momento, cego ao fato de que a ponte é um todo, com seu começo, meio e fim, para quem a cruze. Assim é a vida de cada homem, e também assim é a História.

Dentro dessa perspectiva, tão meritórios quanto as ações que, no presente, visem à criação do futuro através das bases do progresso, são os movimentos objetivando à preservação do passado, conservando e mantendo vivas, como símbolos e matéria de estudo, todas as formas de expressão do tempo pregresso, nas Letras,

na Arquitetura, nas Artes, nas atividades humanas em geral.

O Amazonas não teve, antes do final do século XIX, o ouro, as riquezas e a importância política de Minas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Somente com advento do luxo propiciado pela borracha a nossa terra passou a uma situação de relevo. Daí que, em Manaus, era pouco eloquente o cabedal arquitetônico oriundo dos períodos da Colônia ou do I Reinado. Com a prosperidade dos seringalistas, aí sim, toda uma bela e renovada cidade surgiu, em poucos anos, em estilos "fin-de-siècle" e "art nouveau", reformulando tudo que existia antes. Já dizia o Governador Eduardo Ribeiro: "Encontrei uma grande aldeia el fiz dela uma cidade moderna". E o Presidente Afonso Penna, quando em visita, em 1906: "Manaus é uma revelação da República". Disso resultou que, das épocas anteriores, pouco sobrou. Sacrificaramse até as ruinas históricas do Forte de que se originou a cidade. Raros prédios deixaram de se modernizar naquela ocasião e as poucas exceções foram posteriormente demolidas, como a centenária casa dos Barroso, na rua do mesmo nome e o velho e imponente edifício da Delegacia da Fazenda, na esquina da Rua da Instalação com a Praça onde fica o Colégio Dom Bosco.

Depois, foi sendo a vez de desfazer ou desfigurar toda a chamada "época aurea da borracha". Os imponentes palacetes foram sendo derrubados ou foram adaptados a clubes, repartições, lojas; e passaram por certas reformas sem nenhum critério, com a honrosa exceção do Teatro Amazonas, este restaurado científicamente

em todo o seu antigo esplendor.

Agora cogitou-se de derrubar um dos mais expressivos marcos de nossa Capital – o "Cine Guarany" (antes "Cassino Julieta", "Teatro Julieta" e "Cine Alcazar"),

inaugurado em 1907.

O velho "Guarany" extrapola de sua própria curiosidade arquitetônica, supera seu valor histórico e passa a constituir uma parte importante do patrimonio sentimental da cidade de Manaus, associando-se sua imagem com a de seu veho gerente, já falecido, o "Seu Vasco", conhecido de várias gerações de amazonemses

Excelente por seu sentido e por sua forma dinâmica, o livro "HO JE TEM GUA-RANY!", da lavra dos professores Selda Vale da Costa e Narciso Júlio Freire Lobo, historiando a criação daquela casa de espetáculos, sua trajetória no tempo, seu valor

e o perigo que hoje corre de desaparecer. Bom livro, bonita luta!

Parabéns à repórter Mônica Maia, por seu trabalho jornalístico nas páginas de "A CRÍTICA", de oito do corrente mês.

Sugerimos: Por que não se promove, imediatamente, o tombamento do "Guarany"? Se houver, agora, a compreensão dos seus proprietários, haverá a mesma bondade por parte dos futuros herdeiros? O tombamento é um recurso legítimo de que se tem lançado mão nos grandes centros e para garantir-se a permanência de monumentos do passado. Seria medida legal, prática, a evidenciar que o Governo, acima da possibilidade de interesses ou partidarismos escusos, estaria acatando a vontade do povo.

Será que a cidade não merece esta providência, em vez de mais um "espigão"?

# Um museu nas sombras

Uma das vaidades do Amazonas, pelo menos dos amazonenses hoje antigos, era a de possuirmos um notável Museu Numismático. Ufanamo-nos dos nossos rios imensos, do nosso cais flutuante, da chamada Terceira Ponte, com sua estrutura de ferro, dos prédios do Teatro, da Prefeitura, da Alfândega, do Ginásio, do antigo Palácio da Justiça, de nossa Biblioteca Pública, da condição de caboclos altaneiros, de nosso passado de esplendor pelo comércio da borracha, da arraigada tradição de cultura, cortesia e hospitalidade. E nessa galeria de pontos que trazemos à flor da pele, tangendo nosso orgulho, achava-se a coleção de moedas adquiridas pelo Governo do Estado em 1902, após o esforço beneditino do Cel. Bernardo de Azevedo da Silva Ramos em juntá-las.

Bernardo Ramos foi um personagem fantástico para sua época, doublé de cientista e visionário, nascido em Manaus, na Rua Saldanha Marinho (então Rua da Palma), em 1858. Desde cedo atraído pelas pesquisas, pelo estudo, tornou-se um numismata de rara categoria. Havendo prosperado no comércio, foi viver com a família em Nice, numa luxuosa "villa", de onde irradiou suas viagens por todo o continente e, depois, pelo Egito, Síria, Palestina, Turquia e Grécia, sempre estudando o passado, aumentando seus enormes conhecimentos. Mais tarde, de volta ao Brasil, veio a ser i um dos fundadores e o primeiro Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Antes de morrer (1931), no Rio de Janeiro, interpretou inscrições que descobriu na Pedra da Gávea, atribuindo-as aos fenícios — fato polêmico que ainda atualmente provoca exaltados debates científicos pelos especialistas. Publicou "Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, Especialmente do Brasil", em dois grossos volumes.

A coleção de Bernardo Ramos, havendo quem lhe atribuisse a colocação de quarta do mundo, era composta de doze mil peças numismáticas, algumas raríssimas e outras consideradas únicas, tudo relacionado num catálogo em quatro volumes, impresso em Roma, no ano de 1900. Nessa mesma época foi a coleção levada ao Rio de Janeiro, como um dos pontos altos da contribuição do Amazonas aos festejos do quarto centenário do Descobrimento do Brasil e, na ocasião, ao visitá-la no antigo Paço de São Cristóvão, o presidente Campos Salles, impressionado, propôs desapropriá-la por seiscentos contos de réis, para que se incorporasse ao acervo do Museu Nacional ficando Bernardo Ramos como Diretor da Numismática. Este, entretanto, embora desvanecido, recusou a oferta, preferindo vender sua coleção toda, com as ricas peças de ouro, prata e metais nobres ao Governo do seu Estado (para que ficasse no Amazonas), pela metade daquela quantia, da qual, parece, só viu a metade...

Quando foi inaugurado, pela interventoria Álvaro\Maia, o Palácio Rio Branco, na manhã de 7 de Setembro de 1938, para lá se transferiu, em salas térreas, à esquerda de quem entra, a coleção magnífica, exposta em mostruários perfeitos, na forma de sólidas mesas com tampo de vidro grosso, contendo as peças dispostas sobre fundo de veludo escuro.

Desde muitos anos, todo esse precioso cabedal foi recolhido consta que aos cofres do Banco do Estado – e passou a categoria de lenda amazônica. Em vez de ter sido aumentada, no decurso do tempo, é mais de crer que haja diminuído.

Que é feito, afinal, do nosso Museu Numismático? Onde e como estará? Por que deixou de ser exposto e por que não volta imediatamente a sê-lo? Para ver se ocorreram desfalques é só verificar entre o que deve existir e o catálogo de Bernardo Ramos, onde se indica e especifica peça por peça. E se houve o pior, será de entregar-se o caso à Polícia e informar-se a população.

Caso contrário, é de ser novamente exposta a coleção, até mesmo cobrando-se uma taxa para o custeio de sua guarda, a exemplo do que passou a ser feito no Tea-

tro Amazonas, depois da grande obra de recuperação ali levada a efeito.

# Verve popular

É inegável que o povo cearense é dos mais argutos e trabalhadores do Brasil. Fértil em tudo, para compensar as dificuldades climáticas de parte do seu território, a sua vivacidade imaginativa tornou-se conhecida por um conteúdo de fabulosa presença de espírito, com suas observações críticas, frases antológicas de profunda filosofia prática, sua literatura de cordel, apelidos precisos aplicados a pessoas como se as fotográfassem.

A palavra alcunha constitui evidentemente herança árabe. Geralmente, é o epíteto designativo de pessoas que possuem algo marcante em sua aparência, em seu nome, no modo de movimentar-se ou de ser, ou se vincula a algum fato ocorrido

em determinada oportunidade de sua vida.

Aracati, no Ceará, ficou famosa pela sua veia satírica e se notabilizou por colocar apelidos, atribuindo-se a certa senhora o doutorado do assunto, pela propriedade
e rapidez com que atinava com os mesmos. O visitante, se chegasse pela manhã, já
à tarde era chamado por uma alcunha. Conta-se até de uma vez em que chegou à
cidade um cidadão alto e magro, impecavelmente vestido, educado, elegante, bem
penteado, sapatos reluzentes. Ficaram todos sem saber como apelidá-lo. Procuraram
a tal senhora, que havia viajado. Puseram-se em comunicação com ela e descreveram o tipo, sem defeitos. Prontamente respondeu: "Enquanto não chegar aí, vão
chamando de "Alfinete de Gravata".

O amazonense foi beneficiado por esse espírito cearense, em decorrência da miscigenação|havida, sendo hoje raras as famílias conterrâneas que não possuem san-

gue nordestino.

Entre nós já existe uma velha tradição de apelidos jocosos ou carinhosos, mas bem adequados, além de numerosas estórias a traduzir um humor típico, bem peculiar, resultado da mistura do nordestino com o índio.

Na Manaus de meus tempos de mocidade, alguns apelidos carinhosos, bem recebidos pelos próprios destinatários foram os de Bituca, Bigu, Pepê, Tatacito, Ventania, Chaby, Castrinho, Ioiô, Curió, Cazuza, Coló, Nasciman, Bebé, Cangalhas, Candu, Sete Chepas, Pudico, Cacau e Marechal. Mas, quanto mais irritante, aí mesmo é que o apelido pega. Dos de cunho pejorativo, lembro de alguns: Pedro Massa Bruta, Dez P'ras Duas, Zé Patadaio, Macaxeira, Boi de Lona, Boi Laranja, Mãe da Lua, Pororoca, Bumbalá, Napoleão de Igarapé, Papo de Anjo, Maguari Faminto, Cupuaçu, Mão de Gengibre, Bidê, Canela de Vidro, Boca Cheia, Carapanã, Mucura, Maçarico, Mucuim, Bacurau, Cerveja Quente, Chico das Alvarengas, Meio-Quilo, Surucucu, Traíra, Cabeleira, Parafuso, Tininga, Babaçu, Pipira, Meteco, Geleiro, Cururu, Canguru, Pirarucu, Frasquinho, Cocada, Patureba, Leão da Metro, El Ganso, Bacalhau, Defunto Lavado. Porco em Pé, Catingueira, Pé de Curica, Jacaré e a Trinca Peste, Fome e Guerra.

Com que saudade nos lembramos de muitos destes que a morte levou de nosso convívio!

Entretanto, nem so em apelidos se expressa o humor amazônico. Estórias há, inúmeras verídicas ou inventadas, e a propósito reproduzo duas atribuídas ao Velho Bituca. Contava-se que determinado coronel do interior, desejando iniciar-se na po-

lítica, postulante a um cargo eletivo, procurou-o obtendo audiência, em sua residência particular, na antiga rua dos Remédios. Ao subir as escadas, o visitante escorregou e desceu de joelhos alguns degraus, ao que ouviu do dono da casa a observação: "Mas Coronel, o senhor ainda não subiu e já está descendo?".

Bittencourt usava cavanhaque. Após a posse de seu sucessor e velho amigo, Dr. Jonathas Pedrosa, que cultivava enormes suiças, comentou: "Prepare-se, porque eu, que uso apenas cavanhaque, fui deposto duas vezes. Imagine você que tem dois?..."

# Aventura sexagenária

Neste 1984 se completam sessenta anos de uma das mais vibrantes aventuras levadas a cabo no mundo amazônico.

Em 1924 era eu ainda menino, quando ouvi falar do entusiasmo geral pelos êxitos da famosa EXPEDIÇÃO RICE, cuja denominação adveio do nome de seu idealizador, organizador e chefe, o milionário norte-americano Alexander Hamilton Rice.

Movido por sua curiosidade, fortuna e audácia, aquele grande empreendedor já fora antes atraido pelo fascínio da selva amazônica e em 1917 realizara uma viagem científica, visando ao estudo dos rios Uaupés e Içana, afluentes do Negro. Em companhia de diversos especialistas, deslocou-se para aquela região em seu iate "Alberta", com o consentimento do Governo brasileiro e o apoio prestigioso das Sociedades de Geografia de Londres e de Paris, ele que era o Presidente da Sociedade de Geografia de Nova Iorque.

Convém situar que, naquela época, não existia o espírito de desconfiança hoje presente entre países e entre pessoas, nem era predominante o atual — e mesmo algumas vezes explicável — sentido de exaltada xenofobia a cercar as incursões dessa natureza. A expedição foi um sucesso e acendeu em Rice a possibilidade de outra maior, que viria a fazer sete anos mais tarde, já em companhia do nosso amigo e patrício José Félix de Oliveira Neto, que morava no alto Rio Negro com a esposa D. Ricardina (ambos falando corretamente o nheengatu). Tão amigos ficaram, que Rice convidou o casal Oliveira Neto para viver nos Estados Unidos.

Note-sel a circunstância de que, em 1923, o Governo do Amazonas, nas mãos do Des. Rego Monteiro, tentara, quase em surdina, a obtenção de um empréstimo de vinte e cinco milhões de dólares da firma "The J.C. Engineering Corporation", da América do Norte. em condições desfavoráveis para nós, inclusive mediante determinadas concessões consideradas excessivas. Bem próximo da consumação do negócio, o fato chegou ao conhecimento público e o Governo Federal interveio energicamente, frustrando a transação, até por levar em conta a maneira desastrosa pela qual o Amazonas vinha sendo administrado.

Esse episódio, ainda assim não constituiu obstáculo aos planos de Rice, que no ano seguinte efetuou sua almejada expedição, desta vez ao Alto Rio Branco, mais diretamente ao Parima.

Todos os recursos técnicos do tempo foram mobilizados, incluindo um hidrosvião "Curtiss", requinte muito revelador da qualidade do evento, do qual faziam parte
cientistas, estudiosos em geral e o nosso cinegrafista Silvino Santos, no pioneirismo
das tomadas aéreas, compondo o filme intitulado "No Rastro do Eldorado" e que
foi visto e enfaticamente aplaudido por todo o Brasil. As poucas cópias dessa película são agora consideradas preciosidades pelos cinéfilos, em virtude do seu apuro
artesanal e do alto padrão, sendo que as oito cópias foram reveladas e reproduzidas
em Manaus.

Rice, além de pesquisador, era médico, engenheiro e Oficial da Reserva da Marinha norte-americana. Os resultados de suas explorações foram de grande valor em vários aspectos, cabendo realce ao relatório apresentado por dois de seus principais

colaboradores, os Drs. Councilman e Lambert, ambos da Escola de Medicina Tropical da Universidade de Harvard.

Aquela memorável expedição de 1924 — precedendo em cinquenta e nove anos a que o Comandante Jacques Cousteau realizou, e tanto quanto a anterior, de 1917 — teve o indiscutível mérito de visitar, investigar e interpretar regiões que os próprios brasileiros praticamente desconheciam, seu clima, sua flora, sua fauna, suas tribos e riquezas minerais. Desde Lobo D'Almada havia estudos sobre a região, depois passando pela época do Dr. Koch Grunberg (1903) e Conde Stradelli, porém só em 1924 é que muita coisa foi desvendada de forma científica e pormenorizada.

### Apetites...

Um dos traços característicos do amazonense é sua alegria voluptuosa de comer bem e com fartura, mesmo em época de crise. Do caboclo ao homem citadino, todos, em geral, amam as comidas regionais, que são motivo de orgulho dos da terra. Um dos "visgos" do Amazonas é através dos pratos com os mais variados peixes e das frutas de gostos insuspeitados. Pena é que nem todos os brasileiros conheçam certas frutas amazônicas.

A propósito, é natural que tenhamos um apetite dos melhores; se houvesse uma olimpíada ou concurso, teríamos condições de apresentar as melhores comidas e os maiores glutões.

No passado, muitos foram os "bons garfos", como tantas são as estórias em torno do assunto. A título de mera amostragem, lembro hoje três figuras queridas que se impuseram também pela capacidade de ingerir quantidades assombrosas de

alimentos.

O Cel Sérgio Pessoa, de descendência ilustre, não possuía físico avantajado. Jamais daria a impressão de ser um dos mais afamados "gourmands" de sua época. Na residência do meu avô ele era comensal constante. Em determinado dia, sob o incentivo jocoso de um filho do anfitrião, comeu de todos os pratos de peixe e carne, bebeu quatro garrafas de vinho português, depois serviu-se de frutas e queijo, que repetiu mais de uma vez, para espanto da dona da casa. Continuou impávido, bem disposto até despedir-se e a concessão exclusiva que fez, como puderam observar da janela, foi que, para esperar o bonde, sentara-se no meio fio da calcada, muito triste, porém, com a maior dignidade. Contou-me seu filho, o ilustre General Joaquim Vidal Pessoa, que, certa vez, numa recepção alque comparecera no Rio de Janeiro, encontrou uma senhora que estivera algum tempo em Manaus e a conversa foi sobre comidas amazonenses. Lá pelas tantas, lembrando fatos e personagens da terra, a senhora perguntou: "Como é mesmo o nome de um incrível coronel que come feito um demônio?" Disse-me o General Joaquim: "eu vi logo que era o meu pai, mas agüentei firme" e contou de certo dia em que, depois de um lauto almoço, o Coronel comera meia lata de coalhada, daquelas de querosene "jacaré", com bas-Nesta altura, o General Joaquim, de espírito superior e bem humorado, respondeu: "Ah!. sim, este demônio é o meu pai!". A interlocutora, desculpando-se, disse que "bom apetite é sinal delboa saúde" e foi saindo.

Outro apetite notável era o do meu saudoso amigo Ramayana de Chevalier. Alto, longilineo, ao vê-lo, ninguém suporia estar diante de um atleta do garfo. De uma feita, lá pelos idos de 1940, fomos de carro (um daqueles automóveis de praça remanescentes da década anterior) visitar um compadre dele, para as bandas de "Campos Salles". Depois da visita agradabilíssima, o compadre ofereceu boa quantidade dos grandes e doces maracujás-do-mato. Sentei-me ao lado do motorista (ao tempo. "chauffeur") e Ramayana viajou no banco traseiro, segurando as fieiras de maracujá. Na manhã luminosa, resolvemos dar uma volta pelas cercanias e, ao chegarmos à minha casa, Ramayana entregou-me as quatro últimas frutas restantes, prova, como declarou, de seu grande caráter e da amizade que tinha por mim numa explosiva gargalhada. Fiquei boquiaberto. Aquela quantidade toda de maracujá derrubaria

qualquer um. Meia hora depois telefonei para a casa dele para saber como estava passando e a sua esposa Neusa disse; "ele está acabando de almoçar uma caldeirada de tucunaré".

No capítulo de comilões não poderia faltar a figura do meu amigo advogado Antonio Valle, de saudosa memória, de cento e muitos quilos popular por seu tamanho e sua lendária disposição gulosa. Sentado num bonde, ocupava metade de um banco destinado a cinco pessoas. E comia por dez. Costumava parar numa esquina onde fazia ponto um vendedor de doces da Confeitaria Jaú e ali comia uns bolos de milho conhecidos por "matafome" e muitos copos de garapa. Numa tarde, mal chegara Antonio Valle, houve em frente uma batida de carros, com xingamentos, apitos de guardas e algum tumulto. Distraído com a agitação, foi comendo e bebendo e, quando reparou, havia consumido todos os cinqüenta bolos do taboleiro e todo o caldo-de-cana do recipiente ao lado. E só deu conta do recorde, porque o vendedor, garoto de seus doze anos, havia entrado em pranto convulso, tomado de uma crise nervosa.

### Velho caso forense

Em todas as épocas, as tragédias existenciais conduziram a casos judiciários intrincados, a desafiar a sensibilidade e o equilíbrio dos Juízes.

A Justiça de Manaus, não fugindo à regra, teve de defrontar-se ao longo do tempo com acontecimentos terríveis, em casos que exigiram acurada interpretação técnica e científica, além da exegese jurídica.

Um desses casos famosos, não propriamente trágico por seu conteúdo, mas de grande densidade dramática, ouvi-o ainda criança, reportado por meu pai, que o acompanhou em détalhes e conheceu pessoalmente seu personagem central.

Trata-se dos acontecimentos ocorridos com a morte da sra. Alexandrina da Cruz Nonato, viúva de um negociante apelidado de "Velho Camarão", dai ser ela conhe-

cida como "Joana Camaroa".

Possuidora de considerável patrimônio em prédios, jóias e dinheiro e não tendo filhos, a "Velha Camaroa" faleceu em agosto de 1918, havendo deixado um testamento secretol datado de outubro de 1917. Exposto seu corpo em câmara ardente na própria residência, ali mesmo foi lido seu legado, como era então de praxe. Para surpresa dos parentes interessados, a fortuna foi toda destinada ao Tabelião Carlos Gavinho Vianna, procurador de muitos anos e leal amigo da ide cuja, e às serviçais de longa data.

Ao tomarem conhecimento de sua preterição, os parentes, enfurecidos, iniciaram uma\acalorada discussão ali mesmo no velório, principalmente pelo que dizia respeito às jóias. Acirraram-se os ânimos e, diante de numerosas pessoas, os descontentes entraram em luta corporal violenta, aos socos e pontapés, culminando por derrubar o catafalco e fazer tombar o caixão, rolando no assoalho o cadáver.

Dias após aquelas cenas constrangedoras, a que se considerava principal interessada pleiteou judicialmente a impugnação do testamento, sob a alegação de que a falecida, ao assiná-lo, não mais estaria em condições mentais de o fazer. A postulante aliou-se ao médico Sebastião Barroso Nunes, que se ofereceu como testemunha e apresentou uma conta fantástica de honorários, contestada pelo Tabelião herdeiro.

Privando havia muitos anos com Joana Camaroa, a quem orientava e assistia gratuitamente, o Dr. Gavinho Vianna, para defesa de seus direitos, contratou os serviços profissionais do Dr. José Francisco de Araújo Lima. Irritado, o médico Sebastião Barroso Nunes — que era desafeto de Araújo Lima desde que este fora Diretor da Instrução Pública — escreveu violento e agressivo folheto e constituíu seus patronos, para execução da cobrança de seus honorários de vinte contos de réis, o Dr. Raphael Benaion e o Ten. Cel. Henrique Rubim. Para se ter idéia do despropósito da conta apresentada basta lembrarmos que naquele ano (1918) o Governo adquiriu o Palácio Rio Negro pela importância de duzentos contos de réis.

Gavinho Vianna era titular do mais antigo Cartório de Notas de Manaus, homem conceituado, por isso mesmo procurador de inúmeros proprietários, gozando da confiança de todos. Certo dia, em conversa com meu pai, D. Alexandrina referiuse à dedicação do Dr. Gavinho, o qual — segundo disse ela — jamais lhe cobrara um

real pelos muitos serviços que lhe prestava.

No meado de 1916 a "Velha Camaroa" havia sofrido um insulto apoplético que

a tornou vítima de paralisia hemiplégica. Embora continuasse lúcida a gerir seus negócios, esse foi o ponto em que se baseou o Dr. Barroso Nunes para alegar a incapacidade de firmar testamento. Araújo Lima, com sua extraordinária competência, revidou num livro de 122 páginas, intitulado "Falsa Demência" — Uma Questão de Medicina Judiciária", trabalho pormenorizado, que teve a participação científica do prof. Juliano Moreira, através de pareceres e diagnóstico, além das apreciações dos professores Miguel Couto e Afrânio Peixoto.

Para a justiça de Manaus, fora o peso da argumentação e dos esclarecimentos conclusivos do Dr. Araújo Lima, um detalhe se impôs como prova definitiva — é que em 1917 (um ano depois do insulto cerebral sofrido pela sra. Camaroa) o Dr. Sebastião Barroso Nunes, em viagem pelo sul do Pais, veraneando em Campos — RJ, dali escrevera uma carta muito carinhosa à sua cliente, e através do teor da missiva se comprovava que o signatário a considerava mentalmente sã. Ganhou a causa o Dr. Gavinho.

### Velharias...atuais

Dizia Bismarck não entender como as pessoas se jactassem de conhecer as coisas por experiência própria, quando ele achava mais seguro conhecê-las pela experiência alheia.

Dentro do facilitarismo de tal conceito, será pertinente debruçarmo-nos sobre os fatos do passado, cuja correlação com problemas atuais ou futuros será — como

nos filmes ou livros de ficção - "mera coincidência".

Trecho de velha carta, encontrada num fundo-de-gaveta, que uma senhora fez a outra, em tempos mais fáceis: . . . "Imagina que atrevimento! Hoje em dia não se pode mais confiar nessas criadas (domésticas). Preferi-a entre tantas outras por ser portuguesa, asseada e bem composta, e me despreocupei com ordenado, que calculei ficasse nos quinze mil réis habituais, talvez mesmo dezesseis. Pois bem, no final do mês a criatura teve a desfaçatez de pedir-me vinte mil réis, reclamou do tamanho da casa, da freqüência com que se lavava o assoalho e resmungou da quantidade dos linhos a engomar. Sabes? Despedi-a na hora. Terei que chamar novamente as outras que se apresentaram e escolher melhor, agora dizendo previamente quanto desejo pagar".

A transcrição do texto acima valerá, também, para que a geração atual saiba da existência, outrora, de uma classe útil e simpática de pessoas que, mediante remuneração, prestavam às outras valiosos serviços domésticos. Ela é hoje uma classe extinta, ou em vias de extinção, tendo sido substituída (ou sua ausência compensada, como sempre acontece na História) pelo surgimento de outras práticas, de novos objetos, novas técnicas, como, por exemplo, o cada vez mais aperfeiços do arsenal de aparelhos para os trabalhos caseiros, a recente proliferação das pensões fornecedoras de marmitas e da indústria recente e bastante próspera de pratos congelados, cuja embalagem é chamada "friinha", em contraste com a "quentinha", já vendida em supermercados, incluindo peixe, frango, croquete, pizza e cuja durabilidade é de

cerca de três meses.

Tudo isso tenta mas não consegue suprir a falta daquelas eficientes e quase sempre devotadas serviçais de antigamente, verdadeiras amigas dos patrões, e cujo desaparecimento é de ser debitado à conta da passagem do tempo, nas transformações nem sempre ótimas que acarreta.

Neste caso, infelizmente, nem todos podemos dizer que tomamos conhecimen-

to da mudança por experiência alheia . . .

Agora, um trecho da carta de um querido conterrâneo, datada de Paris —: "Gostei de Londres e dos ingleses. Prefiro tratar com eles do que com essa gente daqui. O francês discute demais, raciocina demais. Já nos ingleses ocorre uma distinção inata, mesmo quando usam modas ridículas. E não vi nenhuma inglesa beijando cachorro na rua. Aqui? É um tal de fazer fosquinhas para qualquer cão desconhecido — e são agrados, apertos e beijos como se fosse para uma criança... Ora, vamos pôr as coisas no lugar. Que importa a falta de higiene se existe a Place du Tertre? Londres não tem a Place du Tertre. E não tem o Sena. Paris tem a Place du Tertre e o Sena, e a Place Dauphine, e a Place Furstemberg, e agora tem "marronniers" em flor.

Mas a Inglaterra tem seus prados. Como são belos! Uma beleza calma e digna -

tapetes verdes que ondulam, um verde matizado repousante e acolhedor. E aquelas manchas que alegram a paisagem, aquelas manchas são carneiros. Soma carneiros e

relva e árvores e tens uma imagem de paz.

Enquanto segue o trem a imaginação mata o tempo de qualquer maneira. Lá, uma vaca. Então comparo: nada mais prosaico que uma vaca no Careiro; nada mais poético que uma vaca sobre a relva inglesa. Mas agora que não estou mais no trem, constato que isto bem pode ser um exagero, um julgamento precipitado. Afinal de contas que posso eu dizer da poesia das vacas se ainda não fui à Holanda?

O que estou mesmo é com uma saudade danada de umas sardinhas na brasa e

do calorzinho de Manaus.

De volta da Espanha passarei uns dias em Paris e até dezembro estarei na Itália, passando pela Suiça . . . "

# "Projeto Filho Pródigo"

Em 1981, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a Cinemateca Brasileira de São Paulo e a Embrafilme, em conjunto, lançaram um projeto de sugestivo nome, com a finalidade, altamente oportuna e patriótica, de resgatar valioso acervo de películas referentes ao Brasil, feitas desde os primórdios da cinematografia. Disso nos deu conta Helena Salem, através de reportagem publicada em "O GLOBO", de 8 de setembro último, sob o título "Graças ao "Projeto Filho Pródigo" o cinema brasileiro à casa torna". A reportagem inclui uma entrevista com o nosso coestaduano Cosme Alves Neto, o qual, com tanto brilho, dirige há mais de dez anos a Cinemateca do M.A.M. A repórter nos informa sobre várias coisas extraordinárias até então ainda não reveladas ao grande público. Por exemplo: já foram resgatados os filmes "Reminiscências", datado de 1909, do mineiro Aristides Junqueira (o mais antigo da coleção do M.A.M) e "Aitaré da Praia", de 1925, do pernambucano J. Soares; localizaram-se películas na Noruega, Alemanha Oriental, Inglaterra e Estados Unidos, sendo que a Biblioteca do Congresso de Washington possui mais de cinquenta, de antigos e contemporâneos, alusivos a nosso País; dos filmes realizados pelo italiano Afonso Segreto (a partir de "Vistas da Baia de Guanabara", de 1898, até o início do cinema sonoro, em 1930), só existe a menção e, de alguns poucos, as cópias remanescentes: estão dispersadas em vários Estados ou no exterior, mas já objeto das pesquisas e tentativas de aquisição pelo Projeto; no Rio, somente em 1912, produziram-se mais ou menos duzentos filmes, mas não chegam a 20 os que estão sendo recuperados por cinematecas do Rio. São Paulo e Embrafilme, tendo-se perdido cerca de 99% da produção compreendida no período 1898 – 1930; o precioso "Rio 1924", dos irmãos Botelho, documentando os bairros cariocas da década de 20, foi encontrado em Oslo; em Washington, entre outros, achou-se o documentário "Viagem ao Rio da Dúvida" de quase três horas de duração, do americano G. Dyott, registrando, em 1911, a viagem do Presidente Theodore Roosevelt ao Amazonas e o encontro daquele estadista com Rondon. Além desta última obra, no que mais diretamente concerne ao Amazonas, há também informações sobre os trabalhos do pioneiro Silvino Santos, que para nós tanto representaram e representam até hoje. "No Rastro do El Dorado", documentário de longametragem, foi levado para a América do Norte pela Expedição Rice, após concluir-se esta em 1924; outro trabalho seu, considerado o mais importante, "No País das Amazonas", que Silvino rodou em 1922 sob o patrocínio do Comendador J. G. Araújo, vem de ser descoberto em Londres, mostrando várias tribos nossas já extintas, em cópia integral e perfeita.

Nestes dias atuais, em que tanta coisa se perdeu ou se transforma pelo descaso à preservação do passado, do qual Helena Salem e Cosme Alves Neto nos deram notícia, ficamos na deslumbrada expectativa de poder, em breve, assistir às películas mencionadas, especialmente às que dizem respeito ao Amazonas.

Para os que ainda não o souberem, Silvino Simões Santos Silva nasceu em Portugal, na localidade de Sernache de Bomjardim, a 29 de novembro de 1886, vindo a falecer em Manaus, a 14 de maio de 1970. Lembro-me de sua figura bem apessoada, residindo na Rua Jonathas Pedrosa, nº 190, na mesma casa onde ainda moram seus filhos Guilherme e Lilia.

Em 1981, a Comissão do Patrimônio Histórico, órgão vinculado ao Gabinete do vice-governador do Amazonas, fez um levantamento do material fotográfico com que trabalhava o pioneiro.

A aquisição desse material que hoje pertence à filha do cineasta, D. Lilia Schermuly Santos, e sua preservação em um museu como o de IGHA, é tarefa que, se efetuada pelo Governo, será a resposta amazonense ao enorme esforço que as instituições culturais do Sul estão fazendo para resgatar a memória de Silvino Santos, de quem somos todos devedores.

#### A era da penicilina

É dos anais da Medicina que, na Idade Média, já existia a prática de se rasparem paredes mofadas de conventos ou igrejas para aplicação em regiões infectadas do corpo, constando terem daí nascido os estudos que culminaram com a descoberta dos antibióticos, em 1929, quando Fleming conseguiu um produto de culturas do cogumelo.

Até quase ao final da Segunda Guerra o agente mais poderoso contra as infecções era a sulfa, menos eficaz e não tão bem tolerado, de forma que, ao ser desenvolvida comercialmente a penicilina, um novo horizonte se abriu à vida humana.

Após sua praticabilidade, em 1943, quando terá chegado essa droga miraculosa ao Amazonas? Por acaso dou informações precisas a essa pergunta, vencendo embora um natural constrangimento de contar fatos acontecidos em família, mas na certeza de que a validade da informação justifica a narrativa e se sobrepõe às razões pessoais de reserva.

Corria já próximo de seu fim o ano de 1943, e o professor Agnello Bittencourt, homem rijo e saudável, então com sessenta e sete anos, sentiu a formação de uma espinha ou pequeno furúnculo na nuca. Dias depois, os remédios caseiros habituais não pareceram surtir efeito e foram chamados dois amigos, médicos dos mais ilustres de Manaus, os doutores Madureira de Pinho e Adriano Jorge, que prosseguiram no tratamento tópico, com os recursos do tempo. O doente continuou piorando e o local infectado passou a apresentar um grupamento de abcessos, surgindo a febre. Diagnosticou-se um antraz, coisa grave para a época, porque quase sempre fatal. Com a febre já bastante alta, a perspectiva era realmente sombria, a casa cheia de pessoas preocupadas, a trazer sua solidariedade, os médicos com ar de desesperança ante a iminência de uma infecção séptica. Nisso, voltando da "Vila Amazônia" em Parintins da qual era diretor, chega ao porto o doutor Vivaldo Palma Lima, dali mesmo, ao saber da gravidade da situação de seu dileto amigo, segue direto para a residência deste. Examina-o e, imediatamente, toma enérgicas providências: avisa o compadre de que o vai internar e promover uma cirurgia de urgência; telefona para João Leda, então Provedor da Santa Casa e pede reserva de aposento e a sala de cirurgia; liga para o doutor João Veiga (recém chegado a Manaus e um dos mais brilhantes cirurgiões que a cidade conheceu) e encarece sua presenca no referido Hospital; leva o paciente na ambulância; chegando à Santa Casa, rejeita a argumentação do Dr. Veiga, que considerava uma temeridade a operação, dado às condições do doente, e declara chamar a si toda a responsabilidade pelos resultados.

Realiza-se a cirurgia com a máxima habilidade, mas a febre persiste muito alta. Nesse mesmo dia, tudo acontecido entre o meio da tarde e o começo da noite, o Dr. Vivaldo chama o cirurgião e os familiares e diz-lhes ter lido sobre a descoberta recente de uma nova droga nos Estados Unidos, e cujos experimentos se iniciaram no Rio de Janeiro. Ato contínuo, declara — "Vou providenciar isso". Imediatamente procura o Interventor Álvaro Maia, ex-aluno e também amigo do Prof. Agnello. Álvaro no mesmo momento pede uma ligação para o Palácio do Catete e faz um apelo ao Dr. Getúlio Vargas, com o qual dialogou por intermédio de uma pessoa da Presidência, pois Vargas não falava diretamente em telefone. O Presidente, conforme afirmara em mais de uma ocasião, tinha no Interventor do Amazonas um mode-

lo de governante que não criava problemas, administrava sem pedir em demasia e era querido pelo povo. Daí, uma solicitação sua não ficaria desatendida. Ao mencionar o Dr. Álvaro o nome do doente, Vargas mandou o intermediário perguntar — "É o homem do Recenseamento?" (Contou-nos Álvaro Maia). E o pedido foi atendido.

Nessa mesma noite, o Ministério da Saúde (da Educação e Saúde, naquele tempo) providenciou a remessa de doses do remédio, pelo avião que saiu de madrugada do Rio e chegou a Belém ao entardecer. Outro aparelho de carreira partiu de Belém, e chegou a Manaus com a encomenda para o Palácio Rio Negro. No final da tarde — 36 horas depois! — eram entregues na Santa Casa duas garrafas térmicas contendo grandes ampolas nas quais se achava um pó milagroso. Foi logo aplicada a primeira dose e outras a cada seis horas. A febre baixou e desapareceu. O paciente, no dia seguinte, estava de pé.

Era o efeito da primeira penicilina empregada no Amazonas, uma das primeiras do mundo, início de uma nova era da Medicina. O prof. Agnello veio a falecer trinta e dois anos depois, já quase centenário.

### Ontem e hoje

Muito se têm escrito sobre o Teatro Amazonas. O professor Mário Ypiranga. Monteiro historiou-o pormenorizada e definitivamente em três volumes e é ele quem lembra que o livro de assentamentos de espetáculos interrompeu-se em 1925, havendo, depois, "apenas uma coletânea incompleta de volantes impressos a partir de 1937". Para esse período de interregno é que lanço minhas lembranças, a fim de

reavivá-las também na memória dos que viram e ainda podem recordar.

O primeiro contato meu com o Teatro foi em 1926, quando Benjamin Lima ali fez a leitura da peça de sua autoria "O Homem que Marcha". Em 1928, voltou ele ao palco para ler outra peça, "O Homem que Ri". Depois, auma roda de amigos, o próprio autor contou um fato pitoresco. Era comum o Governo, ou pessoas influentes solicitarem a amigos e aos comerciantes mais abastados que adquirissem um certo número de entradas para os espectáculos. Um desses comerciantes, que recebera para comprar dez ingressos de cada uma daquelas leituras das peças, desabafara: "O Homem que Marcha", nós, os bestas; o "Homem que Ri", ele, o gajo!"

Com nossa economia em crise e levando em conta o acesso difícil, apenas em navios, eram raros, no período, os artistas ou Companhias que procuravam Manaus. Porisso, havia convites para a apresentação de intelectuais, em conferências, além de uma ou outra presença de artistas locais, em audições de piano, violino ou declamação. Porém, embora sem freqüência regular, de vez em quando surgiam espetáculos interessantes, alguns memoráveis, a arrebatar a platéia, exigente e ávida de pro-

gramas. Quando isto acontecia, o Teatro ficava quase sempre lotado.

Após as leituras de Benjamin Lima, foi a vez dos "Petits Loretti", um casalzinho que recitava, cantava e sapateava. O menino que eu era achou-os tão empolgantes que passou algum tempo sonhando em ser artista... (Que destino terá tomado a dupla harmoniosa?).

Também veio, nessa época, Vicente Celestino com sua Companhia de Operetas. Pude conhecê-lo de perto, na casa da saudosa pianista amazonense Antonia Boti-

nellv

Depois foi a vez de Jayme Costa com as excelentes artistas Lygia Sarmento e Alma Flora, além do impagável Aristóteles Penna, apresentarem um inesquecível repertório: "Bombomzinho", de Viriato Corrêa; "O Tenente interventor", de Paulo de Magalhães; "O Divino Perfumé", de Renato Vianna; e "O Maluco da Avenida", numa temporada de estrondoso êxito.

Em 1932, foi a vez de "Em Forma de Coração", revista de autoria de Lúcio Fiúza, recém-saido do Ginásio Amazonense e que viria a ter peças premiadas, no Sul.

Posteriormente esteve em Manaus, com uma das irmãs Pagãs, o grande artista brasileiro — que despontara em Hollywood — Raul Roulien, que se casaria mais tarde com a famosa Conchita Montenegro. Igualmente, nesse período apresentou-se a "Companhia Lyson Gaster" e, em seguida, uma ótima dupla de dançarinos (à maneira de Fred Astaire). Verly e Dá Ferreira, que viriam a desaparecer num de nossos navios torpedeados durante a guerra.

Em recitais apresentaram-se os consegrados Bidú Sayão, Guiomar Novais, Arnaldo Rebello, Lucinda Soeiro, Reis e Silva, Ana Carolina, Nenen Baroukel, Maria

Sabina, Margarida Lopes de Almeida, e, várias vezes, a sempre bela Blanca Bouças, então Antony.

São artistas, que, do palco histórico do velho e querido Teatro, tocaram nossa sensibilidade e permanecem, com seus nomes e suas imagens, gravados em nossos corações.

#### Washington em Manaus

Há poucos dias o prof. Arthur Reis, numa visita que lhe fiz em companhia do acadêmico João Mendonça de Souza, mostrou-nos uma fotografia rara: um flagrante do almoço que seu pai, Dr. Vicente Reis, ofereceu em 1926, na sua casa da Av. Eduardo Ribeiro, ao presidente Washington Luiz Pereira de Souza, então visitando Manaus na qualidade de candidato eleito a Presidente da República, mas ainda não empossado. A foto, nítida, mostra um grupo sentado em torno da mesa e registra a coincidência do encontro de quatro ex-colegas da Faculdade de Direito de São Paulo (turma de 1891), reunidos casualmente em Manaus: o anfitrião, jornalista Vicente Reis, o presidente Washington, o desembargador Sá Peixoto e o Juiz de Direito de Ítacoatiara, cujo nome não gravei. Além destes, participavam do ágape o governador Ephygênio de Salles e D. Alice, a anfitriã, D. Emilia Reis, outras senhoras e um oficial, ajudante-de-ordens.

Imediatamente vieram à tona, em minha memória, cenas daquela visita presi-

dencial, tão cheia de importância quanto de aspirações frustradas.

Chegava o homem que seria o responsável pelos destinos do País nos próximos anos e sua pessoa constituía ainda um certo mistério para nós do Amazonas — página a desvendar do ponto de vista psicológico, numa época de comunicações lentas, difíceis, sem ligação aérea, praticamente sem rádio, as novidades dependendo dos navios do Lloyd. Daí, calcule-se a curiosidade, a agitação, a verdadeira celeuma causada pela vinda do novo Presidente da República, despertando geral mobilização, igual àquela causada pela visita, em iguais circunstâncias, do presidente Afonso Penna, em 1906?!

De repente, chega aquela figura austera, seca, sem sorrisos, imperturbável.

A princípio, esperou-se que ainda houvesse mudança de comportamento, a partir de algum detalhe, informação ou comida; que a magia do ambiente, com a espontaneidade das manifestações ou a fidalguia das pessoas, pudesse alterar o semblante daquela esfinge, conhecida como o "paulista de Macaé". Um único esboço de humor, muito tênue, ocorreu na visita ao Jardim de Infância, pela estrepolia de um menino.

Houve um jantar formal em sua homenagem no salão de recepções da Fábrica de Cerveja, oferecido pelos Miranda Corrêa e, como ponto culminante do programa, um banquete oficial no Teatro Amazonas adaptado: com um estrado posto sobre toda a extensão da platéia, no nível do proscênio, transformou-se o recinto num salão amplíssimo, decorado pelo saudoso prof. Olympio de Menezes, como um autêntico aspecto da floresta amazônica, com árvores, orquídeas e até um regato correndo sobre algumas calhas adrede preparadas. Na grande mesa em forma de "U", as autoridades, as pessoas de relevo na sociedade, no comércio. Das frisas e camarotes repletos, as famílias usufruindo um momento inesquecível. Discursa o Dr. Ephygênio, aludindo à grave crise econômica e financeira que o nosso Estado sofria de há muito, mas também à esperança que a respeito se abria em todos os corações amazonenses com aquela visita, pelo interesse e boa vontade que por certo o visitante teria em relação aos problemas da terra. Em seguida, sempre sério, Washington lê seu discurso, em que diz: não viera para ouvir lamúrias, porém para que lhe dissessem como o Amazonas poderia colaborar para a grandeza do Brasil. Foi um gelo!

No constrangimento que se seguiu, o teatro inteiro emudeceu, só se ouvindo o ruí-

do alto com que determinado causídico costumava sorver os alimentos . . .

Gratuitamente, Washington Luiz se indispunha com um Estado da Federação, exatamente o que lhe era credor, sendo justas as recordações que dele guardou Gilberto Amado no seu livro "Depois da Política": "Outra característica que não quero esquecer era a absoluta desconsideração do presidente pelos efeitos dos seus gestos e atitudes na sensibilidade dos atingidos por eles. Que o prejudicado ou o repelido pudesse remorder-se, ressentir-se, reagir — não lhe ocorria". E conclui adiante: "Aquele orgulhoso não concebia o orgulho dos outros!"

Washington Luiz traçou seu próprio destino. Pelo menos no Amazonas, em 1926, ele adotou a atitude inconfundível de quem gostaria de ser deposto. Até os últimos dias do governo de Ephygênio, ele esperou sjuda que não chegou. De qualquer forma era um estadista, pela dignidade comprovada, pelo silêncio após a deposição, com o bom físico para o papel, tendo deixado trabalhos históricos, como o

livro "Capitania de São Paulo".

## Pela graça do bom convívio

Os dias atuais parecem mais curtos, impedindo-nos de cumprir, ou de cumprir bem, toda a programação desejada. Impressão geral, aliás. Talvez que a parafernália técnica, inventada para dar mais conforto à vida humana, tenha-a na realidade sobrecarregado com atividade mais intensa. O fato é que se um moço de hoje fosse transportado para cinquenta anos atrás, provavelmente achar-se-ia megulhado num ritmo quase inerte.

Mas, os que viemos de lá sabemos o quanto havia então de aspectos encantadores, muitas vezes a falta de ação física sendo compensada por uma ação intelectual bem agradável. Isto é, quando não se fazia, sonhava-se. E não era tão mau assim.

Naquela época, inexistentes os amplos meios de comunicação (linhas aéreas, televisão), a província era mais província, num círculo humano bastante menor e

mais fechado.

Na Manaus daquele tempo, com poucos filmes à disposição e espetáculos teatrais menos frequentes, além, é claro, das atividades rotineiras de cada um, — lia-se e convivia-se muito mais. A arte de conversar, porisso, tinha um relevo todo especial, e seu meio de expressão eram os bares, as festas e visitas. Estas constituíam uma instituição à parte. Lógico que ainda hoje as pessoas se visitam, porém o fazem geralmente sem o caráter até solene de antigamente.

As conversas e visitas menos formais eram aquelas às residências cujos moradores mantinham o velho hábito de, à noite, reunirem-se nas calçadas das suas casas.
Pouco depois do jantar, já arrefecido o calor da tarde, vinha a família inteira para
fora; traziam cadeiras e, à luz dos lampiões da iluminação pública, iniciava-se a conversa, o dono da casa às vezes de paletó de pijama e chinelos. Vizinhos vinham e
iam-se chegando e abancando, até às dez ou onze horas, quando todos se recolhiam.
Isso já vinha desde os tempos da Província.

Entretanto, nas residências mais ilustres é que ocorriam as visitas de maior importância, de caráter mais distinto ou protocolar. Eram encontros formais, como formal era praticamente tudo (as cartas, os namoros, os noivados, as próprias pessoas, enfim). Salões houve cujas festas ficaram famosas, como as recepções dos Miranda

Corrêa, Bretislau de Castro, Henrique Lima.

Havia os dias de receber e os de visitar. Grandes "causeurs" participavam dessa atividade social. Dialogar ou ouvir uma conversa de Adriano Jorge, Péricles de

Moraes, Leopoldo Péres, Huascar de Figueiredo ou Ramayana de Chevalier por exemplo, era sempre um programa fascinante; um colóquio com Alfredo da Matta, com Vivaldo Palma Lima, com Álvaro Maia, com Plácido Serrano ou Araújo Lima valia por uma boa aula. Os casais, após um convite ou aviso prévio, iam uns à casa dos outros, quase sempre em dias de aniversário, às vezes para almoçar ou jantar, mas, bem mais frequentemente após o jantar.

Durante a conversa eram servidos café, chá ou guaraná e biscoitos caseiros. Se a visita era às casas de Auta Bandeira, Camélia Freire ou Mercedes Madureira de Pinho, doceiras notáveis, as guloseimas servidas chegavam a ofuscar o brilho dos assuntos conversados. Tudo com muita simplicidade, como recomendava o bom gosto, mas as senhoras iam com jóias e, os homens de terno e gravata, mesmo que

houvesse amizade velha e íntima, num sinal de respeito aos anfitriões e aos demais presentes.

Esses encontros eram algo de tao tranquilo, tão distinto e faziam tanto bem ao

espírito, que deles guardamos as melhores recordações.

Hoje, seria praticamente impossível reproduzir aquela atmosfera que misturava calma, conveniência e brilho. Salvo engano.

### O Rio de Janeiro Amazonense (I)

Sempre o Rio de Janeiro abrigou uma numerosa colônia amazonense, não apenas pelo fato de ter sido por tantos anos a capital do País, mas, sobretudo, pelo jeito carioca aberto, comunicativo e hospitaleiro, muito parecido com a nossa própria índole, além das suas praias ensolaradas, durante quase todo o ano...

Longe da terra natal, os contatos entre a gente do Amazonas, são uma necessidade agradável de evocarmos fatos e pessoas e atualizarmos informações, em clima

de companherismo franco.

No centro da cidade, encontramos personalidades como o Prof. Arthur Reis, a caminho do Conselho Federal de Cultura, tão interessado nas coisas do nosso Estado; aqui é uma prosa rápida com o grande Bernardo Cabral, figura de realce nos meios jurídicos; alí, o Prof. Nicodemus Braule Pinto, que nos conta de suas últimas pesquisas filosóficas; mais adiante — uma vez por mês, porque mora em Friburgo —, o criminalista Carlos de Araújo Lima; e mais além, lo advogado Paulo Almeida; o am tropólogo Nunes Pereira e o cidadão do mundo Luiz de Miranda Correa, com sua juventude e prosa cativante; o escritor Aureo Nonato, e outros.

Em seu apartamento de Copacabana, recebe-nos com enorme fidalguia a grande dama que é a professora Maguy Ramalho Nery, filha e viúva de governadores do Amazonas, possuidora de preciosas relíquias, (como o arquivo histórico) deixadas pelos que comandaram a vida dos amazonenses, por largo período de tempo.

Duas outras residências foram permanentemente centros de reuniões dos conterrâneos: as de Camélia Cruz Riso e de Blanca Bouças. Camélia, agora, mudou-se para! São Paulo, tendo deixado a sua mansão da Estrada da Gávea, antiga sede da

fazenda, que, no Império, pertencera ao conselheiro Ferreira Viana.

Localizada no centro de imenso parque e cercada de centenárias palmeiras, plantadas algumas por D. Pedro II, a casa de Camélia era um verdadeiro museu de peças raras, obras de Aleijadinho e de Mestre Valentim e em cujo salão de jantar sentaram notáveis personalidades, em recepções memoráveis. Lá, sempre havia um buffet duplo; parte de cozinha internacional e outra de comidas típicas do Amazonas, requintadamente preparadas.

O apartamento enorme de Blanca Bouças, na Avenida Rui Barbosa, continua como um firme baluarte de congraçamento dos amazonenses, espécie de Embaixada particular, aberto a grandes festas e jantares, geralmente de caráter filantrópico ou

destinados à promoção de alguns eventos relativos ao Amazonas.

Mas o ponto de encontro diário e infalível de muitos integrantes da colônia é no café "amarelinho", localizado à Av. Copacabana, onde ocorrem uma reunião pela manhã e outra à tarde. É lá que conversam, sobre a nossa terra e nossa gente, muitos dos que nomeei, em outra crônica, afora os que passam por acaso, como outro dia, o querido casal Carmen e Jauary Marinho.

Desse grupo fazia parte, até o mês de abril passado, o Prof. Pedro Araújo Madeira Júnior, ou simplesmente, amigo Pedro Madeira, falecido aos 73 anos. Figura atlética, ele fora por muitos anos funcionário do London Bank. e depois de uma outra firma, até aposentar-se, tendo também sido professor de violino do Conservatório de Música de nossa Universidade. Sua presença animada era sempre motivo de

alegria para todos. Outros amigos que ultimamente desfalcarám as aprazíveis reuniões foram: Des. Manoel Barbuda, Armando Segadilha, João Quadros, Antônio Afonso, Comendador José Novaes, Almirante Fernando Meira. Todos deixaram o vazio e a saudade.

O importante a registrar, todavia, é que nesses encontros a força maior das conversas é o nosso amor ao Amazonas. É o próprio espírito caboclo da terra, ali entre nós, como presença constante, a reavivar o facho de nosso amazonismo.

# O Rio de Janeiro Amazonense (II)

Um fato que ainda não foi suficientemente analisado e desperta grande interesse e mesmo curiosidade é o do porque, até agora, não existe uma agremiação de amazonenses no Rio de Janeiro, quando as estimativas de coestaduanos nossos ali vivendo vai de quarenta a oitenta mil pessoas, gente que sabemos possuir um ânimo tradicionalmente cordial e associativo.

As tentativas, convém lembrar, foram várias e todas, até aqui, infrutíferas.

Tenho em mãos os primeiros estatutos do "Centro Amazonense", regularmente registrados no 3º Ofício de Títulos e Documentos do Rio, e cuja fundação se deu a 1º de outubro de 1934, com a eleição da seguinte diretoria: Presidente — Dr. Benjamin Lima; 1º Vice Presidente — Dr. Alvaro Onety de Figueiredo; 2º Vice-Presidente — Dr. Manoel Marinho; 1º Secretário — Dr. Pitiguar Fleury de Amorin; 2º Secretário — Luiz de Castro e Costa; Tesoureiro — Dr. Gaspar Coelho; Procurador — Dr. José Félix de Oliveira Netto; Diretor de Publicidade — Dr. Francisco Galvão; Comissão de Finanças — General Aurélio Amorim, Almirante Joaquim Sacramento e Dr. Aloysio de Araujo; Comissão de Sindicância: D. Eugenia Fleury de Amorim, D. Ana Pinheiro Couto, Oscar Gonzaga Coelho; Comissão de Beneficiência: — D. Christina Penna Beltrão, D. Lolita Barreto Praguer e D. Lindalva Freitas Bastos; Comissão de Assistência Judiciária: — Drs. Alberto Britto Pereira, Carlos de Araújo Lima e Moysés de Barros. Comissão de Assistência Médica: — Drs. Cláudio de Araújo Lima, Fernando Ribeiro e Vivaldo Lima.

Lembro-me das primeiras reuniões, num dos andares de prédio da Rua do Ouvidor, tudo sob os melhores auspícios e esperanças. Tempos depois, por motivo de mudança ou doença de vários componentes da Diretoria, deixaram de reunir-se os associados e a idéia esfriou.

Passaram-se os anos e nova tentativa foi feita, com o nome — a meu ver pouco feliz —, de "Associação Recreativa da Colônia Amazonense" (ARCA), aprovado em reunião na residência do prezado Miguel Lúcio Cruz e Silva, na Av. Copacabana, a 1º de junho de 1959. Compareceram a essa reunião oitenta e um amazonenses tendo sido escolhidos os nomes de Eduardo Ribeiro para Patrono e Gilberto Mestrinho, então Governador do Estado, para Presidente de Honra. No primeiro Boletim da novel sociedade, consta o seguinte texto: "Emigram os amazonenses. Deixam tristes, a terra do seu berço. Poucos para outros Estados. A maioria desce seduzida pela miragem metropolitana. Dispersa-se. Perde o contato inter-familiar da grande Província. Sofre. Luta por não se despersonalizar. Dessa luta surgiu a ARCA.

Como a outra, trás no bojo vida, eternidade, movimento. Que todos os amazonenses e os que amam o Amazonas vejam na ARCA uma síntese do lar comum". Aquela eternidade durou pouco, porém. Com 158 títulos de dez mil cruzeiros cada um, todos integralizados, e mais a subvenção conseguida, de um milhão de cruzeiros da Prefeitura do então Distrito Federal, pela Lei Municipal no. 952, de 10-12-59 (fruto de um esforço do Vereador Mourão Filho, que fazia parte do Conselho Deliberativo da Associação), a ARCA estreou com um grandioso jantar (à base do pirarucu) na "Maison de France", no dia 5 de setembro de 1959. Embora o jantar

tivesse sido um sucesso, os títulos vendidos e a subvenção fosse alta para a época, o dinheiro não chegou e desfez-se como as rosas de Malherbe.

Foram os seguintes os primeiros subscritores de títulos da ARCA: Armando Level da Silva, Antonio Mourão Vieira Filho, Átila Sayol de Sá Peixoto, Ulysses Bittencourt, Antero Ferreira Riça Junior, Gilberto Mestrinho, Hugo Garcia Vasconcellos, Geraldo Coimbra, Salathiel Borges Simpson, Antóvila Mourão Vieira, José Ribamar Neves, Odorico Rodrigues de Andrade, Maria da Conceição Monteiro Vieira, Sil de Oliveira Serra, Hilton Gonçalves dos Santos, Márcio Baroukel Braga, Mário Tinoco Guedes, Abdalla Isaac Sahdo, Leopoldo Tavares da Cunha Melo, Felippe Isaac Sahdo, Alberto Antonio Tuma, Waldir Martins da Silva, Samuel Sabbá, Alberto Guimarães Bandeira, Miguel Lúcio Cruz e Silva, Guilherme Limaverde, Félix Fink, Oder Brasil, Flávio Brito e Francisco Vieira de Alencar.

# O Rio de Janeiro Amazonense (III)

O fim da A.R.C.A. estabeleceu a descrença dos coestaduanos numa associação, por não ter havido razão plausível para o seu encerramento — a não ser pela má aplicação do dinheiro arrecadado.

Após as duas tentativas feitas em 1934 e 1959, às quais me reportei em crônica anterior alusiva ao assunto, os amazonenses residentes no Rio de Janeiro procuraram ainda uma vez criar uma agremiação que os reunisse e representasse: em 21 de outubro de 1977, na sede da Associação Átlética do Banco do Brasil (AABB), na Av. Borges de Medeiros, foi festivamente fundado o Instituto de Estudos e Promoção do Amazonas — o INESPA — cujo convite inaugural ostentava uma relação de cento e dezoito nomes dos mais ilustres da Colônia, sob a responsabilidade de convocação do Dr. Miguel Lúcio Cruz e Silva. Como nas duas vezes precedentes, o INESPA, com estatutos prontos e bem redigidos, deu em absolutamente nada.

Tirante raros êxitos pessoais, talvez por um problema de dispersão de forças digno de um estudo mais aprofundado, não temos obtido maiores vantagens para o Amazonas, até aqui. Com exceção de Almino Afonso (agora integrado com realce na política de São Paulo), e, no Senado Federal, o notável Fábio Lucena, não tivemos amazonenses em cargos de Ministro de Estado, muito menos de Presidente da República, nem mesmo de membro da Academia Brasileira de Letras, apesar de termos possuído alguns escritores bem à altura deste laurel, mas que não chegaram a ser bastante conhecidos no plano nacional, tanto ontem quanto hoje.

Se, todavia, a criação formal de uma entidade representativa não vinga, a idéia de associação, na prática, jamais desaparece. "Ajuris" simbólicos ocorrem com frequência, uns amparando e estimulando os outros, casuisticamente. E restam as reuniões espontâneas a que também já me referi noutra ocasião, de dois tipos: um, diário e a céu aberto, de manhã e a tarde, em plena Av. Copacabana e outro, quinzenal, no restaurante do Clube da Aeronáutica, na Av. Rio Branco. As presenças mais assíduas às reuniões diárias são: Carlos Onety de Figueiredo, Silvério Luiz Nery Cabral, Leandro Antony, Paulo Vinhas Jobim, Jorge Mendes, Dilmar Figueiredo Gomes, Helson do Carmo Ribeiro, Mário Araújo da Silva, Carlos de Almeida Barroso, Eduardo Augusto Alves, Pery Toledo, Zenith Pimentel, Clother da Gama Rodrigues, Júlio Nogueira Marques, Juvenal Leite, Aristóteles Lima, Francisco Castelo Branco, Júlio Mendes, Ilídio Araújo, José Domingos Mendes, Simas Vieira, Paulo Fernandes da Costa, Aristophanes Queiroz, Mário Henrique Ramos, Milton Adrião, Raymundo Mena Barreto, Alvaro Cordeiro da Silva, Anísio Moura, Jader Herculano Barroso e Simão Benemond. Por sua vez, os mais constantes frequentadores dos almoços do Clube da Aeronáutica: são Harry Padilha, Péricles Toledo, Cândido Pereira da Costa, Aderson Rayol dos Santos, Edwino Storry, Roberval Nogueira Cardoso, Leandro Antony, Ruy de Freitas Gimarães. Sain clair de Carvalho Lobo, Roberto Lemos, Walter Vianna, Marcos Túlio Gomes, Milton Adrião, Eurico Sá Cavalcante de Albuquerque, Ubirajara Sevalho, Arthur Seixas, Carlos Santa Cruz, Alberto Pina Rodrigues, Humberto Cabral, Josias Macedo, Francisco Fernandes da Costa, Moscyr Dantas, Cláudio Rômulo Siqueira, Thirso Reineau, Alexandre Litaife.

Os participantes de ambas essas formas de reunião constituem lídimos lutadores por uma causa nobre, não permitindo que tombe a flâmula da fraternidade, nem que se dissolva o sentimento de união entre os coestaduanos. Os assuntos de interesse do Amazonas são ali discutidos, as notícias relativas ao Estado e aos integrantes da "colônia" são veiculadas, sempre num sentido alto, com empenho, compreensão e solidariedade.

Todos ou quase todos os Estados dispõem no Rio — às vezes, também em São Paulo e Brasília —, de seus Centros ou Sociedades representativas. Por que não consegue o Amazonas possuir sua própria entidade, organizada e atuante, agindo em prol de "colônia" tão numerosa ?

Até que ponto a dispersão de forças, oriunda da ausência de uma entidade regular, contribuirá para que não obtenham maiores sucessos?

### O colunismo e sua força

Engana-se quem supõe que o chamado colunismo social, simplesmente por tratar de assunto ameno, constitua uma frivolidade. Falam por si sua larga penetração e seu prestígio perante um público sempre numerosíssimo. E isto bastaria. Sua força, entretanto, é mais compléxa, daí desafiar o tempo, com raízes em dois diferentes planos de valor: no presente, ao reportar as atividades de um grupo engalanado que se move em recepções e se comporta elegantemente, serve de padrão e de oportunidade de fuga psicológica a outras camadas sociais mais numerosas, criando para estas, geralmente, uma atmosfera de mito e de sonho: e em relação a épocas futuras, valerá como importante componente no levantamento histórico de determinada sociedade, a mostrá-la em minúcias, no íntimo de suas festas, de sua moda, de seus hábitos.

E a coisa não é recente. Vários livros já consagrados como clássicos abrangem crônica social, entre estes podendo-se mencionar "Diário de Uma Viagem ao Brasil", de Maria Graham, descrevendo nosso Primeiro Império: "Salões e Damas do Segundo Reinado", de Wanderley Pinho: e "O Rio de Janeiro do Meu Tempo", de Luiz Edmundo, contando sobre o começo da República e o iníciol do Século XX. Wanderley Pinho reproduz crônicas preciosas e hoje pitorescas do "Correio Mercantil", do "Jornal do Commercio", da "Semana Ilustrada", da "Revista Popular" do "Novo Correio das Damas" e de outras publicações cariocas da época de D. Pedro II. Alude-se a cores como "groselhas dos Alpes" e "flor de alecrim", citam-se chapéus "à Imperatriz", "à Tudor", "à Garibaldi", à Richemond". São descritos pormenorizadamente os ricos bailes da Corte, nos Paços Imperiais, no Cassino Fluminense, nos palacetes nobres, com detalhes dos ambientes e suas luxuosas guarnições, dos cardápios, das danças, dos assuntos de conversas, das jóias, das roupas.

Algumas dessas vestimentas pareceriam fantásticas nos dias atuais. Por exemplo: "Vestido de filó bordado de prata e seda carmesim. Os grandes ramos da segunda saia entremeavam-se com as flores do babado. O corpinho todo empregas, ornado de flores de castanheiro delicadamente rosadas". E assim por diante, havendo referencia a um colunista que conseguia descrever cerca de cinquenta daqueles complicados trajes numa só crônica, mas usando um estratagema: visitava previamente as principais modistas da Capital do Império e ali colhia de antemão as informações desejadas, com os nomes das clientes respectivas. E nos bailes ia apenas confirmando a relação e acrescentando as jóias e outros pequenos pormenores.

Em Manaus, a crônica mundana estreou com uma signatária ilustre: em 1865, houve um baile em homenagem a Tavares Bastos, ao qual compareceu o casal Louis Agassiz, de passagem pela cidade, tendo a Senhora Elisabeth Cary Agassiz reportado o evento nestes termos: "Na falta de carruagens, os convidados, em seus melhores atavios, atravessavam aos pulos as ruas enlameadas, sob a luz exclusiva de uma ou outra lanterna de mão. Durante a festa chegou a notícia da rendição de Uruguaiana e, imediatamente, foram todos convidados para outro baile no dia seguinte, comemorando a boa nova".

Manaus dispõe de uma plêiade de colunistas modernos e atentos como o nosso querido Nogar, o Gil, Hermengarda, Baby, Elaine Ramos, Carlos Aguiar, sem esquecer a "De mãos Dadas" Beth Azize e a antiga Betina, de "Sociedade Política e Rumores", citando estes apenas de memória, pois temos outros de real valor. São jornalistas que dão informações a seus muitos leitores de ontem ou de agora, captando ótimos subsídios descritivos de nossa sociedade atual para os historiadores de amanhã.

#### Confraternização

Membros da colônia amazonense no Rio de Janeiro reuniram-se, como habitualmente fazem, só que desta vez para confraternização toda especial, com o objetivo dos votos recíprocos de Boas Festas e "balanço" do ano que findava. Não foi apenas mais um daqueles almoços mensais ou da pauta comum dos "trabalhos" de um clube que, não o sendo, no entanto existe. Aconteceu em Copacabana, sob o entusiasmo da velha amizade, num restaurante especializado na esquina da Av. Atlântica e Rua Figueiredo Magalhães.

Com exceções exclusivas de um companheiro de alma e raízes nordestinas que pediu carne-de-sol e outro que bebeu água mineral, o cardápio foi memorável e genuinamente amazônico: de entrada, bolinhos de pirarucu e "unhas de carangueijo";depois, costelas grelhadas de tambaqui com farofa amarela, seguidas de calderada de tucunaré, tudo feito por mãos conhecedoras do assunto. De sobre-

mesa, torta e creme de cupuaçu.

Durante aquela festa gastronômica, chegou um telegrama do Deputado Arthur Virgilio Neto, vice-líder do PMDB na Câmara, enviado ao nosso conterrâneo Pery Toledo, solicitando-lhe que representasse o parlamentar na reunião e transmitisse a todos os presentes votos de felicidades e seu desejo de bem servir sempre ao Amazonas. Na verdade, já são bons serviços que nos presta a terceira geração da mesma ilustre família, o Deputado a seguir os passos firmes do pai Senador e do avô Desembargador.

Nessa altura, Júlio Mendes, assessor político de Arthur Virgílio Neto no Rio (ex-administrador Regional de Copacabana), proferiu vibrante oração e distribuiu exemplares do tablóide "O Guerreiro", órgão de divulgação das atividades

parlamentares do Deputado.

A reunião, pelo seu clima de alegria e espontaneidade, pela evocação de assuntos de nossa terra, pela qualidade e abundância de pratos típicos, fez lembrar momentos vividos em Manaus, em domingos de sol, na casa de alguns amigos. Mas, sobretudo, me fez vir à tona da memória comemoração semelhante realizada em 1940, no Restaurante Central, que ficava na esquina da Av. Eduardo Ribeiro com a Rua Henrique Martins. Vários rapazes de então, inclusive eu, ali almoçávamos valentemente quando um que pertencia a outro grupo um tanto rival conseguiu bater uma fotografia, publicada num jornal com a legenda "A Mocidade que come...". Era término do ano e, no dia seguinte, vimos aqueles "amigos cordiais" agrupados no "Ponto Chic" (que ficava na esquina fronteira), em torno de grande quantidade de garrafas vazias sobre a mesa. Batemos uma fotografia deles e a publicamos com o título "A Mocidade que bebe..."

Hoje, os sobreviventes ao tempo ainda podem comer e beber bastante, alguns comendo por dois e outros bebendo por trés, como se pode constatar neste fim de ano, pelo consumo da inocente cachaça, da gelada "caipirissima" e da velha loura chamada cerveja, além das quantidades alentadas dos pratos

salgados e doces.

Convém registrar os que compareceram: Carlos Onety de Figueiredo (Presidente Honorário do Clube), Ariosto de Rezende Rocha, Luiz Silvério Nery Cabral, Hélio Lima, Jorge Mendes, Pery Toledo, Zenith Pimentel. Clother Gama

Rodrigues, Elias Ferreira da Silva, Lourenço Faria de Mello, Eduardo Augusto Alves, Júlio Mendes, Juvenal Leite, José Domingos Mendes, Ilídio Araújo, Paulo Fernandes da Costa (Paíca), Mário Henrique Ramos, Wilson Cunha, Francisco Castello Branco, Ademacy Rodrigues do Nascimento, Simão Benemond, Gutemberg Salles, Ruy Louchard, João de Paula Costa e este cronista.

É imensa a jovialidade e o espírito de congraçamento que se estabelecem em tais ocasiões, esquecidas as lutas, os problemas, as decepções individuais e gerais vivenciados durante o percurso do ano, tudo superado pela força da solidariedade, no reencontro de irmãos que se estimam, unidos em torno do

mesmo amor ao Amazonas.

#### Não ficção

O preço da borracha estava em pleno apogeu, quando o Coronel Tertuliano, rico e poderoso seringalista, proprietário de grande área no Alto Purus, chegou a Manaus para tratar de negócios, numa de suas raras visitas à Capital. Reservado, sóbrio, o Coronel era conhecido por seu amor ao trabalho e pela fortuna que conquistara com o suor e arrojo de um desbravador autêntico. Viajara em sua própria lancha, onde, logo de manhã bem cedo, esmerou-se na aparência "para não fazer vergonha ao nome", como dizia. Vestido de linho branco fez compras e foi almoçar, como combinara previamente, na casa de um velho amigo. Lá foi bater por volta das onze horas, seguido pelo empregado de uma joalheria importante, o qual transportava enorme caixa: era um presente ao anfitrião, um valioso centro de mesa. O objeto foi colocado com muito gosto sobre a mesa, combinou com a toalha de rendas e a porcelana, dispostos para a refeição formal.

No transcurso do almoço — acompanhado por bom vinho português de pipa —, o Coronel contou ao amigo o motivo de sua viagem a Manaus: resolvera plantar racionalmente em suas terras a seringa e a castanha, num plano pioneiro, e, para tanto, trouxera consigo, em espécie, vinte contos de réis (ao tempo em que as cédulas brasileiras traziam: "O Tesouro Nacional pagará em ouro...") além de libras esterlinas e "soles de oro" peruanos. Com sua pronúncia típica, bem sincopada, narrou o que faria quanto à contratação de um técnico e o necessário a adquirir. Saiu por volta das quatorze horas. No dia seguinte, ainda cedo, um portador bateu à casa do amigo, pedindo-lhe viesse ao hotel. Ao ali chegar, o amigo encontrou Tertuliano abatido e em seguida ficou sabendo o que se passara — o Coronel, na véspera, à noite, fora a um cabaré e gastara todo o dinheiro; além do "bacará", oferecera generosas gorgetas e fizera verdadeiras doações para o mulherio.

Num comportamento bem amazônico — exatamente porque não desprovido de grandezas, o Coronel jogara fora seu futuroso plano. Ao amigo que lhe emprestara duzentos mil réis para as despesas de regresso e lhe perguntara — E agora? —, respondeu sorrindo, sem perder a calma: — "Agora cotia que plante"... (Referência ao modo como se renovavam os castanhais: pois, de algum tempo

para cá, a chamada "varrição", impossibilitou a cotia de plantar).

Outra estória que me foi contada: O Major Ferreira enriqueceu. Louro, de olhos azuis, casara aos dezoito anos com uma linda moça de dezesseis e vieram paupérrimos do Ceará, para tentar a sorte no Amazonas. E deu certo. Dois anos depois, na passagem do século, já estava abastado, na compra e cambiação de borracha, castanha, couros e tudo mais que fosse negociável. Estabeleceu-se no interior, comprando e requerendo latifúndio, e aí nascendo seus três filhos: duas meninas e um menino, todos com cabelos e olhos claros. As crianças eram o amor, os cuidados e a preocupação de seus pais, que temiam sempre os perigos da selva e do rio, ele sempre apavorado com as cobras. Embora dispusessem de empregados de confiança e caçadores experimentados, com bons rifles, ainda assim a notícia de uma onça nas cercanias foi a gota d'água. Transferiu-se para Manaus com a família ocupando o seu tempo com o aviamento das mercadorias

para o interior e a sua comercialização na Capital. Como era comum entre os mais abastados, além do palacete na Joaquim Nabuco, adquiriu um sítio em zona então longínqua, onde muito depois, veio a ser construído o Parque Dez, um "banho" extremamente aprazível, com árvores frutíferas, um confortável e sólido chalé de madeira, um trecho desflorestado do igarapé de águas claras que se bifurcavam formando pequena ilha, recanto predileto da criançada. O Major colocou alguns casais de colonos na propriedade, construiu duas pequenas pontes de feitio japonês e desenvolveu bonita criação de galinhas, patos e porcos. Como se fosse notado o desaparecimento de animais, providenciaram severa observação. Certo dia, de repente, move-se o mato e logo a seguir a tela do galinheiro, e surge, magestosa, uma sucuri de cerca de seis metros, logo depois outra. Mortos a tiros os monstros, constatou-se que tinham há muito tempo seu ninho perto de onde as crianças passavam a maior parte do tempo. Arrastados os troncos e matos, no local havia quantidade surpreendente de ossos de todos os tamanhos.

Abalado, o Major liquidou seus negócios no Amazonas e retornou próspero à sua terra, estabelecendo-se em Fortaleza. Quando veio a queda do preço da borracha e o esfacelamento da economia amazonense, o Major manifestou-se feliz por ter escapado à crise. Tempos depois, visitado por um amigo, observou — "Pensando bem, devo a preservação de minha fortuna a duas cobras..."

#### Canto de alcova

Este raconto poderia chamar-se o Caso da Jóia. À guisa de prefácio, numa "Advertência" que antecede os contos reunidos em "Relíquias de Casa Velha", Machado de Assis observa: "Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu".

O Coronel Liberalino, vamos chamá-lo assim, foi figura de escol na Manaus de ontem, havendo falecido em 1921, setentão, sem que eu tivesse oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, porém, mesmo depois de sua morte muito se falava nele; fora influente na política e no magistério, tendo por largo tempo ensinado Francês, Português e Matemática, além de haver possuído pequena indústria, suficiente para alguma folga financeira e certa grandeza de vida. Homem de físico elegante, vestindo-se em alfaiate londrino nos bons tempos da borracha e falando francês, era seguro seu prestígio perante o mundo feminino.

Aquela época, todos sabem, eram frequentes as visitas de companhias líricas, ou de variedades e operetas, para se exibirem no Teatro Amazonas, trazendo elencos integrados por primas-donas, atrizes e coristas que quase sempre ficavam encantadas pela alegria e riqueza de Manaus, quedando-se apaixonadas

pelas facilidades do novo Canaã.

Os coronéis que soubessem o Francês levavam enorme vantagem sobre os demais. Era o caso de Liberalino, que nem precisava percorrer os centros de atração noturna, como a "Pensão da Mulata", o "High Life", o "Hotel Cassina" ou a "Pensão Floreaux", existentes antes do "Cassino Julieta", apenas vindo a tornar-se habitual deste último.

Das cinco joalherias da cidade, duas eram as preferidas, por seu sortimento e maior classe, mesmo porque confeccionavam ou importavam encomendas de raro gosto: "À La Ville de Paris", joalheria, relojoaria e ótica pertencente aos Levy Frères e a "Joalheria Riche", de Krause & Irmãos e Cia., ambas situadas na antiga Rua Municipal (atual Av. Sete de Setembro) e próximas uma da outra.

De certa feita, haveria um casamento de gente amiga e o coronel e esposa foram convidados para padrinhos. Ela, de temperamento um tanto bravio, dirigiu-se a uma daquelas joalherias para comprar o presente. Sem dizer a destinação da jóia, escolheu uma linda "barrette" de brilhantes com um rubi central. O vendedor, solícito, elogiou a escolha e, inadvertidamente, acrescentou: "aliás, é igual à que seu marido comprou para a senhora, há um mês". Associando logo o fato à presença, na cidade, de certa atriz, que diziam ser o "caso" do coronel, a compradora já saiu diretamente para a tomada de contas. Seguiu-se uma separação demorada, com o coronel refugiado na chácara de um amigo, na Cachoeirinha. Ao fim do terceiro dia, mandou um bilhete à esposa, pedindo desculpas, dizendo estar com muitas saudades e que voltaria se prometesse não falar mais no ocorrido, solicitando resposta pelo mesmo portador. E a resposta veio no próprio bilhete, nos seguintes termos: "Volta, cachorro, que eu também estou com saudade".

Em 1940 conheci em Manaus uma senhora francesa, setuagenária que

possuía uma casa de diversões noturnas na Rua Vinte e Quatro de Maio, onde hoje existe uma loja da Zona Franca. Em alguns vestígios de elegância, ainda fazia evocar os traços da beleza antiga. Naquele ano, convidou a mim e outros amigos para um almoço, comemoração de seu natalício, com requintes de quem conhecera a fartura. Sobre a mesa, louças finas, cristais e o tradicional leitãozinho assado. Depois de muita efusão, brindes e gestos de delicadeza, fui olhar o famoso "boudoir" de "Madame" e cheio de surpresa, deparei com a fotografia do Coronel Liberalino, em moldura de prata, lendo-se a dedicatória "A J..., mon Amour - 1905". Perguntei à anfitria se conhecera bem aquele senhor e ela, chorosa, me respondeu: "Por causa dele larguei tudo e fiquei em Manaus...". E entre outras recordações: "Não me arrependi de ter ficado, pois escapei da 1.ª Guerra e a atual vai liquidar a Europa...". Era dela o nome lizado ao caso da separação de trinta e cinco anos atrás. Como escreveu Fernando Pessoa, "malhas que o império tece". Por um caprichoso acaso, fora-me dado tirar da memória um acontecimento tão pitoresco quanto humano, envolto na poeira do tempo é. revelador do tipo de vida que se levava na Manaus do início do século.

## Colaboração Climática

Há quinze anos, precisamente no dia 10 de julho de 1969, deslocaram-se para Manaus os participantes de três conclaves distintos, a se realizarem simultaneamente sob a hospitalidade ecumênica da capital amazonense. No mesmo avião viajaram delegações da Mocidade Batista, de um Congresso de Fiscais de Renda e parte dos representantes do então Estado da Guanabara na 3º Assembléia Geral da Confederação Maçônica Brasileira.

Durante o percurso no DC-6 da VARIG o microfone de bordo foi franquiado aos viajantes, tendo havido saudações por parte de cada entidade ali representada. Instado e fazê-lo, transmiti saudações pela Assembléia Maçônica, minutos
antes da aterrissagem, declarando minha condição de amazonense e fazendo
referência às características da terra em que alguns estariam pisando pela primeira
vez. Lembro-me de ter mencionado, entre as virtudes do povo baré, o forte
sentimento de amor à liberdade. Era gente que alforriara oficialmente seus
escravos exatamente naquele dia 10 de julho, bem antes da Lei Áurea e tomara
por símbolo o índio Ajuricaba, cujo último ato fora atirar-se acorrentado às águas
do rio Negro para não se submeter ao cativeiro. E aludi à alta temperatura que
todos iríamos sentir na época mais quente do ano, decorrente, em parte, do calor
humano advindo dos corações amazonenses...

Pouco antes do pouso, por qualquer circunstância, foi desligada a refrigeração e o interior do aparelho ficou mais quente. Os homens tiraram os paletós, as pessoas abanavam-se e assim aterrisamos. Ao abrirem-se as portas — qual surpresa! — entrou no avião uma aragem fria e muito agradável que logo obrigou todos a se agasalharem. Parecia termos chegado a Curitiba em plena primavera. Estava ocorrendo, por coincidência, o período de chamada "friagem", só que daquela vez bem mais forte e duradoura, como constataríamos. Não esqueço o fato de que, ainda no aeroporto, uma senhora dirigiu-se a mim, dizendo qu eu havia exagerado "chamando de calor a um clima assim fantástico".

Tirado do arquivo tenho agora em mãos o recorte de uma notícia publicada em "O JORNAL", de 11 de julho daquele ano, dando conta de que, na ocasião, os termômetros acusavam a média de "18 graus centígrados, mas na noite passada o frio esteve muito mais intenso, principalmente na parte da manhã, quando chegou a se registrar uma média de 14 graus".

A temperatura permaneceu baixa por toda uma semana, tempo de duração dos três referidos conclaves, e seus integrantes partiram com a melhor impressão do clima de Manaus... A seguir uns comentários sobre coisas conhecidas, apenas para recordar.

Agora a cidade já dispõe de melhores recursos para defender-se das eventuais "friagens" — há agasalhos e nos apartamentos e nas casas modernas, com pé-direito mais baixo, bastará às vezes desligar os aparelhos de ar condicionado. Porém, há cinqüenta anos, na Manaus de ontem, repetiam-se com menor freqüência tais improvisações: as residências eram de tetos altos, com forro de treliça, cheias de frestas e respiradouros sempre difíceis de vedar, preparadas apenas para o clima habitual; nenhuma tinha sistema de água quente, nem tão pouco os raros hóteis (antes do Hotel Amazonas, só havia o Grande Hotel e o Hotel Restaurante Français, dignos desse nome; os poucos outros eram de nenhuma "estrela");

poucas casas dispunham de banheiras e camas, pois o banho era de chuveiro ou

cuia e dormia-se esclusivamente em redes, salvo raras exceções.

Quando ocorria baixar a temperatura, não havia à venda vestuários próprios. Viam-se ainda um poucos casacos ou capas de gabardine, sobreviventes do início do século, quando a moda era outra. Mas a grande maioria logo procurava a Rua Marechal Deodoro e esgotava o estoque de flanela da loja do "J.G." ou da Casa Ramadan, então existente na "Joaquim Nabuco". Evitava-se beber gelados e passava-se a usar certas banheiras portáteis, de zinco, ou as grandes bacias que algumas residências conservavam somente para os banhos mornos nos casos de doenças — gripes, "constipações" ou as prolongadas pneumonias daquela época. Os bondes baixavam as sanefas, os prédios ficavam de janelas fechadas, as ruas menos concorridas e alguns bares funcionavam com as portas semicerradas, a pedido dos frequentadores friorentos.

Três ou quatro dias depois, Manaus ja retomava o aspecto e o ritmo normais e o assunto eram os comentários sobre o frio e as novidades que haviam hibernado no período.

### O Arquivo Discreto

Nem sempre a crônica de uma época e a própria História conseguem reproduzir a totalidade dos acontecimentos, muito menos seus detalhes. Este o caso da prisão do escritor Nunes Pereira, por motivos políticos, no ano de 1937, durante a Ditadura do chamado Estado Novo. O fato envolveu Jorge Amado e creio ser pouco conhecido pelo público. A memorialista Zélia Gattai, esposa de Jorge, alude à ocorrência em seu livro autobiográfico "Um Chapéu Para Viagem", nos seguintes termos: "Não era essa a primeira prisão do escritor: em 1936 fora detido no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que o pintor Santa Rosa, e em 1937, preso em Manaus, sob a suspeita de estar planejando, em companhia do antropólogo Nunes Pereira, uma revolta de índios, fora mandado, escoltado, para o Rio, num navio".

Entretanto, o esclarecimento mais abalizado foi fornecido pelo próprio Nunes, em carta escrita no Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1973, dirigida a Genesino Braga. Peço a Genesino que me escuse pela divulgação do teor da missiva, porém fui verbalmente autorizado a fazê-lo pelo seu autor, que, inclusive, no dia seguinte ao da remessa daquela certa, me forneceu uma cópia xerox da mesma, tendo-a deixado na Livraria São José, num envelope sobrescrito "Por favor do Mercador de Livros Carlos Ribeiro". Alias, no verso do envelope se acham, de próprio punho, duas quadrinhas deliciosas mas impublicáveis, com a assinatura de Nunes Pereira e a data de 24.04.73, material que conservo em meu

arquivo.

O fato assim se passou — Jorge Amado estava discretamente em Manaus, quando, do Rio, chegou uma ordem da Polícia Política para que fosse detido. Jorge conseguiu escapar, refugiando-se no Consulado do Peru (sendo comentado que o aviso para a fuga partiu de uma iniciativa de Álvaro Maia, em secreta solidariedade à pessoa do grande romancista). Todavia, a ordem incluía também o nome de Nunes Pereira e este, não tendo podido ser alertado, veio a ser recolhido à Penitenciária, onde permaneceu algum tempo. É o seguinte o texto da carta: "Rio de Janeiro, 23.04.973. A Genesino Braga, com um abraço: — Achei excelente a evocação que lhe mereceu a passagem do Jorge Amado pelo ambiente, carinhoso e altamente intelectualizado, de Manaus, não se esquecendo da figura do boêmio larvado — com um penacho inconspurcável, que me enobrece mais do que uma coroa imperial — a minha figura!

Aproveito o ensejo, entretanto, para revelar que minha figura não está

ligada, apenas, por aquele fato, à do Jorge Amado.

Estando ele, novamente, em Manaus, ocorreu ter sido eu preso, por ordem do Ruy Araújo, sendo Governador do Estado do Amazonas o nosso pranteado confrade Álvaro Maia.

Na mesma ocasião, acolhendo-se ao Consulado da República do Peru, cujos encargos, então cambiam a meu amigo Torres Videla, o Jorge Amado escapou às

garras da Polícia.

Recolhido à Penitenciária, alí amarguei muito pouco, pois levara comigo duas obras de minha particular estima e irrestrita admiração – a *Imitação de Cristo* de Tomas Kempis (?) e *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire, que a crítica ortodoxa, da própria França, acoimou de POETA MALDITO.

Aos homens de estatura universal de Jorge Amado, por maiores que sejam os seus erros e vícios, não raro acontecem aventuras como esta, a que me refiro agora: ele era o comunista, àquela época, e eu, é que fui preso... não o sendo.

Amanhã, quando nada restar da minha figura humana de boêmio e de idealista incorrigível, pesquisadores insaciáveis depararão, inevitavelmente (entre outros documentos do que foram, em realidade, minhas atividades científicas e literárias) fragmentos não bem nítidos e válidos, que, na espressão de Mário de Andrade, os cretinização, desorientando-os, comicamente.

E sob o chão indefinível da sepultura que me acolherá, ou nas áreas mal definidas da Eternidade, eu me rejubilarei, como quando, vivo ainda, me amesandava com companheiros inesquecíveis.

Porque, considera bem, meu caro Genesino Braga, foi à burrice e covardia

policiais, e não a ideologias exóticas, que se deve atribuir minha prisão.

Mas, não tivesse eu uma filosofia — e de autêntico boêmio — nada me aproveitariam, como lição da brutalidade em curso, a solidão e a incomunicabilidade dos muros da Penitenciária, em cuja administração, faço questão de salientar, se distinguiram, de maneira profundamente humana, um Benjamin de Araújo Lima e um Geraldo Pinheiro, este último tão boêmio quanto eu, mas tendo pela Justiça o mesmo amor que voto à Liberdade.

Descobri, desde longa data, que há uma Pedagogia do Exílio; há incontestavelmente, também, uma Pedagogia da Burrice Humana.

A esta é que devo, muito mais que aos meus estudos e viagens, na Amazônia, a filosofia que me está permitindo viver em paz entre os meus livros e recordações acri-doces.

Peço recomendar-me aos confrades, principalmente a Djalma Batista, que

tanto admiro quanto estimo.

Com meus agradecimentos pela lembrança de enviar-me o recorte do artigo aqui referido, vá recebendo um abraço cordialíssimo do velho confrade". Ass. NUNES PEREIRA.

Agora, após o falecimento do sábio Nunes Pereira, fica o assunto bem esclarecido.



O Morubixaba Nunes Pereira

# A lição de um "Habeas-Corpus"

Tres violentos acontecimentos políticos, de graves conseqüências, desassocegaram a vida pacífica de Manaus no período republicano: o Bombardeio, em 1910; o ataque de 1º de janeiro de 1916, contra Guerreiro Antony e a Revolução de 1924. Os dois primeiros tiveram como motivo principal causas de interesses contrariados e o último, razões acentuadamente econômicas.

Corria o ano de 1910. Estava na presidência da República, num final de mandato, NILO PEÇANHA. Já eleito para o quatriênio seguinte e de regresso de sua viagem à Europa, o MARECHAL HERMES DA FONSECA. No Ministério da Guerra, achava-se o General Bormann e na Marinha, o Almirante Alexandrino de Alencar.

O Senador Pinheiro Machado fizera-se o "manda-chuva" da política nacional, conseguindo, nas duas Casas do Legislativo e nos Governadores de quase todos os Estados, admiradores submissos. O chefe gaúcho exercia um grande e sempre crescente poder na maior parte das entidades mais elevadas do País e não era seu feitio conformar-se com a falta de obdiência às suas determinações. Lideranças independentes não lhe eram agradáveis e, por essa razão, resolveu destruir, de qualquer forma, os recalcitrantes. Preparou o terreno para o fim colimado, inicialmente pelo afastamento dos Governadores de Mato Grosso, Alagoas e Sergipe. Chegara a wez do Amazonas, onde governava a contento, honestamente, restabelacendo os créditos do Estado, o Coronel ANTONIO CLEMENTE RIBEIRO BITTENCOURT. também um rebelado contra a intromissão do pernicioso mandonismo federal. Trama-se, no Rio de Janeiro, sua deposição. Não foi fácil, porque vários comandantes da 1ª Região Militar, então sediada em Manaus, mandados para "fazer o serviço", ao observar a conduta do Governador, não se prestaram a esse papel ignóbil, sendo que o último, o General OSÓRIO DE PAIVA, o declarou ostensivamente. Substituiu-o o Coronel Pantaleão Telles de Queirós, que, mais tarde, veio a receber a vultosa soma de noventa contos de réis, a título de "ajuda de custo", como paga à sua pusilanimidade. No comando da Flotilha, contando com duas canhonheiras no Porto de Manaus, foi investido o Capitão de Corveta Costa Mendes, na véspera dos acontecimentos.

Tudo pronto, inesperadamente, na manha de 8 de outubro de 1910, irrompe o movimento fatídico. A cidade é despertada por um bombardeio vindo das referidas canhonheiras, enquanto o quartel do 46.º Batalhão de Caçadores fazia o mesmo contra o Palácio do Governo e seus arredores. Grande o pânico advindo para a população inerme, diversas residências destruídas ou danificadas no Bairro dos Remédios, dezenas de mortos, em número até hoje não esclarecido.

O Governador Bittencourt, ao lado da Força Policial e grande acompanhamento de civis solidários, não saiu da defensiva.

E por que toda essa violência, praticada e participada por escrito, em nome do Governo Federal? Porque — diziam os bombardeadores —, o Governador do Amazonas "fôra destituído" por uma indicação do Congresso do Estado (em sessão que não houve) do dia 7, sob pretexto de ser o governador membro de ume empresa jornalística que mantinha transações com o Estado!

Enquanto isto, porém, as balas continuaram a atingir a cidade e causar numerosas vítimas. Para evitá-lo, os Cônsules de Manaus e a Diretoria da Associação Comercial foram, incorporados, à presença do Governador para que cedesse ante a prepotência, no que foram atendidos, quando se lavrou uma Ata, assinada por todos.

O Governador segue para Belém, no mesmo dia 10, onde é recebido carinhosamente pela população e lhe são concedidas honras de Chefe de Estado. Da capital paraense entra em contato com o Presidente Nilo Peçanha.

Cortadas, por alguns dias, as comunicações entre Manaus e o resto do País, parecera ao mandante do atentado, no Rio de Janeiro, que o fato estava consumado

e irreversível, a situação sob controle e simplesmente o golpe dera certo.

Pinheiro, da tribuna do Senado, defende o que fora feito e assume a paternidade do movimento, sem prever a sequência do caso.

Eis que, entretanto, as notícias chegam ao Rio, dando conta da monstruosidade praticada.

Ante o dilúvio que desabou, Pinheiro encolheu-se mansamente.

Protestos indignados explodem de todas as partes contra a violência.

O Coronel Bittencourt havia sido deposto pelas armas, sem forma de processo! Os jornalistas Orlando Lopes e Pedro do Couto requereram ao Supremo Tribunal uma ordem de habeas-corpus em favor da vítima. Imediatamente, a Suprema Corte de Justiça concede o remédio da Lei, em sessão de 15 de outubro. O Ministro Pedro Lessa relatou o feito, que foi defendido pelo dr. Orlando Lopes. Votaram a favor os Ministros Pedro Lessa, Oliveira Ribeiro, Amaro Cavalcante, Cardoso de Castro, Ribeiro de Almeida, Canuto Saraiva, André Cavalcante e Manoei Espíndola (8), tendo votado contra, o ministro Godofredo Cunha, por entender ser ocioso o pronunciamento do Tribunal, uma vez que o Poder Executivo já adotara as providências pertinentes, como esclarece Leda Boechat Rodrigues, in "História do Supremo Tribunal Federal" (tomo II).

O Presidente da Suprema Corte, Ministro Espíndola Santos, telegrafou ao Juiz Seccional do Amazonas, Dr. José Tavares da Cunha Mello, para os devidos fins; e o Dr. Nilo Peçanha, fazendo cumprir esse habeas-corups, mandou imediatamente repor no seu posto o Governador.

Segundo Brígido Tinoco, em sua obra "A Vidá de Nilo Peçanha", o Presidente logo ao receber informações dos acontecimentos, transtornara-se. "Chama a palácio os líderes das duas casas legislativas, Glicério e Seabra, além de Quintino. Fala com énfase, com afetação, para solenizar a cena e provar o alcance do seu repúdio. Tem os punhos cerrados e está colérico pela primeira vez". E adiante, prossegue: "Chegam, depois, Esmeraldino Bandeira e os ministros das pastas militares. Ele renova a impetuosidade. Entreolham-se, pasmados. Aquele homem, quase à hora da despedida do Catete, ousa atirar-se contra o condestável, ora na exuberância do prestígio, com a próxima ascensão do Marechal Hermes. O General Bormann promete inquerir, de imediato, os seus subordinados, pedindo-lhes explicação das ocorrências. Nilo interrompe-o: "Não há explicações para essa brutalidade. Desejo a punição dos militares culpados". E virando-se para o ministro da Justiça: "Quero saber, Dr. Esmeraldino, em face da Constituição, se me será lícito repor, desde logo, o governador deposto. Em caso afirmativo, assim procederei, fira a quem ferir".

E, de fato, o fez. Em consonância com a Decisão do Supremo, o Executivo pôs em prática medidas enérgicas. As Forças Armadas puniram os executores do

golpe e o Coronel Bittencourt voltou a Manaus com as honras de um navio de guerra e uma força de mil e duzentos homens, numa homenagem que lhe prestou o Governo Federal — aparato bélico apenas simbólico, por desnecessário, porquanto Bittencourt bem conhecia a amizade e a dedicação que lhe dispensava a população do seu Estado.

Existem fotografias que mostram a imensa e calorosa recepção que teve Antonio Bittencourt ao chegar à Capital do Amazonas, engalanada para o retorno do chefe estimado.

Rui Barbosa, que a respeito da matéria emitira dois pareceres nitidamente contraditórios, um deles a pedido do senador Jorge de Moraes e outro por encomenda do Senador Silvério Nery, anos depois redime se, ao fazer, do Senado, a defesa do Governador Bittencourt, numa longa série de discursos, hoje constituindo o alentado volume XL — 1913 — Tomo IV — "Discursos Parlamentares" — "O CASO DO AMAZONAS", de suas "Obras Completas".

Os bombardeadores de Manaus foram castigados e os pinheiristas perderam a partida. A comedia da destituição do Governador ficou desmoralizada, pelo efeito negativo que provocou diante da opinião pública nacional e em face das fulminantes reações do Judiciário, do Legislativo, do Executivo e das Forças Armadas.

## No Paiz das Amazonas (I)

Em 08/09/84, tomei conhecimento, com grande satisfação, da descoberta em Londres de uma cópia integral em perfeito estado de conservação, do filme clássico de Silvino Santos intitulado "No País das Amazonas". Naquele dia, no jornal "O Globo", Helena Salem publicou matéria obtida através de entrevista com o diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna, o amazonense Cosme Alves Neto.

Mais recentemente, meu filho Flávio, que fez uma pesquisa sobre o pioneiro do cinema no Amazonas (1981), localizou, no arquivo particular de Antonio Mattos Areosa, irmão do saudoso Governador Danilo Mattos Areosa, o "Programa da Sessão Cinematográfica para Revisão de alguns trechos do grande e sensacional filme do natural No País das Amazonas executado pela secção cinematographica de J. G. Araújo (Manáos-Brasil) para ser exhibido no Rio de Janeiro durante as Festas do Centenário". Na capa da publicação localizada podemos verificar local e data da sessão: "Manáos, 23 de junho de 1922".

Diante da surpreendente descoberta da Cinemateca do MAM, pareceu-me interessante divulgar o texto integral do folheto sobre o filme consagrado. Nele, podemos ler: "PROGRAMMA - 19" ) Ascenção do balão BRASIL e foguetões de luzes - 20) Ascenção do balão GAGO-SACADURA e foguetões de luzes - 30) Projecção de uma percella da parte "O Valle do Rio Branço" do grande film: NO PAIZ DAS AMAZONAS - 49) Ascenção do balão BELGICA e foguetões de luzes - 59) Projecção da parte (ainda incompleta) "Industria da Castanha" do interessante film: NO PAIZ DAS AMAZONAS - 6º) Projecção da parte (ainda incompleta) "Indústria da Pesca" do sensacional film: NO PAIZ DAS AMAZONAS - 79) Ascencão do balão J.G. ARAUJO e foguetões de luzes - NOTA - Como não acompanham ainda os films, as suas legendas, chamamos a attenção dos amáveis espectadores para o pequeno resumo, nas páginas seguintes, o qual innumera as scenas que vão ser projectadas. O VALLE DO RIO BRANCO do film NO PAIZ DAS AMAZO-NAS - Região riquissima, dotada pela Natureza de todos os recursos necessários para um rápido desenvolvimento, só carece do auxílio do homem para occupar logar de real destaque na história econômica do Brasil. Não se sabe o que mais admirar, se a immensidão de suas planícies sem film, onde pastam, à lei da Natureza, 300.000 cabecas de gado vaccum e mais 60.000 de cavallar, se a grandiosidade que nos desperta a vista, o scenario das serras, que de quando em quando interrompem a continuidade dos campos, ora descalvadas, ora cobertas de luxuriante vegetacão; dos rios que regam as suas ferteis terras; da elegância dos myritisaes que ornam os seus igarapés. É nesse verdadeiro paiz que a firma J. G. Araujo, possue, em cinco fazendas differentes com uma area total de 1.957.744.417 metros quadrados, cerca de 30.000 cabeças de gado vaccum e 4.000 de cavallar - Resumo da scenas que vão ser projectadas - 19 Fazendas da firma J. G. Araújo, na Serra do Maruay-Rodeadouro de aproximadamente 3.000 cabeças de gado - 2º) Fazenda "Alagadiço", pertencente à firma J. G. Araujo - Campeada de cavallos - 39) Um curral de gado na fazenda "Santa Maria", de propriedade da firma J. G. Araujo - 49 Grutta da Giboia, onde se encontram inscripções, que traduzidas pelo Snr. Coronel Bernardo

da Silva Ramos, provam detarem de 600 annos antes de Christo – 5º) Rodeio de gado na Gruta da Giboia, de propriedade os Snr. Coronel Bento Brasil".

As sequências filmicas foram captadas no lago do Ayapuá, Rio Purus, onde morei por mais de um ano e onde a natureza se impõe pela sua generosidade e beleza.

## No Paiz das Amazonas (II)

Além da parte intitulada "O Valle do Rio Branco" (cuja sinopse foi transcrita), há ainda o sumário de "A Industria da Castanha" e "Indústria da Pesca", a seguir: "A INDÚSTRIA DA CASTANHA do film NO PAIZ DAS AMAZONAS — Resumo das scenas que vão ser projectadas - 10) a Castanheira (Bertholecia Excelsa) - 29) Ramos e Ouricos - 39) Grupos de castanheiras - 49) Comparação da circumferencia das arvores - 59) Castanheiros equipados para o trabalho - 69.) A sahida para o castanhal - 70) Recolhendo ouricos debaixo das castanheiras - 80) Cortando os ouriços e retirando as castanhas - 90) Beneficiamento da castanha antes da sua entrega - 109) Entrega no paiol central - 119 Desembarque da castanha vinda de outros lagos - 129) O vapor "Ayapuá", que vae receber um carregamento de castanha - 13º) Dois transatlanticos recebendo castanha, no porto de Manáos - 149) Apreciadores de castanha - NOTA: - As scenas acima foram "filmadas" nos castanhaes da firma Lourenço Nicolau de Mello, Successores, na região do Ayapuá, Baixo Purus, sob a valiosa direção do Exmo. Snr. Dr. Adelino Costa - INDUSTRIA DA PESCA do film NO PAIZ DAS AMAZONAS - 19) A região dos lagos do Ayapuá - 29) Preparação de um pary para a pesca do peixe boi - 39) Arpoando um peixe boi. Este animal tem grande forca e mesmo depois de attingido pelo arpão arrasta a canôa do pescador a uma grande velocidade - 49) O moquem ou preparação do peixe para o almoço - 59) Regresso dos pescadores à feitoria - 69) Beneficiamento do peixe boi - Preparação de mixira - 79) Pesca do pirarucú - 8º) Arpoando e matando um pirarucú - 9º) Chegada dos pescadores vindos dos lagos - 109) Beneficiamento do pirarucú - 119) Abrindo as mantas e salgando - NOTA: - O trabalho acima foi executado nos lagos do Ayapuá, Baixo Purús, propriedade dos Snrs. Lourenço Nicolau de Mello, Successores — SCENAS DIVERSAS - 19) Aigrettes - 29) Estrada de rodagem Manáos-Campos Salles - 39) Chegada ao paquete "Hildebrand" ao porto de Manãos - 49) Uma preguiça".

O resumo vinha emoldurado por uma vinheta em estilo "art. nouveau" e, bem abaixo, em tipo menor: "Typ. Armazens Rosas".

Tanto no arquivo da cinemateca do Rio, quanto na coleção da Cinemateca Brasileira, em São Paulo, há vários documentos sobre a obra de Silvino Santos, particularmente sobre as exibições nacionais de "No País das Amazonas" (Manaus, Belém, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, etc.). A cópia xerográfica de importante documento sobre esse filme foi levada para a biblioteca da instituição paulista pela professora Selda Vale da Costa, da Universidade do Amazonas, que está preparando uma tese sobre a história dos espetáculos em Manaus. Uma vez que a cópia integral do filme, descoberta na Inglaterra, é provavelmente a que fazia parte do acervo da firma J. G. Araujo, acredito que — como o documento citado é dessa firma e vem em papel timbrado — se refere às seqüências da cópia recém descoberta. É o seguinte o seu conteúdo: "O documentário cinematográfico NO PAÍS DAS AMAZONAS compõe-se, como agora está, em onze bobinas de 16 mm., com mais ou menos 1.200 metros, focalizando: MANAUS — 3 Bobinas; PASCA DO PEIXE-BOI E DO PIRARUCU; COLHEITA E INDUSTRIALIZAÇÃO DA CASTANHA E DO FUMO (tabaco) 2 bobinas — COLHEITA DE LÁTEX E PREPARO DA BÓRRACHA; RIO

MADEIRA COM PORTO VELHO E CACHOEIRA "SALTO TEOTÓNIO" E CO-LHEITA E PREPARO DO GUARANÁ, EM MAUES; COLHEITA DO LÁTEX DE BALATA E PREPARO DO MESMO; BAIXO RIO BRANCO (atual Território Federal de Roraima) MOSTRANDO AS DIFICULDADES DE NAVEGAÇÃO, DEVIDO ÀS CACHOEIRAS; ALTO RIO BRANCO, ZONA DE CRIAÇÃO DE GADO".

Agora, cabe às autoridades culturais do Amazonas a providência da reprodução e divulgação do clássico filme amazonense, pelo seu valor histórico, estético e antropológico.

### Nova flor do Lácio

A "última Flor do Lácio, inculta e bela" de Bilac, pelo menos na muda plantada em nosso continente, parece estar vivendo uma crise grave. Talvez enfrente um outono, exigindo certos cuidados de jardinagem que convém sejam adotados com urgência. Aqui e ali, alguns gritos de alerta já se vêm registrando, como o do artigo veemente e oportuno do acadêmico Padre Nonato Pinheiro, sob o título "Pobre língua portuguesa", publicado recentemente. É de calcular-se a indignação de outros apaixonados do vernáculo e, se vivo fosse, mestre João Leda estaria em estado de angústia.

Trata-se de matéria de primordial importância, pois o idioma falado ou escrito é o veículo que transmite, expressa e define todos os objetos, fatos e atos, as emoções, as ciências e as artes, tudo, enfim, que nos cerca ou emana de nós. Com o passar do tempo, sobretudo nos últimos decênios, em vez de enriquecer-se ele veio sendo vítima de um desgaste profundo. Curiosamente, esta perda de substância não ocorreu em relação à qualidade de vocábulos — pois os dicionários acusam um grande aumento numérico de verbetes — mas na qualidade de seu uso corrente e na agressão sistemática às regras gramaticais básicas. São vícios impunes — e às vezes até louvados! — em relação à fonética, à prosódia e à sintaxe.

Preocupado, o próprio Presidente da República, membro da Academia Brasileira de Letras, resolveu intervir e acaba de designar uma comissão incumbida de examinar o problema e apresentar sugestões visando a uma tentativa de solução. Logo de início, entretanto, segundo notícias divulgadas pela Imprensa, cindiu-se o elenco daquela comissão em duas facções contrárias: uma, de tendência liberal e não-intervencionista, pretende que a língua deve ser a que o povo fala e ponto final. A gramática limitar-se-ia a consignar as iniciativas da prática, acolhendo-as passivamente. A outra facção, encabeçada pelo filólogo Antonio Houaiss, é de tendência intervencionista e, porisso, chamada conservadora. Entende que esta, sem prejuízo dos neologismos e das inevitáveis transformações semânticas, as normas da gramática devem ser planejadas, estabelecidas oficialmente e cumpridas. Repete-se, em tal dicotomia, sem tirar nem acrescentar, o debate analítico de duas tendências filosóficas: da escola empírica a ser contestada pela escola racionalista.

Todas as línguas têm uma vida própria e por esse motivo se renovam, do contrário ainda estaríamos usando aquele Português artificial dos Árcades oitocentistas. Mas, daí para transgredir intencionalmente e até suprimir todas as regras da Gramática, existe uma enorme distância.

Capítulo à parte, os modismos, embora cansativos quando raiam pelo exagero, não constituem erros. São apenas uma ênfase episódica sobre certas expressões. No momento quase não há exposição que não inclua o já abusivo "a nível de" como parece terem virado cacoete nas conversas os períodos iniciados por "veja bem" ou às vezes o "note bem". Declinou a praga do "na melhor medida".

O que, porém, fere os ouvidos de quem teve seus rudimentos de Latim (no velho Ginásio) e de um Português correto são coisas execráveis do tipo: "pra mim fazé": "tu levou". Para encobrir a incapacidade vocabular o "legal" substituiu um

número imenso de adjetivos e até é empregado como advérbio (Fulano trabalhou legal). O mesmo ocorre com "um barato" — talvez reação popular aos efeitos da inflação e da falta de poder aquisitivo. O próprio "a fim de" é está "propenso a". Em alguns casos, a inovação mais parece complicar do que facilitar, ou estender em vez de abreviar, como quando se substitui a expressão "talvez eu vá lá" por "de repente até que eu pinto por lá". Ficar aborrecido, zangado, passou a ser "ficar injuriado".

Quanto aos cacófatos, simplesmente foram absolvidos da pecha contida em sua etmologia, deixando de ser "sons desagradáveis"; passaram a ser livremente usados, pelo menos no Sul do País, mas é impossível desligar a campainha de alarme instalada na cabeça de quem, provindo de outras épocas, aprendeu a evitá-las.

## Ainda a flor do Lácio

Mestre Antonio Houaiss afirmou, em artigo de jornal publicado há cerca de doze anos, que a redução do vocabulário acaba levando à redução do raciocínio.

O velho anarquismo — tão falado, por exemplo, durante a Guerra Civil Espanhola — significa, etimologicamente, ausência de comando, falta de governo. Jean-Jacques Roussean concluiu empiricamente pela possibilidade da existência anárquica e Diderot proclamava — "Je ne vaux, ni donner, ni recevoir des lois". Isto no plano social e político, quando se declarava que "o homem nasceu livre e por toda parte vive agrilhoado".

Acontece que, se não houver normas, se não existir o império da lei, se não prevalecer a racionalidade organizada, tudo vira anarquia, nos sentidos corrente e etimológico da palavra. No caso de um idioma, o fato acaba às vezes conduzindo ao surgimento de dialetos — alguns até belos — trazendo uma fragmentação da unidade lingüística nacional. São a língua, a composição da família e as tradições sociais, com suas normas éticas e religiosas, que, basicamente, estruturam um país.

No Brasil, até agora permanecemos a salvo da existência da dialetos diferentes, apesar da natural ocorrência de expressões regionais diversas, e o rádio e a televisão contribuem naturalmente para tal unidade, mas - é oportuno ressalvar trazendo também uma parcela negativa, pela divulgação de alguns vícios de linguagem. Mera falta de um apuro que deveria existir e cujas consequências são uma terrível perda para o vernáculo e para a gramática. Há exemplos tristes disso na imitação, até com exagero, da fala dos nordestinos e de gente inculta de São Paulo, com pronúncia "carcamana", a dizer "io ricomendo", em vez de eu recomendo. De pouco tempo para cá, aconteceu e acontecimento passaram a "acont'ceu" e "acont'cimento. A expressão paulista "vou me trocar" significando "vou trocar de roupa", vem sendo adotada até pelo interior amazonense. Quando as TVs exibem filmes sobre fatos históricos ou épocas passadas, é rara a vez em que não haja a mais elementar confusão com o tratamento formal, usando-se Sua Excelência, Sua Majestade, em vez de Vossa Excelência, Vossa Majestade, como se fossem a mesma coisa. Vossa é usado ao nos dirigirmos à Excelência; e Sua é para nos referirmos à Excelência ausente.

Inúmeros são os erros possíveis de apontar e tomara que esta crônica sirva para dirimir alguma dúvida. Um tropeço que ocorre até com pessoas de certas luzes é a confusão entre ir de encontro (colidir, contrariar, chocar-se com) e ir ao encontro de (aproximar-se, concordar). Assim, ir de encontro a uma idéia ou ir ao encontro dela, são coisas inteiramente opostas.

Há substituições de significado que, consagradas pelo uso, acabam prevalecendo numa transformação semântica. Parece ser o caso de sofisticar, que correspondia a "sofismar, tratar com sutileza, adulterar, falsificar, usar de sofismas"; porém sofisticado, hoje, vale como requintado, coisa fina. Lembro do quanto ficou irritado certa vez o saudoso Cosme Ferreira Filho, ao deparar com o anúncio de uma "geladeira sofisticada"

Outro erro crasso e cada vez mais cometido é o de usar-se o verbo na terceira pessoa do singular após a expressão um dos que. Diz-se tranquilamente "um dos que assinou", "Fulano foi um dos que assistiu", quando o certo é que assina-

ram, "que assistiram", pois consistem em orações subordinadas adjetivas, devendo ir necessariamente para o plural, como se fossem adjetivos (um dos assinantes).

Na Manaus de antigamente, mesmo as mais humildes cozinheiras e lavadeiras falavam quase corretamente a Língua Portuguesa, de oitiva, por assim ouví-la de seus patrões, usando de forma adequada "traz-me", "leva-me", "diz-me" e até acrescentando um e ao final do verbo (traze, dize, etc.) de emprego arcaico, mas de origem erudita.

## Literatura regional

Pena é que algumas obras literárias produzidas neste Brasil afora ainda fiquem até hoje circunscritas, praticamente, a pouco além dos limites da região onde foram concebidas. Até quando se trate de um Estado do porte de Minas Gerais. Como ler-se, em Belo Horizonte, trabalhos editados no Amazonas, ou encontrarem-se em Manaus, por exemplo, "Crônica e Outras Bossas" do médico sanitarista diamantinense Theresino Caldeira Brant, ou "Isto Dantes em Ouro Preto", do engenheiro David Dequech, ou, também, "O Ontem", do ferroviário Antônio André da Luz, os três editados na Capital das Alterosas?

Estes aqui citados são livros muito ilustrativos e agradáveis, de leitura amena, com aquele "jeitão" mineiro de contar "causos". O primeiro narra a vivência de um médico que viajou pelos mais recônditos lugares do País, lutando contra a febre amarela, o impaludismo, a Doença de Chagas. Em meio a tantos episódios dramáticos, estórias engraçadas captadas e transmitidas por quem nasceu escritor. O segundo história com muita graça e valor literário toda a existência da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, fundada pelo sábio francés Henri Gorceix. Este depoimento me é particularmente conhecido porque cursou aquela Escola, inclusive no então prepolitécnico, um dos meus irmãos, o amazonense Antonio Uchôa Bittencourt, personagem que, sob o apelido de "Bituca", deixou marcas indeléveis na vida estudantil de Ouro Preto, ainda fazendo parte do fabulário da antiga Vila Rica.

E o livro "O Ontem", constitui uma crônica poética e sentimental de um homem que foi "operário, alfaiate, militar, músico, telegrafista, Chefe das estações de Furquim, Ribeirão do Carmo e Ouro Preto, aposentando-se em 1980 como Auxiliar do Controle de Transportes". Obra toda ilustrada, contém mensagem de otimismo e bom humor filosófico.

Esta falta lamentável de intercâmbio cultural, decorrente de má distribuição da produção intelectual brasileira, terá por bases a grandeza de nosso território, a talvez insuficiente quantidade de livrarias, o alto preço das publicações acrescido ao custo do transporte, a ausência progressiva do hábito da leitura substituída por novos meios de comunicação e o baixo poder aquisitivo da classe média, além de outros prováveis fatores específicos do comércio de livros.

Só para dar água na boca e a título de amostragem, focalizo alguns trechos do trabalho de Theresino Caldeira Brant.

Ao procurar o responsável por uma Colônia Agrícola Federal, apresentouse dizendo estar ali para um inquérito a respeito de determinada doença. O funcionário logo retrucou: — "Ah! Doutor, não faça isso! Inquérito dá cada sujeita..."

Outro: "Geraldo Mata Machado estava noivo de uma moça de Uberaba. O pai, rico fazendeiro, deu-lhe um zebú de raça e valor como presente. Ele matou o bicho e convidou os amigos para um grande churrasco. Comemos e bebemos a valer. Porém é escusado dizer-se que o casamento não saiu". Noutros capítulos: "Lembrome de que certa vez estava em Maceió e me dirigi a um restaurante para almoçar. Fiquei surpreso ao ler um aviso na porta principal — Fechado para almoço". "Numa cidade do interior, num pequeno hospital, faço um exame cardiológico completo

em um senhor, inclusive com radiografia e eletro. Na saída, digo à irmã superiora, que ansiosa aguardava o resultado — ele não tem nada. Tem um ótimo coração. — "Doutor, que absurdo, não diga isso, não diga isso". Só então fiquei sabendo que o examinado era um prisioneiro que ali estava, escoltado, por haver matado a própria mãe, atirando-lhe querosene às vestes e ateando-lhe fogo. Era tido, com razão, na cidade, como um monstro". . .

#### O baile

O dia sete de setembro de 1922, comemorativo do 1º Centenário da Independência do Brasil, trouxe muita movimentação à cidade de Manaus. O Desembargador César do Rego Monteiro — em meio a seu governo, que terminaria de forma dramática e melancólica, em 1924, cem a revolta popular chefiada pelo Tenente Ribeiro Júnior — oferecia um suntuoso baile no Palácio Rio Negro, em que também se festejavam os aniversários da esposa, D. Elisa, e de uma filha. Testemunhos da época me deram conta de alguns detalhes daquele acontecimento social, tão contrastante com o estado de miséria do povo amazonense, os funcionários com seus vencimentos em atraso, os cofres públicos vazios, quase todos os pagamentos suspensos.

A população formou alas de um "sereno" compacto e extenso, em vasto trecho da Avenida Sete de Setembro, e vaiava ou até aplaudia, em algumas raras exceções, os convidados que chegavam. Dentro do Palácio um "serviço" requintado, garçons servindo bebidas finas, refrescos, sorvetes de frutas, cigarros e charutos. Todos os cavalheiros de casaca, enquanto as damas trajavam (atendendo pedido da anfitriã) "à segundo Império". Embora se comemorasse um evento do Primeiro Império, é provável que os atavios do Segundo, conviessem melhor aos padrões de beleza de 1922, considerando-se que eram gordinhas quase todas as

nossas elegantes de então.

Tenho no arquivo da família, além de duas fotografias do baile, tiradas nos salões do Palácio, um precioso convite-programa, hoje uma curiosidade a atestar a opulência da festa. Esse convite, bem diagramado em desenhos e florões, reproduz em sua última capa o célebre quadro do "Grito do Ipiranga". Na primeira, entre os emblemas da República e do Estado, contém: "Palácio Rio Negro/Primeiro Centenário da Independência do Brasil — 1822-1922/Recepção à Sociedade Amazonense pelo Governador do Estado, Des. César do Rego Monteiro e Esposa, em comemoração à grandiosa data 7 de Setembro". Nas páginas interiores, o programa, constituído de Concerto e, depois, Baile. As "Comissões de Recepção"

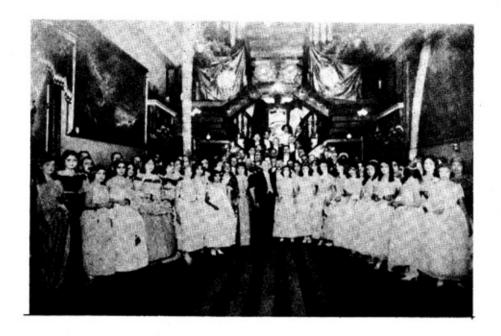
compunham-se de vinte senhoritas e vinte senhores.

O Concerto abrangia: 1 — Hino da Independência, solo de Madame Marcelina Lyra e coro de vinte senhoritas; 2—]"Ave, Independência!", poesia de Heitor Veridiano, recitada pela Sta. Lúcia Rubim; 3— "A Brasileira", grande marcha triunfal sobre os hinos da Independência e Nacional, de Arthur Napoleão, pela Srta. Bettina Ribeiro; 4— "Devaneio", das "Peças líricas" de Alberto Nepomuceno, pela pianista Srta. Maria Pernet; 5— "Independência ou Morte", poesia de Octávio Sarmento, pela Srta. Necys da Silveira; 6— "Anhelo", das "Peças líricas" de Alberto Nepumuceno, pela Sta Maria Normando; 7— "Hino Nacional Brasileiro"— grande fantasia sobre motivos do Hino Nacional, de Gottschalk, pela pianista Aurora Saraiva, 8— "Saudação", pela Srta. Vidi Gonçalves; 9— Hino Nacional Brasileiro— solo da Srta. Natalina da Silveira, piano pela Srta. Esmeralda Normando e coro das mesmas senhoritas que cantaram o Hino da Independência.

Aí, chega-se ao momento das danças, na segunda parte da recepção: Ouverture - Marcha "Independência ou Morte!" - 1 - "O Sol da Liberdade", (Valsa); 2 - "Os Nautas do Azul" (One-Step); 3 - "Relembrando" (Tanguinho); 4 – "Harold Lloyd" (Rag-time); 5 – "Pensamento Oculto" (Valsa);6 – "Serpentina" (Tanguinho)"; 7 – "Ypiranga" (Rag-time). Segue-se um "Intermezzo" com a "Symphonia do Guarany" e depois; 8 – "Lucia" (Valsa); 9 – "Bandeirantes" (Rag-time); 10 – "Amazônia" (Tanguinho); 11 – "Mocinha" (Fox-trot); 12 – "Amor de Pastor" (Valsa); 13 – "Decidido" (Tango); 14 – "Beleza Celestial" (Valsa) e 15 – "Le Perroquet" (One-step). Final – Hino Nacional Brasileiro.

Foi assim que em Manaus se festejou, há sessenta e dois anos, o centenário da Independência. Quem visse aquele baile não poderia imaginar a penúria existente no Amazonas, mas já dava para pressentir o que veio a acontecer em 23

de julho de 1924.



# Justas homenagens

Prepara-se a Academia Amazonense de Letras para, em novembro deste ano, festejar o centenário de nascimento de Benjamin Franklin de Araújo Lima, um dos seus fundadores e seu primeiro presidente. Já no ano passado ali se homenageou, por igual motivo o nome de José Francisco de Araújo Lima. Em seu tempo, pelo brilho, pela cultura e pelo altíssimo padrão intelectual de ambos. embora nascidos no Pará, foram chamados de "os Irmãos Goncourt" do Amazonas. José Francisco foi médico, professor, político, administrador, autor de obras científicas e literárias das quais o ponto culminante é o consagrado ensaio "Amazonia — A Terra e o Homem". Ficou na memória do público sua notável atuação como Prefeito de Manaus.

Benjamin Lima (como se assinava) permaneceu na capital amazonense de 1890 a 1919, onde casou em 1910 com a senhora Cacilda Mello de Araújo Lima, transferindo-se com a família para o Rio de Janeiro. Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, pensador, orador e escritor de ilimitados recursos, era um esteta perfeito da palavra. Sobretudo, uma criatura de excepcional bondade humana, a quem muitos amazonenses recorreram.

É oportuno recordar a atuação do Dr. Benjamim Lima no Amazonas, tendo exercido cargos de relevo em Manaus, como Oficial de Gabinete de Governador, Procurador do Estado, Diretor da Penitenciária, Professor da Faculdade de Direi-

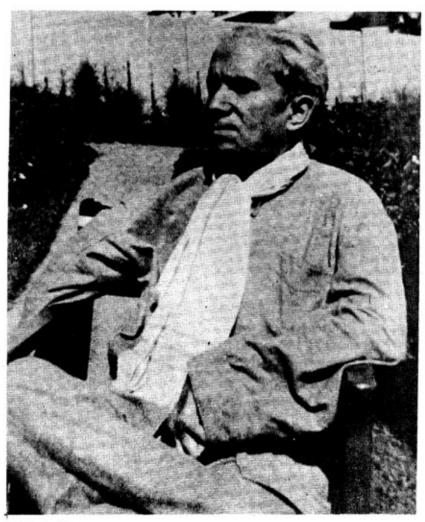
to, sem prejuízo de sua produção literária.

Escreveu diversas peças de teatro, mas foi na qualidade de jornalista que alcançou maior projeção, principalmente na imprensa do Rio e São Paulo. Voltou ao Amazonas em 1920 como Delegado Regional do Recenseamento, onde conseguiu eficiente resultado, pois era um incansável trabalhador. Ao voltar ao Rio, continuou a ser o defensor intransigente de nossa terra, uma espécie de advogado gratuito dos interesses do Amazonas. Um bom exemplo disso ocorreu em 1925 ao findar-se o ruinoso quatriênio do Governo Rego Monteiro. Benjamin Lima. integrado na opinião geral de revolta provocado pelos desmandos administrativos, denunciou, em artigo de jornal, um dos crimes. Atingido diretamente pela acusação, o então responsável pelo Tesouro Estadual, Antonio Augusto Lobato de Faria, recorreu à via judicial. A causa teve enorme repercussão, terminando com a vitória de Benjamim Lima, representado na lide pelos doutores Euzébio de Queiróz Lima e Edgard de Castro Rebello. Essa questão famosa veio a ser publicada num pequeno livro de sessenta e três páginas, intitulado "Para Melhor Fama da Lei de Imprensa".

Na homenagem que agora prestará ao seu primeiro Presidente, a Academia por certo evocará sua própria origem, o esforço e o mérito dos homens daquele tempo — pioneiros na iniciativa de que resultou a mais insigne instituição literária do Amazonas.

Benjamin Lima foi, pois, um jornalista fecundo sobre o qual a nova geração tem pouco conhecimento, apesar de ser nome de rua em Manaus.

Igualmente em novembro próximo, ocorrerá — é de registrar-se — o centenário de nascimento do artista professor Olympio de Menezes, que foi catedrático de desenho do antigo Ginásio Amazonense, pintor de grande prestígio, mas cujas obras (como algumas que guarneceram durante décadas o vestíbulo do Teatro Amazonas) foram, por circunstâncias várias e talvez estranho desígnio, desaparecendo uma a uma, a ponto de quase mais nada restar, sequer para memória de uma obra tão aclamada em seu tempo.



Benjamin Lima

#### Finis

Nem velha nem moça,
Mas com alegre leveza
Baila a memória
No sol de Manaus
(Pouca chuva há no passado)
Lá de longe amigos vêm e saúdam,
Saudo-os também
E estabeleço o diálogo:

- Mas Coronel, que roupa é essa?
- Menina, por que essa cara?
- Companheiro, não se exalte!
- À Chapada não posso ir!

Assim vão correndo as horas

Com relembranças surgindo:

Flutuante e cúmplice convívio

De éter e ser conversando

Imaginária conversa

No espaçotempo transposto.

O filme antigo, em videocassete,

Tanta coisa vai mostrando,

O movimento é intenso —

Quantos fatos, quanta gente!

Chega então a despedida,

A fita acaba, o sol apaga,

O presente impõe seu muro.

Ao ontem digo até amanhã.











